

**ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

**O USO DE [ÃW] E [Õ] NO FALAR DA COMUNIDADE CORIXA: ATITUDES E  
CRENÇAS LINGUÍSTICAS**

**SIMONE CARVALHO MENDES**

**CÁCERES-MT  
2018**

SIMONE CARVALHO MENDES

**O USO DE [ÃW] E [Õ] NO FALAR DA COMUNIDADE CORIXA: ATITUDES E  
CRENÇAS LINGUÍSTICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Orientadora: Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim.

**CÁCERES-MT  
2018**

MENDES, Simone Carvalho.

M5380

O Uso de [ÃW] e [Õ] no Falar da Comunidade Corixa: Atitudes e Crenças Linguísticas/Simone Carvalho Mendes – Cáceres, 2018.

97f.

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Campus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientadora: Jocineide Macedo Karim

1.Sociolinguística. 2.Usos Linguísticos. 3. Atitudes Linguísticas. 4. Corixa-MT. I. Simone Carvalho Mendes. II. O Uso de [ÃW] e [Õ] no Falar da Comunidade Corixa: Atitudes e Crenças Linguísticas:

CDU81'27(817.2)

Ficha catalográfica elaborada por Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

**SIMONE CARVALHO MENDES**

**O USO DE [ÃW] E [Õ] NO FALAR DA COMUNIDADE CORIXA: ATITUDES E  
CRENÇAS LINGUÍSTICAS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Jocineide Macedo Karim  
Orientadora – PPGL/UNEMAT

---

Professora Dra. Mônica Cidele da Cruz  
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

---

Professora Dra. Áurea Cavalcante Santana  
Avaliadora Externa – UFMT

---

Professor Dr. Taisir Mahmudo Karim  
Suplente

APROVADA EM: 23 DE JULHO DE 2018

Dedico este trabalho a Deus, meu refúgio e fortaleza. Aos meus filhos Isis Mariana e Ítan Vitório que, apesar de pequeninos, compreenderam minha ausência durante todo esse percurso. Aos meus pais Silvia e Francisco, a minha irmã Silmara, aos meus irmãos Fagner e Samuel por todo amor, incentivo e palavras de fé que sempre me fizeram continuar. Aos meus queridos professores, em especial, a minha orientadora Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim, minha eterna gratidão, pois essa vitória não seria possível sem vocês.

*[...] Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas. Em outras palavras, as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. (Alkmim, 2004, p.33)*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me proporcionado a oportunidade de realizar este sonho, sendo meu auxílio, refúgio e fortaleza nos momentos difíceis.

Agradeço, em especial, a minha amada mãe, dona Silvia, meu melhor exemplo de determinação, força, coragem e fé. Seu apoio e amor incondicional me impulsionaram a seguir em frente e chegar até aqui.

Agradeço ao meu pai Francisco, pelas orientações e amor que sempre me dedicou.

Meus agradecimentos a toda minha família, pessoas maravilhosas que não mediram esforços para que este estudo se realizasse. Ao meu irmão Samuel, ao meu irmão Fagner e minha irmã Silmara, pela enorme contribuição ao me auxiliarem em minhas entrevistas. Ao meu primo Jonas, por ter cedido seu carro para realização da coleta de dados e por nos acompanhar em nossas idas e vindas até a comunidade. Minha eterna gratidão!

Agradeço ainda, aos meus amados filhos Isis Mariana e Ítan Vitório, pelo amor, carinho e compreensão.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres, muito obrigada.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim, pela oportunidade e confiança, pelas conversas teóricas, pelos conselhos, por compreender meu lado mãe, nos momentos em que me ausentei para cuidar dos meus pequenos e, principalmente, por toda atenção dedicada a mim. Minha eterna gratidão!

Aos meus amigos de estudo, pelas conversas e debates, pelos momentos de descontração, pelas broncas e, acima de tudo, obrigada pela amizade de cada um.

Às famílias que nos receberam na comunidade Corixa e aceitaram responder ao nosso questionário. Aos meus amigos que me guiaram e me introduziram na comunidade. Minha eterna gratidão!

À banca avaliadora,

À CAPES, pela bolsa concedida.

## RESUMO

Esta pesquisa está inscrita no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT, na linha de pesquisa processo de variação e mudança, e foi desenvolvida sob os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística. Nosso objetivo, neste estudo, é descrever e analisar o uso de [ãw] e [õ] no falar da comunidade Corixa. Este fenômeno linguístico consiste na troca da forma padrão [ãw] por [õ] em palavras terminadas com o ditongo nasal [ãõ], quando pronunciadas oralmente, assim palavras como mão/pão/coração/limão, são pronunciadas como mon/pon/coraçon/limon. Apresentamos também nesta pesquisa, algumas descrições e análises das atitudes e crenças linguísticas da comunidade. A Corixa localiza-se no Alto Pantanal mato-grossense, entre a cidade de Cáceres/Brasil e San Matias/Bolívia, este espaço fronteiro apresenta diversidades culturais e linguísticas, as quais nos forneceram inúmeros dados para o desenvolvimento desta pesquisa. O estudo aqui apresentado é composto por pesquisas bibliográficas e entrevistas (transcritas e analisadas), estas foram realizadas com 24 fronteirizos, todos selecionados, respeitando alguns critérios, como: todos os entrevistados são nativos da comunidade, pertencentes às seguintes faixas etárias, de 20 a 30 anos, de 38 a 48 e, a partir de 58 anos, dos sexos masculino e feminino. As entrevistas realizadas na respectiva comunidade foram produtivas, de modo que apareceram diferentes usos linguísticos no falar local, dentre os quais estão alguns usos típicos do falar rural, do falar popular e do falar mato-grossense, desta maneira selecionamos para este estudo o uso de [ãw] e [õ] no falar da comunidade. Tal fenômeno chamou nossa atenção, pois dentre as demais diversidades linguísticas apresentadas pelos nativos, esta se mostrou atuante no falar local. Inferimos que este fenômeno linguístico, a alternância de [ãw] por [õ], é uma herança linguística deixada nestas regiões pelos colonizadores, nas cidades fundadas no período do Brasil-Colônia. Dos resultados obtidos com esta pesquisa, constatamos a manutenção do uso da variante regional [õ] pelo grupo mais velho e intermediário, bem como, constatamos a escolha dos mais jovens pela variante padrão [ãw], havendo deste modo, a coexistência de ambas as variantes nos três grupos analisados. O fato do grupo de pessoas de 38 a 48 anos e o grupo de pessoas com mais de 50 anos, manterem o uso de [õ] em suas falas e o outro grupo composto por jovens de 20 a 30 apontar uma aparente mudança, optando pelo uso de [ãw], podem ser o resultado das atitudes dos falantes diante de sua língua.

**Palavras-chave:** Sociolinguística, Usos linguísticos, Atitudes linguísticas, Corixa-MT.

## ABSTRACT

This dissertation is inscribed in the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics of UNEMAT, in the research line of variation and change process, and was developed under the theoretical and methodological contributions of Sociolinguistics. Our objective, in this paper, is to describe and analyze the use of [ãw] and [õ] in speaking of the Corixa community. This linguistic phenomenon consists in exchanging the standard form [ãw] for [õ] in words ending with the nasal diphthong, when pronounced orally, so words like *mão* / *pão* / *coração* / *limão* are pronounced as *mon* / *pon* / *coraçon* / *limon*. We also show in this paper, some descriptions and analyzes of the attitudes and linguistic beliefs of the community. Corixa is located in the Upper Pantanal of Mato Grosso, between the city of Cáceres / Brazil and San Matias / Bolivia, this frontier area presents cultural and linguistic diversities, which provided us with numerous informations for the development of this research. The paper presented here is composed of bibliographical researches and interviews (transcribed and analyzed), these were carried out with 24 frontiers, all selected, respecting some criteria, as: all the interviewees are natives of the community, belonging to the following age groups, from 20 to 30 years old, from 38 to 48 years old and, from 58 years of age, of the male and female sexes. The interviews conducted in the respective community were productive, so that different linguistic uses appeared in local speech, among which are some typical uses of rural speaking, popular speaking and Mato Grosso speaking, in this way we selected for this study the use of [ãw] and [õ] in speaking of the community. This phenomenon attracted our attention, since among the other linguistic diversities presented by the natives, this one was active in the local speech. We infer that this linguistic phenomenon, the alternation of [ãw] by [õ], is a linguistic heritage left in these regions by the colonizers, in the cities founded in the period of Brazil-Cologne. From the results obtained with this paper, we verified the maintenance of the use of the regional variant [õ] by the older and intermediate group, as well as, we verified the choice of the younger ones by the standard variant [ãw], thus, the coexistence of both variants in the three groups analyzed. The fact that the group of people between 38 and 48 years old and the group of people over 50 years of age maintain the use of [õ] in their speeches and the other group composed of young people from 20 to 30 point to an apparent change, opting for use of [ãw], may be the result of the attitudes of the speakers before their language.

**Keywords:** Sociolinguistics, Linguistic uses, Language attitudes, Corixa-MT.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Faixas-etárias dos entrevistados.....	27
<b>Tabela 2:</b> Perfil sociocultural dos entrevistados na pesquisa.....	28
<b>Tabela 3:</b> Realizações dos usos na comunidade Corixa.....	38
<b>Tabela 4:</b> O uso de [ãw] e [õ] no falar masculino.....	46
<b>Tabela 5:</b> O uso do [ãw] por [õ] no falar feminino.....	48
<b>Tabela 6:</b> O uso [ãw] e [õ] na primeira faixa etária, de 20 a 30 anos.....	52
<b>Tabela 7:</b> O uso [ãw] e [õ] na segunda faixa etária, de 38 a 48 anos.....	54
<b>Tabela 8:</b> O uso [ãw] e [õ] na terceira faixa etária, a partir de 58 anos.....	56

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra televisão.....	40
<b>Gráfico 2:</b> Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra procissão.....	41
<b>Gráfico 3:</b> Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra perdão.....	42
<b>Gráfico 4:</b> Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra coração.....	43
<b>Gráfico 5:</b> Total de ocorrências de [ãw] e [õ].....	45
<b>Gráfico 6:</b> Resultados dos usos linguísticos por faixa etária.....	51
<b>Gráfico 7:</b> Avaliando a comunidade.....	64
<b>Gráfico 8:</b> Avaliação do clima local.....	66
<b>Gráfico 9:</b> Como as pessoas de fora veem os fronteiriços, ponto de vista dos próprios nativos.....	68
<b>Gráfico 10:</b> A rivalidade/desentendimento entre brasileiros e bolivianos na comunidade.....	70
<b>Gráfico 11:</b> Você tem amigos bolivianos? .....	73
<b>Gráfico 12:</b> Qual é a diferença entre brasileiros e bolivianos? .....	75
<b>Gráfico 13:</b> Quem é o bugre? .....	76
<b>Gráfico 14:</b> Quais são as principais características do bugre? .....	79
<b>Gráfico 15:</b> Que língua é considerada mais importante na fronteira: o português ou o castelhano? .....	82
<b>Gráfico 16:</b> Qual língua é mais fácil para aprender? .....	84
<b>Gráfico 17:</b> Qual língua é mais bonita/ agradável?.....	86

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 A COMUNIDADE CORIXA.....</b>	<b>16</b>
1.1 A Cidade de Cáceres e a Comunidade Corixa.....	16
1.1.1 De vila Maria à cidade de Cáceres.....	17
1.2 A Formação Étnica da Comunidade Corixa.....	19
1.3 O Modo de Vida da Comunidade.....	21
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
2.1 A Coleta de Dados na Comunidade Corixa.....	24
2.2 Os Entrevistados.....	26
2.3 A Transcrição dos Dados .....	35
<b>3 O FALAR DA COMUNIDADE CORIXA: O USO DE [ÃW] E [Õ].....</b>	<b>37</b>
3.1 Realizações de [ãw] e [õ] na Comunidade Corixa.....	37
3.2 O Uso de [ãw] e [õ] na Comunidade Corixa: análises a partir do questionário do ALiB (2001).....	39
3.3 A Variável Sexo em um Contexto mais Amplo.....	44
3.3.1 Uso de [ãw] e [õ] no falar masculino.....	45
3.3.2 Uso de [ãw] e [õ] no falar feminino.....	47
3.4 A Variável Idade.....	50
3.5 Aspectos importantes da Pesquisa.....	57
3.6 O Uso de [ãw] por [õ]: Estudos Realizados.....	58
<b>4 ATITUDES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE CORIXA: OS NATIVOS, SUA LÍNGUA E O SEU MODO DE VIDA.....</b>	<b>63</b>
4.1 A Visão dos Nativos sobre a Comunidade.....	63
4.2 Fronteira: relação de identidade e pertencimento.....	66
4.3 A Língua Materna <i>Versus</i> a Língua do Outro: a visão dos fronteiriços.....	80
4.3.1 Que língua é mais importante na fronteira: o português ou castelhano.....	80
4.3.2 A língua mais fácil.....	83
4.3.3 A língua mais bonita/agradável, segundo os fronteiriços da Corixa.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>94</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tomou como aporte teórico e metodológico a Sociolinguística, área analítica de cunho qualitativo e quantitativo, que busca sistematizar as línguas existentes, através da observação, descrição e análise dos dados. Esta área teórica tem como precursor o pesquisador Willian Labov (1972/2008<sup>1</sup>), autor cujos estudos, redimensionaram as pesquisas relacionadas à fala em sociedade.

A Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua falada em contextos sociais, deste modo, Labov 2008, p. 216, aponta que, “Há muito o que se fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica”, sendo assim, tomamos como espaço de pesquisa uma pequena comunidade rural chamada Corixa. Tal comunidade possui particularidades que formam a diversidade local, dentre elas, podemos citar o fato de estar situada na linha divisória com a Bolívia e ter uma Unidade do Exército Brasileiro, em torno da qual foi formada a comunidade, fatores importantes para a constituição deste estudo.

A fronteira por si só é um espaço ambíguo, onde tudo acontece. É um lugar de movimento, de fluxo contínuo, ou seja, a fronteira em qualquer de suas dimensões torna-se uma interessante fonte de pesquisa, daí a nossa escolha pela comunidade Corixa. Segundo Januário (2004, p.33), a comunidade selecionada para este estudo é “uma região muito peculiar, onde convivem grupos sociais distintos (o brasileiro, o boliviano, o índio, o militar e o mestiço) formando um todo heterogêneo” e, é exatamente essa diversidade que nos motivou a realizar este estudo fronteiriço.

Em nossas pesquisas, encontramos na comunidade Corixa, diferentes usos linguísticos, e de acordo com Alkmim (2004, p. 32), “ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar”, ou seja, a comunidade em estudo apresenta diversidades linguísticas bem características, das quais alguns usos são típicos do falar rural, outros são típicos do falar popular e ainda encontramos usos linguísticos típicos do falar mato-grossense.

Destes usos, chamou-nos a atenção, à recorrência do uso de [ãw] e [õ] em sílaba final, na comunidade em estudo, o que nos levou a fazer um recorte e analisar nesta pesquisa, somente este uso linguístico, levando em consideração que tal fenômeno já foi atestado por diferentes

---

<sup>1</sup> A obra original de Labov é de 1972, porém neste estudo trabalhamos com a tradução, realizada pelos pesquisadores Bagno, Scherre e Cardoso, 2008.

pesquisadores em outras comunidades do interior de Mato Grosso, dentre eles estão Silva M. (2000), Macedo-Karim (2012) e Dias (2016).

Alkmim (2004, p. 39) destaca que “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, sexo, etc. e segundo a situação em que se encontrar”, sendo assim, compreendemos que a língua varia, conforme os espaços ocupados pelo falante e, com isso, alguns usos linguísticos se mantêm vivos no falar de determinadas comunidades por muitos anos, principalmente, se esta tiver passado por um longo período de isolamento, como é o caso da comunidade Corixa.

Desta maneira, apresentamos também, as atitudes e crenças linguísticas da comunidade em estudo, tendo em vista, que existe uma aparente mudança em andamento no falar dos mais jovens, tais mudanças podem estar relacionadas, dentre outros fatores, à atitude destes para com a língua em uso na comunidade, deste modo, torna-se pertinente a análise de atitudes e crenças linguísticas dos nativos da comunidade.

Alkmim (2004, p. 35) destaca que, “por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”, ou seja, as atitudes linguísticas dos entrevistados, podem nos dizer muito da manutenção do uso da forma padrão regional [õ]<sup>2</sup> pelo grupo mais velho e intermediário, bem como, pode nos dizer também da escolha dos mais jovens pela forma padrão [ãw], de maneira que existe a coexistência de ambas as formas nos três grupos, por este motivo falamos neste estudo da *alternância* de uso.

Como *corpus*, selecionamos para esta pesquisa, os sexos masculino e feminino, sendo estes divididos em três faixas etárias distintas: de 20 a 30 anos (os mais jovens), de 38 a 48 anos (os intermediários) e pessoas acima de 58 anos. Vale lembrar que tal distribuição etária é muito importante na observação da descrição linguística. As entrevistas foram realizadas com 24 pessoas nativas da comunidade Corixa.

A seguir apresentamos os objetivos da pesquisa, considerando a comunidade Corixa:

- Pesquisar as variações linguísticas no falar da comunidade;
- Descrever os usos linguísticos [ãw] e [õ] em uma análise sincrônica;
- Medir a frequência de uso de [ãw] e [õ];

---

<sup>2</sup> Neste estudo trataremos as formas como padrão e padrão regional, tendo em vista que tais fenômenos já foram atestados no falar da cidade de Cáceres-MT, por outros estudiosos.

- Analisar as atitudes linguísticas.

A dissertação está organizada em quatro seções:

Na seção 1, situamos o leitor sobre o espaço onde desenvolvemos nossa pesquisa, ou seja, apresentamos a comunidade Corixa, passando por sua constituição, formação étnica até a descrição das tradições e do modo de vida local.

Na seção 2, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, ou seja, descrevemos a nossa entrada na comunidade, apresentamos os critérios de seleção dos entrevistados, e descrevemos ainda, como ocorreu a transcrição dos dados para análise.

Na seção 3, apresentamos nossas análises de cunho Variacionista, apontamos os usos linguísticos mais recorrentes na comunidade Corixa, apresentamos os estudos realizados em Mato Grosso, nos quais foi atestado o uso de [ãw] e [õ]. Realizamos também as descrições e análises deste fenômeno linguístico, conforme os fatores extralinguísticos.

Na seção 4, apresentamos nossas análises de atitudes e crenças linguísticas, de maneira que descrevemos e analisamos as atitudes dos fronteiriços diante da sua língua, bem como, diante da língua do outro, ou seja, do boliviano. E para finalizar, destacamos as considerações finais deste estudo.

## A COMUNIDADE CORIXA

Nesta seção, apresentaremos um breve percurso histórico sobre a comunidade Corixa mostrando um pouco do modo de vida desta comunidade. Trazemos a história de Cáceres, a fronteira, a militarização e sua povoação, bem como do antigo Destacamento do Exército Corixa, hoje, Pelotão Especial de Fronteira com suas funções, e os grupos que o compõe.

Deste modo, agrupamos os assuntos citados acima em três temas: a) A cidade de Cáceres e a comunidade Corixa; b) A formação étnica da comunidade; c) O modo de vida dos fronteiriços. Organizamos os tópicos desta maneira, pois tais fatores são necessários para a apresentação e descrição da comunidade, de maneira que o modo de vida, os costumes e hábitos que lhes são específicos também podem ser perceptíveis em suas falas e atitudes em relação à língua, conforme será apresentado nos próximos capítulos.

### 1.1 A Cidade de Cáceres e a Comunidade Corixa

Descrever a cidade de Cáceres e a comunidade Corixa é falar de fronteira, não uma fronteira somente enquanto delimitação de espaço, mas uma fronteira com muitas possibilidades e acontecimentos históricos. Tanta diversidade são fatores influenciadores do falar e das atitudes linguísticas presentes na comunidade local. A natureza é outro aspecto convidativo para esta região pantaneira, com uma fauna e flora diversificada. Todo este cenário compõe nossa pesquisa e amplia as possibilidades de discussões em todas as vertentes.

Sobre fronteira Januário (2004), conceitua:

A fronteira, em qualquer de suas dimensões, é uma construção humana que remete a contornos, a limites entre, e ao mesmo tempo remete a contatos, a relações de extremas, de margens [...] A fronteira é, por conseguinte, um espaço de diversidade em relação, num contraditório de confrontos e encontros, de inclusões e exclusões, de solidariedades e intolerâncias [...] Na esfera sócio-cultural, fronteira é “zona” das encruzilhadas, espaço de ambiguidade de trânsito entre simbólicas, de percurso entre identidades e suas regulações. Na vida comum no dia-a-dia dos que a habitam, fronteira não é limite, não é separação entre um grupo e seu exterior. Fronteira é possibilidade de muitas afiliações, de aproximações, de passagens, de mobilidades, sem deixar, todavia, de ser foco de processos de diferenciações, de atribuições de vantagens e desvantagens [...] Sob a ótica da relação entre educação e cultura, a fronteira também constitui um objeto de investigação extraordinariamente rico. (JANUÁRIO, 2004, p. 17)

Concordamos com o posicionamento do autor citado, quando ele diz da pluralidade que constitui a fronteira, deste modo, nos enveredaremos na história que constitui a fundação

da cidade de Cáceres, assim como a criação do Destacamento<sup>3</sup> do Exército Brasileiro na localidade Corixa, na divisa com a Bolívia, ou seja, parte da fronteira. Desse modo, faremos um percurso em que apresentaremos um pouco da história que compõe a fronteira Brasil/Bolívia.

A cidade de Cáceres está localizada a 240 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da fronteira do Brasil com a cidade boliviana de San Mathias. A extensão territorial da cidade é de 24.965,94 km<sup>2</sup>, está localizada na Mesorregião Centro-Sul mato-grossense, na Microrregião do Alto Pantanal, com a área sul do município fazendo parte do Pantanal mato-grossense, o município possui paisagens diferenciadas, sua fauna e flora são atrativos que contribuem para o turismo local.

O município de Cáceres possui parte de seu território na divisa com a Bolívia, ou seja, uma localidade fronteira, tal proximidade é perceptível, pois é constante a presença de bolivianos circulando na cidade. E por ser limítrofe com o país boliviano, passa a ser um dos pontos estratégicos de proteção ao país, já que sua colonização se deu exatamente por se situar na fronteira.

### **1.1.1 De Vila Maria à cidade de Cáceres**

A cidade de Vila Maria do Paraguai foi fundada em um período de mudança, já que neste período a capital do estado tinha sido transferida para Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1752. Esta mudança levou o então governador Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres a determinar a criação de um ponto estratégico de controle das passagens pelo Rio Paraguai. O ponto deveria estar localizado entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá que no período era o maior centro econômico da região, mas a real intenção era criar um ponto estratégico em defesa do Reino. Inicialmente alegavam a necessidade de cobrar os quintos da Coroa e evitarem o contrabando do ouro retirado de Cuiabá e de Vila Bela da Santíssima Trindade, e pouco tempo depois, construíram o posto militar de Vila Maria do Paraguai (Póvoas, 1977).

Segundo Siqueira (2004):

Pensando em estabelecer uma conexão efetiva entre a vila de Cuiabá e a capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, esse governante mandou fundar Vila Maria, a meio caminho dessas duas importantes vilas. Povoadas inicialmente com casais de índios da missão Jesuítica de Chiquitos, essa vila marcou mais um espaço ocidental da fronteira lusitana. Foi instalada

---

<sup>3</sup> Destacamento é um lugar, onde são agrupados alguns militares, com a missão de resguardar ou assegurar a proteção de um determinado lugar ou país. O Destacamento Corixa era uma unidade pertencente ao 2º Batalhão do Exército Brasileiro, este foi desativado em Março de 2014 e criado o Pelotão Especial de Fronteira.

oficialmente a 6 de outubro de 1978, sob o nome de Vila Maria (atual Cáceres), em homenagem a D. Maria, rainha de Portugal. (SIQUEIRA, 2004, p.53)

Ou seja, o povoamento desta região demarcou definitivamente o território enquanto terras lusitanas, e como podemos observar ao longo da história, a maioria das cidades colonizadas por portugueses, tinham como objetivo a delimitação/demarcação do espaço através do povoamento e instalações de postos militares, principalmente, as terras limítrofes com outras coroas. Assim ocorreu com a cidade de Cáceres que, desde a sua fundação, foi pensada como um ponto estratégico de segurança, contanto sempre com a presença de grupos militares, cujo objetivo era assegurar o domínio territorial de Portugal sob as terras conquistadas.

A militarização das regiões fronteiriças trazia consigo o domínio da coroa sob o espaço e riquezas conquistadas, e junto com estas frentes a sensação de segurança e proteção aos colonizadores, tendo em vista que, tanto o povoamento quanto a presença das forças militares na fronteira, impediam a expansão das terras espanholas, o que significava para os portugueses, invasão aos seus domínios e perda de terras e riquezas. Desta maneira, tanto a cidade de Cáceres, como a maioria das cidades fronteiriças, foram fundadas com o objetivo de inibir a invasão das terras até então conquistadas, com tal propósito, a cidade de Cáceres contou desde os primórdios de sua fundação, com as mais diferentes frentes militares.

Ao longo dos anos, além dos postos militares nas cidades fronteiriças, também foram criados destacamentos e subdestacamentos militares nas linhas divisórias de fronteira. A comunidade escolhida para este estudo conta com um destacamento, denominado como Destacamento Militar do 2º BFront Corixa, ou seja, compreendemos que a proteção territorial sempre foi uma das principais preocupações dos colonizadores e até os dias atuais são mantidas por nossos governantes. Tal força de proteção se estendeu até a linha divisória do país, chegando até à comunidade fronteira Corixa.

Conforme Mendes (2010):

Pelo relatório do Presidente da Província, datado de 12/07/1886, apresentado à Assembléia Provincial, Mato Grosso estava dividido, na época, em quatro distritos militares: de Vila Maria, do Baixo Paraguai, de Mato Grosso e de Miranda. Esclarece o Presidente que o Distrito Militar de Vila Maria ‘ocupa na fronteira da Bolívia uma posição intermediária entre o do Baixo Paraguai e o de Mato Grosso, e mantém entre outros o destacamento de Corixa, situado na linha divisória entre o Império e aquela República, ao sudoeste da cidade de São Luiz de Cáceres, sede do distrito, na distância de 22 léguas’. (MENDES, 2010, p. 27).

Tais destacamentos tinham e ainda tem como missão manter a segurança da grande área fronteiriça, daí a instalação do Destacamento na localidade Corixa. A comunidade fica localizada na linha divisória do Brasil com a Bolívia e, quando o posto militar foi instalado na comunidade, já havia algumas famílias que residiam naquela região e permaneceram ali com a autorização do exército brasileiro, pois como foi desde o princípio, a povoação nas comunidades fronteiriças é estratégica, e assim como a presença do exército, delimitam e marcam território.

O Pelotão Especial de Fronteira nos dias atuais, além da manutenção da segurança nacional, atua como um dos meios de segurança que tenta inibir a entrada de entorpecentes no país, além de coibir a saída de carros e produtos roubados/furtados no Brasil, para o país vizinho. O Pelotão Especial de Fronteira é conhecido por todos como Destacamento Corixa<sup>4</sup>, e ao seu entorno existe uma pequena comunidade que também é chamada de Corixa, e é nesta localidade que realizamos nossa pesquisa.

A comunidade Corixa, analisada neste estudo fica localizada na fronteira do Brasil com a Bolívia, e se constituiu ao redor do Pelotão Especial de Fronteira. A distância da cidade de Cáceres é de 80 km, como a distância é muito pequena, os moradores costumam ir com frequência até a cidade de Cáceres, segundo os moradores locais, a comunidade é dividida em Corixa brasileira e Corixa boliviana, porém mesmo com a “separação das comunidades” podemos observar a presença marcante de bolivianos na Corixa brasileira. Neste estudo, nos detemos em fazer o levantamento de dados somente na Corixa brasileira, já que nosso foco de pesquisa é somente os fronteiriços brasileiros. O acesso à comunidade pode ser feito por meio de veículos, ou seja, moto, carro, van ou ônibus, que fazem linha de Cáceres à Corixa. A estrada que liga Cáceres à Corixa é pavimentada, o que facilita a viagem.

Apesar de muitos dos moradores terem nascido e se criado ali, assim como seus pais e avós, precisam da autorização do Exército Brasileiro para quase tudo que se vai fazer na comunidade. Ao mesmo tempo em que o Exército é um suporte para os nativos, acaba por desempenhar também um papel de opressor. Os moradores da Corixa vivem em constante luta para a obtenção do título de proprietários da terra, onde viveram seus antepassados e onde vivem até os dias atuais. Tendo em vista que as terras da comunidade, hoje, são de propriedade do Exército Brasileiro, quem reside naquela localidade/comunidade não pode fazer nenhum tipo de financiamento para melhoria dos sítios, e nem vender as terras, uma vez que não

---

<sup>4</sup> Apesar de não ser mais um Destacamento, o nome “Destacamento Corixa” está arraigado e é de uso constante da população.

possuem o título de proprietários, além de conviverem com o constante medo de serem retirados do local<sup>5</sup>.

## 1.2 A Formação Étnica da Comunidade Corixa

A comunidade Corixa tem uma formação étnica bem peculiar, tendo em vista que nesta pequena localidade, podemos encontrar uma diversidade de pessoas. A comunidade é formada por descendentes dos migrantes que foram para aquela região em busca de terras. Os remanescentes dos índios (Chiquitano, Guató e Bororo), que ali vivem há muitos anos, os militares e suas famílias, que de tempos em tempos são substituídos por outros e os bolivianos que convivem diariamente com a comunidade, ou seja, toda diversidade em um mesmo espaço, acaba por desencadear uma grande riqueza de informações a serem estudadas.

Com essa diversidade local, os novos olhares dos (migrantes e militares), houve uma mudança no modo como alguns grupos passaram a ser denominados/caracterizados ao longo do tempo, os índios (Chiquitano, Guató e Bororo) e os bolivianos, por exemplo, passaram a ser denominados como “bugres”, tal denominação acabou por desencadear certo apagamento destes grupos na comunidade, principalmente, o apagamento da identidade étnica dos índios nesta região fronteiriça, isso porque normalmente a denominação “bugre”<sup>6</sup>, está atrelada a sentidos pejorativos.

Conforme Januário (2004):

A denominação “bugre” vai silenciar a identidade indígena dos remanescentes de Chiquitano, Guató e Bororo, que vivem na fronteira, forjando uma identidade genérica e estereotipada, negando as suas diferenças étnico-culturais [...] Diante desse contexto, temos, nessa faixa de fronteira, uma população constituída de famílias com pertença atribuída ao “grupo dos brasileiros” (colonos, fazendeiros e militares) e famílias com pertença atribuída ao “grupo dos mestiços” (Chiquitano, Guató, Bororo, Boliviano), genericamente chamados de bugres. (JANUÁRIO, 2004, p. 35)

Percebemos tal apagamento, quando realizamos nossas entrevistas na comunidade, haja vista, que ao perguntarmos para os nativos da comunidade sobre a nacionalidade deles e se eram índios, todos os 24 entrevistados e os demais que visitamos para saber se enquadravam no perfil de nossa pesquisa, afirmaram ser brasileiros e não índios. Para eles, os índios moram do outro lado do rio, e são os verdadeiros “bugres”, ou seja, a existência de

---

<sup>5</sup> Informações obtidas por meio de entrevistas com os moradores da comunidade Corixa.

<sup>6</sup> Abordaremos o tema com maior amplitude na seção 4 deste estudo, onde apresentaremos as atitudes linguísticas da comunidade, separamos um tópico para falar da atitude dos fronteiriços com relação á palavra “bugre”.

sentidos pejorativos atribuídos aos “bugres” fez/faz com que identidades sejam apagadas, e junto com estas apagam-se também culturas inteiras, tendo em vista, que ao não assumir sua identidade indígena, não se assumirá também seus costumes e tradições. Ninguém quer ser o índio, porque para eles o índio é o “bugre”. Tais fatores podem influenciar lhes as atitudes com relação à sua língua e cultura, como podem ser observadas nos fragmentos das entrevistas a seguir:

- (1) O bugri son descendência de índio... inton como que aqui... tem várias pessoas que son descendência de bororó... de indígena... é um tipo de índio sabe... porque tem o Xavante... aquele o beijo de pau... o índio tupi... inton aqui tinha uns pessôá que aparecia aqui... inton meu pai falava eles son bororo... os bugri ligitimo. (FVM70)
- (2) Acho que... bugri son os índio né. (ATM38)
- (3) Qualqué coisa nós tchinga sim bugri.... é o boliviano... o bororo... o bárbaro... sangue de índio memo. (AMCRF48)
- (4) Fala bugre bororo né...agora num sei... o índio né. (ATRF70)

O outro grupo que vive na comunidade é dos militares e suas famílias (maioria cacerenses), que vivem temporariamente no lugar, acabam por construir laços de amizade com os moradores locais, compartilhando com os nativos suas bagagens linguísticas e vivências. Este contato direto com diferentes pessoas contribui para que haja uma multiplicidade linguística na Corixa. Além da presença dos militares, os moradores da Corixa mantêm estreita relação de contato e vivências com os cacerenses e bolivianos, ou seja, toda esta diversidade pode ser facilmente encontrada neste lugar. Os usos linguísticos encontrados nesta comunidade durante nossa pesquisa são aparentemente os mesmos traços linguísticos<sup>7</sup> encontrados por diferentes pesquisadores na cidade de Cáceres-MT e Poconé-MT, ambas as cidades fundadas no período do Brasil-Colônia.

### **1.3 O Modo de Vida da Comunidade**

A comunidade mantém um modo de vida típico de localidades rurais, ou seja, seus costumes e tradições são simples, a rotina das famílias se resume em cuidar da roça (trabalho atribuído aos homens) e os cuidados com a casa e filhos (trabalho atribuído às mulheres).

Conforme os dados obtidos nas entrevistas, a comunidade não conta com comércios. Deste modo, as famílias cultivam seus próprios alimentos em roças, eles plantam mandioca,

---

<sup>7</sup> Abordaremos o assunto com mais profundidade na seção 2, deste estudo.

banana, abóbora, milho, batata doce, feijão, quiabo, jiló, maxixe, etc. Cultivam também algumas plantas frutíferas como abacaxi, melancia, melão, goiaba, caju, manga, carambola, limão, laranja, acerola, entre outras frutas, como pode ser observado nos fragmentos das entrevistas a seguir:

(5) Aqui tem prantado banana... mandioca...batata doce...laranja...milho (RROFM26)

(6) Tem... tem prantaçon sim... eu tenho mea rocinha tem um poco de cada coisa lá...eu prantei mandioca... banana... milho... quer dize milho num tem...agora tá fora de tempo... mas tem batata... fejon... essas coisa né... pra nós de casa memo. (ATM38)

(7) Banana... mandioca...abobra...batata doce...laranja (CCROF20)

(8)Mandioca... banana... milho... batata... fejon... essas coisa né (NTF47)

Além das plantações, que servem para a subsistência familiar, as casas também possuem muitas plantas, como flores e diferentes tipos de árvores nos quintais. Outro costume local é a criação de animais, como a galinha e o porco e de animais de estimação como gato e cachorro, dentre outros, conforme pode ser observado nos fragmentos das entrevistas a seguir:

(9) Mais é cachorro... galinha... porco. (ESRF58)

(10) Aqui eu só crio galinha... um cachorrinho. (IJF58)

(11) Animar que nós cria aqui é só porco... e cachorro... só. (SOM62)

(12) Mais é galinha... cachorro... umas vaca. (ROM60)

Com as entrevistas, constatamos também que a comunidade oferece um vasto conhecimento em plantas medicinais; conhecimento que é passado de pais para filhos, ao qual o morador recorre em caso de doença, já que a comunidade não possui postos de saúde e nem farmácias. Das plantas cultivadas pelos moradores da comunidade e citadas como remédios naturais, estão à folha de algodão (utilizado para combater inflamações e infecções), picão (utilizado para combater a anemia), boldo e caferana (utilizado para problemas no estômago), casca de mangueira, casca de cajueiro e broto de goiabeira (utilizado para combater diarreia), quebra pedra (utilizado para combater problemas nos rins), etc.: como pode ser observado nos fragmentos das entrevistas a seguir:

(13) Aqui tem bastante tipo de pranta que a genti faz chá né... pra gripi pra tanta coisa...eu quando tô gripado corto um limon espremo n'água bebo... picon é bão pra animia.

(JVM47)

(14) Tem bordo né... tem alecrim... tem picon... é bom pra animia... aquele amarelon que fala né... quina... para tudo. (ESRF58)

(15) Uso... aqui é mais remédio casero memo... é por que num tem dinheiro pra i toda vez na farmácia compra né... inton é mais remédio casero memo [...] aqui é tudo... aqui é quina... é para tudu... é fava... hortelã do campo pra disintiria... folha de argudon pra toma banho né... picon pra animia... esses aí né. (IJF58)

(16) Tem essa casca de goiaba cum casca de manga pra dor de barriga ferve os dois junto... quando dá uma dor de barriga as turma aí vai na casca de manga de goiaba ferve eles junto e toma... é bom demais dona. (SOM62)

Dentre outras coisas, constatamos, durante nossa pesquisa, que a religiosidade na comunidade é muito forte, a maioria dos moradores da comunidade é católica, e cada família possui um santo de devoção ao qual festejam uma vez ao ano. A este santo é dedicado além da festa, um altar todo decorado em um lugar de destaque na residência, o que demonstra a religiosidade das famílias. Em todas as casas que visitamos observamos a presença de altares<sup>8</sup> ornamentados.

Observamos em nossa pesquisa que a rotina da comunidade parece não ter mudado muito com o passar dos anos, nem o modo de vida, das pessoas que vivem na Corixa. As pessoas, a princípio, arredias e desconfiadas, depois de um pouco de conversa mostram-se alegres e espontâneas. E como foi dito anteriormente, o modo de vida local é típico de comunidade rural, a simplicidade das pessoas e da estrutura da comunidade é notória, entretanto, a modernidade está chegando aos poucos para estas pessoas, a Corixa conta com energia elétrica e *internet*.

---

<sup>8</sup> Retomaremos o tema na seção 4.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa. Por se tratar de uma análise Sociolinguística, uma área cujo objeto de estudo é a “língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social é, em situações reais de uso” (Alkmim, 2004, p. 31), torna-se de suma importância apresentar como ocorreu o levantamento do *corpus* para análise. Deste modo, apresentaremos aqui os critérios adotados para a seleção dos entrevistados: o perfil sociocultural, a coleta dos dados e a transcrição dos dados para análise.

### 2.1 A Coleta de Dados na Comunidade Corixa

Para a coleta de dados, elaboramos um questionário<sup>9</sup> composto de 44 perguntas, todas com o objetivo de elencar informações acerca da comunidade, o modo de vida e atividades culturais locais, além de coletar dados da língua falada.

Com o propósito de ir a campo e reunir dados linguísticos e culturais da Corixa, conversamos com um amigo que mora na comunidade e pedimos que ele nos apresentasse aos moradores de acordo com o perfil da pesquisa, ele prontamente nos atendeu.

Tarallo (1997, p. 27) explica que devemos “entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade”. Seguindo estas sugestões, procuramos um auxiliar que fizesse parte da comunidade, deste modo, encontramos um rapaz que se disponibilizou a nos auxiliar em nossa pesquisa. Ele nasceu e foi criado na Corixa o que facilitou muito a nossa entrada na comunidade, pois nos acompanhou em todas as entrevistas.

A Corixa fica localizada a 80 km da cidade de Cáceres, assim nos deslocamos até a comunidade em um carro Fiat Palio. O percurso durou aproximadamente 1 hora e 25 minutos. Como tínhamos que nos deslocar de Cáceres até a comunidade Corixa, marquei com o auxiliar a primeira ida à comunidade com uma semana de antecedência. Ao chegarmos à comunidade, nosso auxiliar nos apresentou sua família, que por sinal é muito alegre e receptiva. Logo após as apresentações, ele contou sobre as famílias que iríamos

---

<sup>9</sup> Roteiro de entrevista/questionário anexo foi elaborado de acordo com os questionários de Macedo-Karim (2012), Parcerro (2007), Pastorelli (2011), Dias (2016) e ALIB (2001).

visitar naquele dia. Começamos as visitas e, neste mesmo dia, consegui agendar grande parte das entrevistas, isso porque as famílias que vivem na comunidade são bem numerosas, o que facilitou encontrar rapidamente quase todos os entrevistados necessários para a pesquisa. Dessa forma, nossa coleta de dados foi bem tranquila e conseguimos em poucas idas à comunidade realizar nossas entrevistas. Todas as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, ou seja, eles escolheram o dia e o horário para a realização das mesmas, nos dias 18 de março e 20 de maio de 2017.

A comunidade Corixa é formada por pequenos sítios, sendo denominada pelos moradores locais como Corixa brasileira e Corixa boliviana. Nossa entrevista foi realizada somente na Corixa brasileira. Ao entrarmos na comunidade, a primeira impressão que tivemos foi a de que não conseguiríamos o número de entrevistados necessários para nossa pesquisa, isso porque avistamos somente umas seis ou sete residências à beira da estrada. A comunidade pareceu ser muito pequena, porém, quando iniciamos as visitas nos surpreendemos com a quantidade de casas que visitamos. O acesso é realizado por meio de pequenas trilhas/picadas<sup>10</sup> no meio da mata, os sítios são ligados uns aos outros por meio destas trilhas.

A religião predominante na Corixa brasileira é a católica, observamos durante as visitas que a maioria das famílias realiza festas religiosas em suas residências e as famílias que não fazem festas, não deixam de prestigiar as de seus vizinhos. Em todas as casas pudemos observar a presença de altares enfeitados na sala com imagens, flores e velas.

O nosso primeiro contato com a comunidade foi produtivo, em todas as casas que chegamos fomos muito bem recebidos pelos moradores que se mostraram muito acolhedores. No segundo encontro, procuramos esclarecer os motivos de nossa presença na comunidade e sempre nos colocamos como pesquisadores interessados em conhecer a Corixa, com o intuito de amenizar a nossa presença enquanto elemento estranho à comunidade, como nos sugere Tarallo (1997):

Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar. (TARALLO, 1997, p. 21)

---

<sup>10</sup> Referem-se a uma rua bem estreita que dá acesso as casas locais.

Tomando como exemplo as sugestões do referido autor, abordamos em nossas conversas com os nativos da Corixa temas relacionados à cultura local, as festas, os costumes, a natureza, o exército, a convivência entre brasileiros e bolivianos, a questão familiar local, de modo que os entrevistados se sentissem mais à vontade durante a entrevista e não se preocupassem com a fala. Tendo em vista que nosso objetivo principal seria coletar dados naturais da fala, procuramos em todas as entrevistas quebrar a formalidade que envolve uma entrevista gravada. Para tanto, seguimos as orientações de Tarallo (1997):

Ao selecionar seus informantes estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. (TARALLO, 1997, p. 21)

Seguindo as sugestões do teórico, procuramos envolver o entrevistado através de conversas diversificadas. Depois preenchemos uma ficha de identificação<sup>11</sup> com nome, idade, escolaridade, profissão/atividade, nome e naturalidade dos pais, nome e naturalidade dos cônjuges, apresentamos o TCLE<sup>12</sup>, e na sequência aplicamos nosso roteiro de entrevista, que de modo geral foram dinâmicas e naturais, em que a maioria dos entrevistados se mostrou interessado em contribuir para nossa pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em um gravador digital da marca Sony IC Recorder ICD-P620. Depois de gravadas, foram transferidas para o programa de computador Digital Voice Sony e transcritas. Feito isso, separamos deste material coletado os dados para nossa análise.

## **2.2 Os Entrevistados**

A metodologia adotada nesta pesquisa segue os pressupostos teóricos de Labov (2008), Tarallo (1997) e dos pesquisadores Amâncio (2007), Parcero (2007), Pastorelli (2011) e Macedo-Karim (2012) autores da área da Sociolinguística que serviram como base para este estudo.

Os entrevistados selecionados foram divididos em três faixas etárias distintas: de 20

---

<sup>11</sup> Ficha de identificação em anexo.

<sup>12</sup>TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos informantes e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, anexo.

a 30 anos, de 38 a 48 anos e pessoas a partir de 58 anos, de modo que ao escolhermos as três faixas etárias procuramos deixar um intervalo de 08 anos entre elas. Foram entrevistadas oito pessoas de cada faixa etária, sendo estes 12 homens e 12 mulheres, totalizando 24 pessoas entrevistadas, como podemos observar na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Faixas etárias dos entrevistados

Entrevistados	De 20 a 30 anos	De 38 a 48 anos	A partir de 58 anos
Sexo masculino	4	4	4
Sexo Feminino	4	4	4
Total	8	8	8

Fonte: tabela elaborada pela autora

Para uma melhor organização da pesquisa, adotamos alguns critérios de seleção dos nossos entrevistados, que seguem:

- a) Sexo masculino e feminino;
- b) Que os entrevistados tivessem idades correspondentes às seguintes faixas etárias: de 20 a 30 anos, de 38 a 48 anos e a partir de 58 anos;
- c) Que os entrevistados e seus pais tivessem nascido no Brasil, na região de Cáceres;
- d) Que os entrevistados morassem na região de fronteira (Corixa).

Adotamos ainda um critério de exclusão do informante, que envolve os entrevistados que se autodeclararam índios, eles não foram entrevistados<sup>13</sup>.

Apresentamos a seguir, a Tabela 2, com o perfil sociocultural dos entrevistados:

---

<sup>13</sup> Por se tratar de uma comunidade muito diversificada onde índios Chiquitanos podem ser facilmente encontrados, inserimos esse item de exclusão nos critérios de seleção conforme solicitação do Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que os procedimentos para realizar entrevistas com índios são outros.

Tabela 2: Perfil sociocultural dos entrevistados na pesquisa

Identificação <sup>14</sup>	Sexo	Idade	Escolaridade <sup>15</sup>	Profissão
LROM	Masculino	24	E/M/C	Vendedor
RROFM	Masculino	26	E/F/I	Peão/domador
CROM	Masculino	30	E/F/I	Peão/lavrador
MTRM	Masculino	25	E/F/I	Lavrador
JSRM	Masculino	48	S/E	Lavrador
JSM	Masculino	48	S/E	Lavrador
JVM	Masculino	47	S/E	Lavrador
ATM	Masculino	38	E/F/I	Lavrador
MSSM	Masculino	58	S/E	Lavrador
FVM	Masculino	70	S/E	Lavrador
ROM	Masculino	60	S/E	Lavrador
SOM	Masculino	62	S/E	Lavrador
JRSF	Feminino	28	E/M/C	Dona de casa
SPSF	Feminino	26	E/M/C	Dona de casa
ACEMF	Feminino	20	E/M/I	Estudante
CCROF	Feminino	20	E/M/I	Estudante
LSRF	Feminino	44	E/F/I	Dona de casa
AMCRF	Feminino	48	E/F/I	Dona de casa
MSF	Feminino	38	E/M/C	Dona de casa
NTF	Feminino	47	S/E	Dona de casa
ATRF	Feminino	70	S/E	Dona de casa
ESRF	Feminino	58	S/E	Dona de casa
IJF	Feminino	58	S/E	Dona de casa
DLBF	Feminino	71	S/E	Dona de casa

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Na tabela 2, trazemos o perfil sociocultural dos entrevistados e apresentamos alguns fatores considerados relevantes nos estudos sociolinguísticos, conforme Tarallo (1997, p. 48)

<sup>14</sup> Tendo em vista, nosso comprometimento com o Comitê de Ética em Pesquisa, substituímos os nomes dos entrevistados por códigos, como pode ser observado na tabela 2.

<sup>15</sup> Na tabela 2, representamos o nível de escolaridade em siglas: E/M/C= Ensino Médio Completo, E/M/I=Ensino Médio Incompleto, E/F/I= Ensino Fundamental Incompleto e S/E= Sem Escolaridade.

“a inclusão dos fatores externos possibilitará retratar o campo de batalha de outros ângulos. Qualquer perspectiva nova sobre o ‘caso’ merece ser levada em consideração”. Deste modo, compreendemos a importância de trazer para a pesquisa os seguintes fatores extralinguísticos: a idade e o sexo dos entrevistados.

O fator extralinguístico idade foi selecionado, pois gostaríamos de saber se existem diferenças entre os modos de falar de uma faixa etária para outra. De maneira que pretendemos saber, se o falar da Corixa é igual em todas as idades, ou existem diferenças no modo de falar de acordo com a idade.

Sobre esse aspecto, Coelho (2010, p. 50) em seu estudo intitulado, “Os gurutubanos: língua, história e cultura”, apresentou dados sobre as formas *você*, *ocê* e *cê*, em território Gurutubano, situado na região centro-norte de Minas Gerais. De acordo, com os dados obtidos neste estudo, há diferenças nos usos das formas *você*, *ocê* e *cê*, relativos ao fator extralinguístico idade, conforme o trecho abaixo:

Dos 196 dados colhidos do dialeto do português brasileiro falado pelos gurutubanos, percebemos que a variante **cê** apresenta ocorrência alta (82.2%: 161/196) e as variantes **você** e **ocê** apresentaram baixa ocorrência (**você** 6.6%, **ocê** 11.2%, respectivamente 13/196 e 22/196). Isso aponta para a liderança da variante **cê** sobre as demais. Em relação à faixa etária os resultados [...] revelam que a variante **cê** é a preferida pelos jovens (85%), adultos (76%) e idosos (88.5%) [...] os idosos não fazem uso da variante padrão **você**, pois ocorre o desfavorecimento do uso da variante **ocê** (11.5%) e o uso predominante **cê** (88.5%) [...] O fato de os idosos não usarem a forma **você**, usarem pouquíssimas vezes o **ocê** e mostrarem alta frequência no uso do **cê** nos leva a concluir que esta forma teria surgido na área rural e seria resultante da evolução da forma **ocê**, trazida via colonização. O resultado nos permite inferir que o uso da forma **você** resultaria do contato com os falantes da área urbana ou adviria de conhecimentos escolares, pois as 13 ocorrências do *você* estão localizadas na fala de adultos e jovens que tiveram, ou ainda têm, contato com o conhecimento escolar e com outras comunidades, ou ocuparam cargos de liderança na comunidade. (COELHO, 2010, p. 94)

Destacamos, no recorte acima, que o fator extralinguístico idade é muito relevante nos estudos sociolinguísticos, tendo em vista, que alguns fenômenos linguísticos aparecem com maior recorrência, dependendo da faixa etária. Sendo assim, pretendemos saber se existem diferenças relativas ao falar das faixas etárias na comunidade Corixa, haja vista que, estamos trabalhando com três faixas etárias distintas, de 20 a 30 anos, de 38 a 48 anos e acima de 58 anos.

A estratificação de acordo com o sexo, também é um fator muito importante na análise, pois em nossa pesquisa pretendemos saber se existem diferenças no modo de falar dos

entrevistados, do sexo masculino e feminino, dentro da comunidade em estudo, já que notoriamente ambos os sexos desenvolvem diferentes atividades na comunidade.

Sobre esse aspecto Paiva (2004), relata o seguinte:

O fato de as mulheres se revelarem lingüisticamente mais conservadoras ou mais orientadas para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser, em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala. Tanto a preferência feminina pelas formas lingüisticamente socialmente prestigiadas, tendência mais regular em comunidades de fala ocidentais, como a predominância de variantes socialmente estigmatizadas na fala feminina, como no já citado árabe, refletem a rigidez da separação entre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, a maior ou menor amplitude das redes sociais de que eles participam e as restrições de mobilidade social impostas à mulher. (PAIVA, 2004, p. 40)

Observamos no fragmento acima, que o uso linguístico pode variar de acordo com o sexo do entrevistado, tendo em vista que homens e mulheres desempenham diferentes atividades sociais na comunidade.

Sobre esse aspecto, Paiva (2004, p. 40) segue dizendo que:

Os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. (PAIVA, 2004, p.40)

Ou seja, mesmo com o crescimento de mulheres no mercado de trabalho e sua independência financeira, o número de homens que fazem parte do mercado de trabalho ainda supera ao de mulheres, com isso os homens têm mais ascensão social em relação às mulheres. Enquanto os homens saem para trabalhar fora e estão sujeitos a diversas redes comunicativas, as mulheres ficam em casa e se dedicam aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos. Esse fato, por sua vez, pode influenciar os usos linguísticos de homens e mulheres.

A seguir, apresentamos os dados dos 24 entrevistados da pesquisa:

(1) LROM, 24 anos, solteiro, nasceu e foi criado na comunidade Corixa. Seus pais e avós também sempre viveram na comunidade. Atualmente, pensando em um crescimento profissional, o entrevistado demonstra interesse em se mudar para outro lugar, onde possa ter maiores oportunidades de trabalho e de estudo. O entrevistado, durante todo o tempo que passamos na comunidade, foi receptivo, porém demonstrou certa timidez durante a entrevista. A entrevista foi realizada na varanda da casa dele, com a presença da mãe, da avó e da cunhada.

Depois da entrevista ele nos apresentou a comunidade, nos encaminhando nas residências dos possíveis informantes.

(2) RROFM, 26 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós que também sempre viveram na Comunidade. Trabalha em fazendas na Bolívia como peão, quando necessário também atua como domador de cavalos em fazendas da região. A entrevista foi realizada na varanda de sua residência, na presença da sua esposa e filhos, ele colaborou muito com a pesquisa, foi muito atencioso e receptivo, porém demonstrou certa timidez ao responder ao questionário.

(3) CROM, 30 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa. Seus pais e avós sempre viveram na comunidade. Ele e sua família gostam muito do lugar onde vivem. Trabalha em fazendas na Bolívia como peão, quando necessário também atua como agricultor em fazendas da região. A entrevista foi realizada em sua residência, na presença da sua esposa e filhos. Ele colaborou muito com a pesquisa, foi muito atencioso e receptivo, entretanto, demonstrou certa timidez durante a entrevista.

(4) MTRM, 25 anos, solteiro, nasceu e foi criado na comunidade Corixa. Seus pais e avós também sempre viveram na comunidade. Mora com os pais e trabalha com seu pai na lavoura em fazendas da região, muito alegre e receptivo colaborou muito com a pesquisa. Ele juntamente com sua família, nos recebeu em sua residência embaixo de uma mangueira tomando tereré<sup>16</sup>.

(5) JSRM, 48 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, do mesmo modo seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalhava como lavrador em fazendas da região, porém por problemas de saúde no momento encontra-se impossibilitado de trabalhar. O entrevistado nos recebeu em sua residência. Ele estava deitado em uma rede no momento em que chegamos e permaneceu ali até o final da entrevista. Estava acompanhado por sua esposa e, apesar das interferências da mesma, conseguiu responder a todas as perguntas. Ambos foram muito agradáveis e cooperativos contribuindo muito para a pesquisa.

(6) JSM, 48 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, assim como seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalha como lavrador em fazendas da região e em San Mathias também. O entrevistado nos recebeu em sua residência, sentado embaixo de uma mangueira, junto com sua esposa. Ambos são muito alegres e receptivos.

---

<sup>16</sup> Tereré é uma bebida gelada, onde se coloca erva mate em um copo e acrescenta água ou suco de limão gelado e se toma com bombinha, esta é uma bebida muito comum na comunidade Corixa.

(7) JVM, 47 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós. Ele e sua família sempre viveram na comunidade Corixa. Trabalha como lavrador em fazendas da região, o entrevistado e sua esposa estavam passeando na casa de uma de suas vizinhas. Ao terminar a entrevista com a vizinha deles, o casal aceitou responder ao nosso questionário. Ambos são muito alegres e comunicativos.

(8) ATM, 38 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa. Seus pais e avós sempre viveram na comunidade. Ele e sua família gostam muito do lugar onde vivem. Trabalha como lavrador em fazendas da região. A entrevista foi realizada em sua residência, na presença da sua esposa e filhos. Ele colaborou muito com a pesquisa, foi muito atencioso e receptivo durante toda a entrevista.

(9) MSSM, 58 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, do mesmo modo seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalhava como lavrador em fazendas da região, porém por problemas de saúde, encontra-se impossibilitado de trabalhar. O entrevistado nos recebeu em sua residência, em um salão onde a família realiza festas religiosas. Ele respondeu prontamente ao questionário e demonstrou segurança e naturalidade para responder às perguntas. Depois da entrevista este senhor nos contou muitos casos, passamos horas conversando.

(10) FVM, 70 anos, solteiro, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, do mesmo modo seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalha como lavrador. O entrevistado nos recebeu em sua residência e foi muito agradável e cooperativo contribuindo muito para a pesquisa. Este senhor é o neto do fundador da comunidade Corixa e se orgulha muito disso. Ele respondeu prontamente ao questionário sem dificuldades e se mostrou muito à vontade diante da pesquisadora, o que tornou a entrevista mais espontânea e dinâmica.

(11) ROM, 60 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, do mesmo modo seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalha como lavrador, nas fazendas da região. Quando chegamos a sua residência ele estava sentado embaixo de uma grande mangueira com sua esposa e filhos. Como estava muito quente, estavam tomando tereré e conversando. Ele com sua família nos receberam muito bem, respondeu ao questionário de forma natural, contribuindo muito para a nossa pesquisa.

(12) SOM, 62 anos, casado, nasceu e foi criado na comunidade Corixa, do mesmo

modo seus pais também sempre viveram na comunidade. Trabalha como lavrador, nas fazendas da região. Quando chegamos a sua residência, ele estava sentado embaixo de uma grande mangueira conversando com sua esposa. Ele com sua família nos receberam muito bem. Respondeu ao questionário de forma natural contribuindo muito para a nossa pesquisa.

(13) JRSF, 28 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós. Atualmente dedica-se aos cuidados da casa. A entrevistada nos atendeu enquanto cozinhava e durante toda a entrevista se mostrou muito alegre, receptiva e desinibida para falar, contribuindo muito para a nossa pesquisa.

(14) SPSF, 26 anos, solteira, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós. Atualmente ajuda sua mãe com as tarefas domésticas e diz que gosta muito de morar na comunidade. No momento da entrevista, ela estava se preparando para ir a uma festa que aconteceria durante a noite na comunidade. A entrevistada nos recebeu em sua residência, sentada embaixo de uma mangueira, junto com sua mãe e sua irmã. Muito receptiva, alegre e espontânea demonstrou muito interesse em nos ajudar.

(15) ACEMF, 20 anos, solteira, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós. Atualmente se dedica em auxiliar sua mãe nos afazeres domésticos e na conclusão dos estudos. No momento da entrevista, encontrava-se sentada embaixo de uma mangueira no quintal de sua residência, fazendo atividades escolares. Ela e sua família nos receberam muito bem em sua residência, sempre sorridente e atenciosa. Demonstrou muita segurança e carisma diante da pesquisadora.

(16) CCROF, 20 anos, solteira, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós. Atualmente dedica-se em auxiliar sua mãe nos afazeres domésticos e na conclusão dos seus estudos. No momento da entrevista, encontrava-se sentada embaixo de uma mangueira no quintal de sua residência, respondeu ao questionário enquanto a manicure fazia suas unhas. Ela estava acompanhada por sua mãe e sua prima. Como neste dia, teriam uma festa durante a noite na comunidade, elas se reuniram para se arrumarem para a festa, tanto ela quanto sua família nos recebeu muito bem na residência, sempre muito simpática e atenciosa, demonstrou certa timidez diante da pesquisadora, porém, isso não afetou a coleta de dados.

(17) LSRF, 44 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos e aos cuidados de seu netinho, que vive com ela desde que nasceu. Recebeu-nos no quintal de sua residência e, durante toda a entrevista,

ela esteve com o bebê no colo. A entrevistada nos recebeu muito bem em sua residência, demonstrou muito interesse em colaborar com a pesquisadora, além de ser muito atenciosa e carismática.

(18) AMCRF, 48 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos na varanda de sua residência, no momento da entrevista estava acompanhada por seus filhos. Conversamos durante horas depois da entrevista. Esta senhora foi muito atenciosa, alegre, prestativa e segura durante e depois da entrevista.

(19) MSF, 38 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos no quintal de sua residência enquanto lavava roupas. Durante a entrevista, ela demonstrou certa timidez ao responder ao questionário, porém, isso não afetou na coleta dos dados. Muito simpática e atenciosa colaborou muito com a pesquisa.

(20) NTF, 47 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos e ao cuidado com seu esposo que está se recuperando de uma grave doença. Recebeu-nos no quintal de sua residência em um salão, onde a família costuma realizar festas religiosas. No momento da entrevista ela estava acompanhada do seu esposo. Muito alegre atenciosa e receptiva, respondeu ao questionário com muita naturalidade. Depois da entrevista ficamos conversando por um longo período.

(21) ATRF, 70 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos no quintal de sua residência, em um salão onde a família costuma realizar festas religiosas. Muito alegre atenciosa e receptiva, como gosta de conversar, nos contou muitas histórias depois da entrevista.

(22) ESRF, 58 anos, casada, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos no quintal de sua residência, embaixo de uma grande mangueira. Muito alegre atenciosa e receptiva, porém, demonstrou certa timidez ao responder ao questionário.

(23) IJF, 58 anos, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos no quintal de sua residência, embaixo de uma grande mangueira. Muito alegre atenciosa e receptiva, como gosta de conversar nos

contou muitas estórias depois da entrevista.

(24) DLBF, 71 anos, nascida e criada na comunidade Corixa, assim como seus pais e avós, dedica-se aos afazeres domésticos. Recebeu-nos no quintal de sua residência, embaixo de uma grande árvore. Muito alegre atenciosa e receptiva, demonstrou muito interesse em colaborar com a pesquisadora.

### 2.3 A Transcrição dos Dados

Apresentamos aqui uma importante etapa de nossa pesquisa, a transcrição dos dados obtidos nas entrevistas da comunidade Corixa. Sobre esse aspecto Paiva (2004) esclarece que:

É necessário ressaltar que qualquer transcrição de dados linguísticos subjaz, mesmo que não explicitada, uma teoria que norteia muitas das decisões a serem tomadas durante o processo. De certa forma, podemos afirmar que a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada [...] E, além disso, é a orientação teórica do pesquisador e os seus objetivos que modelam a transposição dos registros orais para uma forma gráfica. Esse sistema de convenções se faz necessário para garantir um mínimo de consistência no processo de transcrição dos dados da fala. (PAIVA, 2004, p. 135)

Como foi apresentado na citação acima, o posicionamento teórico tomado para a transcrição dos dados da fala é de suma importância para a pesquisa, haja vista que é a partir dela que o pesquisador irá direcionar sua análise. Partindo desse pressuposto, realizamos nossa transcrição tomando como base teórica Marcuschi (1998) e Cintra (1992). Para manter a fidelidade dos usos linguísticos na transcrição grafemática, procuramos manter a fala dos entrevistados tal qual foi gravada, segundo Paiva (2004):

A fidelidade aos dados orais deve ser o objetivo de toda transcrição. Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição da fala do entrevistado. Assim, se um falante diz *as menina bonita*<sup>17</sup> (ao invés de *as meninas bonitas*), tal cadeia deve ser registrada exatamente da forma como foi pronunciada. (PAIVA, 2004, p. 136)

Neste estudo, tomamos como base para a transcrição dos dados fonológicos, o alfabeto Fonético Internacional. Adotamos também o uso das chaves para representar as realizações fonéticas encontradas. Deste modo, apresentamos alguns usos linguísticos encontrados na comunidade fronteira Corixa, são eles:

---

<sup>17</sup> Grifos da autora.

- a) A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [tʃ] e [ʒ], exemplos: dgemada/gemada – tchega/chega;
- b) O uso do ditongo nasal [ãw] e da vogal nasal [õ], exemplos: televisão/tilivisõn – limão/limõn, como pode ser observado nos exemplos, em palavras terminadas com o ditongo [ãw] ocorre um prolongamento da vogal [õ] na sílaba final;
- c) A vocalização da lateral palatal [ʎ]: trabaio/trabalho – muié/mulher;
- d) A apócope do [l] e do [r] no final de palavras: dificí/difícil - prantá/plantar;
- e) A metátese: porcissõn/procissão – preguntadô/perguntador;
- f) A realização da vogal tônica [i] sobre a pretônica [e]: pirigo/perigo – minino/menino;
- g) A realização da vogal [i] ao invés da vogal [e] em início de palavra: iducaçõn/educação – imprestadu/emprestado;
- h) A nasalização da vogal átona inicial [i]: inducaçõn/educação – idioma/idioma;
- i) O rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal: pobrema/problema – crima/clima;
- j) O alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal: mándióca/mandioca – dánça/dança.

Adotamos ainda, algumas representações gráficas para as transcrições, seguimos como modelo o estudo de Macedo-Karim (2012):

- a) Para marcar pausas – reticências;
- b) Para marcar comentários da pesquisadora – parênteses;
- c) Para marcar hesitação ou sinal de atenção – ah, eh, oh, etc.

## O FALAR DA COMUNIDADE CORIXA: O USO DE [ÃW] E [Õ]

Nesta seção, apresentamos os usos de [ãw] e [õ] na comunidade Corixa e suas respectivas análises linguísticas. Esse uso linguístico é típico do português popular e consiste na troca do ditongo [ão] em palavras como pão/mão/limão, por [on] que no falar local passa a ser mon/pon/limon. Para desenvolver as nossas análises tomaremos como base teórica a Sociolinguística Variacionista, área de estudo, cujo objetivo é estudar a língua em seu contexto social, e que tem como precursor teórico Willian Labov 2008, autor cuja teoria redimensionou os estudos relacionados à língua em sociedade.

Outros usos linguísticos, encontrados na comunidade Corixa, demonstram a diversidade linguística da comunidade em estudo. Dentre estes podemos citar: a) a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], b) A vocalização da lateral palatal [ʎ], exemplos: trabaio/trabalho – muié/mulher, c) a apócope do [l] e do [r] no final de palavras, exemplos: dificí/difícil - prantá/plantar, d) a metátese; exemplos: porcissõn/procissão – preguntadô/perguntador, e) a realização da vogal tônica [i] sobre a pretônica [e], exemplos: pirigo/perigo – minino/menino, f) a realização da vogal [i] ao invés da vogal [e] em início de palavra, exemplos: iducaçõn/educação – imprestadu/emprestado, g) o rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal; exemplos pobrema/problema – crima/clima, h) o alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándiôca/mandioca – dánça/dança. Dentre os usos encontrados, selecionamos para este estudo: i) alternância de uso de [ãw] e [õ], exemplos, coração/coração – limon/limão.

### 3.1 Realizações de [ãw] e [õ] na Comunidade Corixa

Dentre os usos encontrados nesta comunidade, selecionamos para este estudo somente os usos de [ãw] e [õ], tendo em vista, que tais usos se mostraram mais atuante no falar da comunidade local, fator que chamou nossa atenção para um estudo mais aprofundado sobre este fenômeno linguístico.

Conforme os estudos apresentados por Lima (2018):

[...] Percebemos um alongamento compensatório na fala dos nativos de Vila Bela, tomamos como exemplo o dado a seguir representado foneticamente temos: Na variedade do português de Vila Bela: [kora'sõ] [...] Na variedade do PB: [kora'sãw] [...] Notamos nesses segmentos um evidente alongamento do /o/, assim percebemos o traço nasal, porém com um prolongamento, nesse

caso na vogal /o/ notamos que ao pronunciar esse dado os nativos de Vila Bela emitem um alongamento. (LIMA, 2018, p. 76-77)

Assim como ocorre nos estudos de Lima (2018), o falar da comunidade Corixa também apresenta tais fenômenos. Observamos em nossas entrevistas, que em palavras terminadas em [ãw] ocorrem mudanças significativas, e estas passam a ser pronunciadas como [õ] havendo assim, a nasalização da mesma. Concordamos com a pesquisadora, quando ela diz que tal fato ocorre por causa do alongamento da vogal /o/, tornando perceptível o traço nasal. Para exemplificarmos tais realizações, segue abaixo, a tabela 3 com alguns destes usos encontrados na comunidade em estudo:

Tabela 3: Realizações dos usos na comunidade Corixa

<b>Representação gráfica padrão</b>	<b>Transcrição fonética</b>	<b>Transcrição da forma padrão regional [õ]</b>	<b>Transcrição fonética da forma padrão regional [õ]</b>
Televisão	[te.le.vi'zãw]	Television	[televi'zõ]
Perdão	[ 'peɫ.dãw]	Perdon	[ 'peɫdõ]
Não	[ 'nãw]	Non	[ 'nõ]
Coração	[ko.ra'sãw]	Coraçon	[kora'sõ]
Procissão	[ 'pro.si.sãw]	Procisson	[ 'prosisõ]
Então	[ 'ĩ.tãw]	Enton	[ ẽ'tõ]
Limão	[ 'li.mãw]	Limon	[ 'limõ]

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Tal uso linguístico, conforme disposto na tabela 3, consiste na troca do ditongo [ãw] em palavras como pão/mão/limão, por [õ] que no falar local passa a ser mon/pon/limon. Sendo este fenômeno, típico do português falado nas cidades do interior do estado de Mato Grosso, e observando estudos anteriormente realizados, percebemos que todas essas cidades com tais ocorrências foram formadas no período do Brasil-Colônia. Deste modo, supomos que esse uso poderia ser um resquício do contato com os colonizadores vindos do Norte de Portugal, porém não descartamos a hipótese da manutenção deste uso, ser fruto também do contato com o espanhol, outra hipótese para a manutenção deste uso, poderia estar relacionado com o contato destes nativos com os índios Chiquitano e Bororo, já que estes grupos também apresentam

traços nasais, entretanto estas são questões a serem desenvolvidas em estudos futuros.

Conforme Noll Volker (2008):

Na formação do português brasileiro foram suprimidas, como consequência do nivelamento, evidentemente tanto a tendência do Norte de Portugal para a desfonologização de /v/ (>/b/) [...] essas características típicas do Norte de Portugal também ocorrem no Brasil, no nível popular e regional [...] outras características do português setentrional encontram um paralelo no Brasil. Trata-se de: [...] a pronúncia antiga - om [õ] do ditongo-ão (mão[mõ]) (p. ex., em Mato Grosso (Portugal: Minho; cf. Kroll, 1994:547). (VOLKER, 2008, p. 285)

Tomando como ponto de partida a fala de Volker (2008), percebemos o quanto este uso linguístico é antigo, porém se manteve vivo no falar da comunidade em estudo até os dias atuais, conforme apresentaremos nas análises subsequentes. Para desenvolver as nossas análises, tomaremos como base teórica a Sociolinguística Variacionista, área de estudo, cujo objetivo é estudar a língua em seu contexto social, e que tem como precursor teórico William Labov (2008) autor cuja teoria redimensionou os estudos relacionados à língua em sociedade.

Iniciamos as análises deste fenômeno linguístico, a partir das respostas obtidas com as questões retiradas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2001)<sup>18</sup>, posteriormente em um contexto mais amplo, realizaremos nossas análises a partir dos fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme pode ser observado nas análises subsequentes.

### **3.2 O Uso de [ãw] e [õ] na Comunidade Corixa: Análises a Partir do Questionário do ALiB (2001)**

Durante nossa pesquisa na comunidade Corixa, constatamos em nossas entrevistas o uso de [ãw] e [õ] na referida comunidade, dentre as perguntas aplicadas com maior incidência deste fenômeno linguístico, estão as questões retiradas do ALiB (2001):

- a) Qual é aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas? (ALiB, 2001, p.7)

Em resposta a esta pergunta, encontramos duas realizações em uso na comunidade, a forma padrão [ãw], sendo realizada na fala de alguns entrevistados como [tele'vizãw]<sup>19</sup>, e a forma é a padrão regional<sup>20</sup> [õ], sendo realizada no falar de alguns entrevistados como [tele'vizõ], [teli'vizõ] e [tili'vizõ]. Deste modo, apresentamos no gráfico 1 a seguir, as

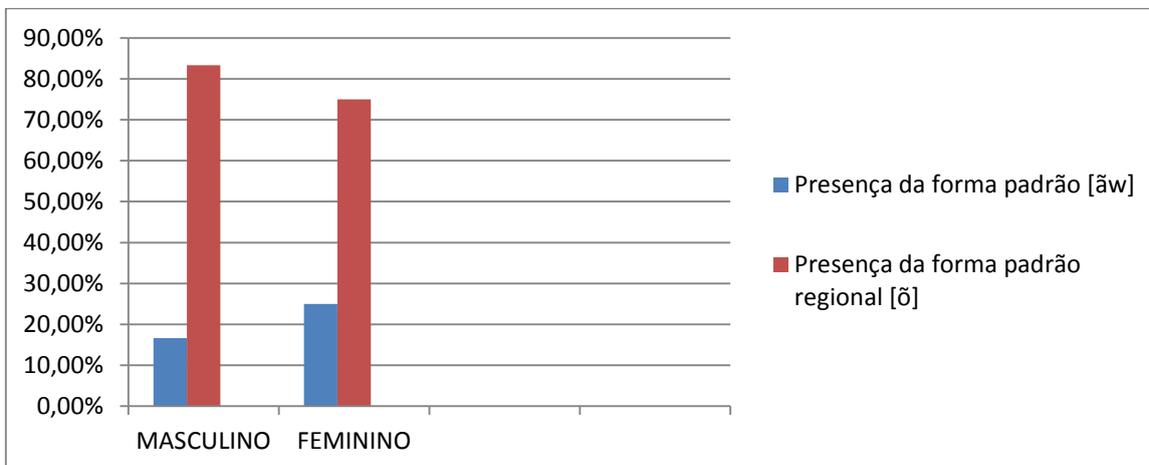
<sup>18</sup> Deste questionário, selecionamos para nossa pesquisa, apenas quatro questões.

<sup>19</sup> Apesar de termos encontrado outras variações linguísticas na comunidade, neste estudo nos deteremos em analisar apenas os usos de [ãw] e [õ].

<sup>20</sup> Neste estudo trataremos as formas como padrão e padrão regional, tendo em vista que tais fenômenos já foram atestados no falar da cidade de Cáceres-MT e em Poconé-MT.

recorrências de uso de [ãw] e [õ], na palavra televisão no falar da comunidade em estudo:

Gráfico 1: Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra televisão



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Os dados dispostos no gráfico 1 mostram que o uso da forma padrão [ãw] na palavra [tele'vizãw], atingiu 16,66% no falar dos homens, enquanto que a forma padrão regional [õ]- [tele'vizõ], [teli'vizõ] e [tili'vizõ] atingiu 83,33%. No falar das mulheres, o uso da forma padrão [ãw] na referida palavra atingiu 25 % de ocorrências, enquanto a forma padrão regional [õ], atingiu o índice de 75% de ocorrências no falar das mulheres. Percebe-se que tanto na fala feminina, quanto na masculina, o uso da forma padrão regional [õ]- [tele'vizõ], [teli'vizõ] e [tili'vizõ] é predominante sobre a forma padrão [ãw].

Apresentamos, a seguir, fragmentos das respostas masculinas e femininas:

(17) Acho que **televisão** né. (LROM24)

(18) Ah... é a **tilivison** né. (MSSM50)

(19) **Televisão**. (JRSF28)

(20) A grobo né... ah... **tilivison**. (AMCRF48)

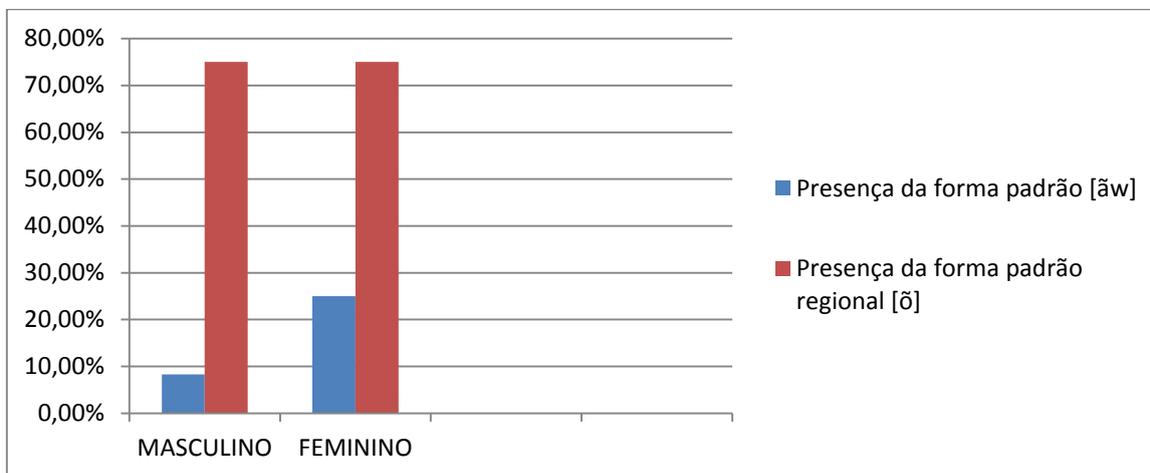
Apresentamos, a seguir, análises relacionadas à outra questão retirada do ALiB.

b) Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando a imagem de um ponto a outro? (ALiB, 2001, p.15).

Com a aplicação desta questão, obtivemos duas formas de uso para a palavra **procissão**, sendo uma conforme a norma padrão, mantendo o ditongo [ãw]-[**prosisãw**], já a outra forma de uso encontrada na comunidade é a forma padrão regional [õ]-[**prosisõ**],

[‘**porsisõ**] e [‘**prusisõ**]. A seguir apresentamos o gráfico 2, com as referidas formas de usos e suas porcentagens:

Gráfico 2: Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra procissão



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Lê-se no gráfico 2, que o uso de [ãw] e [õ] para a palavra [‘**prosisãw**] se alternam na comunidade Corixa, para os homens 75% dos entrevistados utilizaram a forma padrão regional [õ]- [‘**prosisõ**], [‘**porsisõ**] ou [‘**prusisõ**] e 8,33% respondeu conforme a norma padrão, ou seja, respondeu [‘**prosisãw**] e 16,66% não souberam responder a esta questão. Nas respostas femininas 75% responderam utilizando a forma padrão regional [õ]- [‘**prosisõ**], [‘**porsisõ**] e [‘**prusisõ**], enquanto 25% responderam conforme a norma padrão [ãw]- [‘**prosisãw**]. Percebemos que tanto os homens como as mulheres usam no seu falar a forma padrão regional [õ].

A seguir apresentamos fragmentos das entrevistas, com os referidos usos:

(21) Acho que é **procissão** né. (LROM24)

(22) **Prucisson**. (ROM60)

(23) **Prucissão**. (JSR28)

(24) **Purcisson**....pro santo né. (ATRF70)

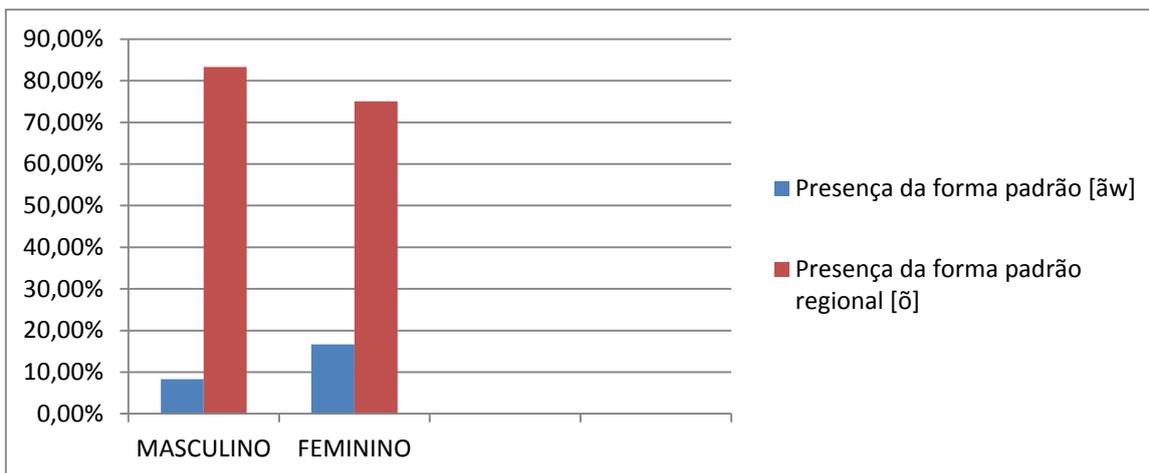
Apresentamos, a seguir, análises relacionadas à outra questão retirada do ALiB (2001), e que também foi muito produtiva em nossa coleta de dados.

c) Quando se comete uma falta grave o que é que se pede a Deus? (ALiB, 2001, p.15).

Com esta questão, também encontramos as duas formas de uso para a palavra

[pe.ɾ'dãw], sendo que uma forma é a padrão, onde o ditongo final é realizado [ãw]- [pe.ɾ'dãw], já a outra forma é a padrão regional, nesta a palavra passa a ser [õ]- [pe.ɾ'dõ]. Podemos observar o índice de uso destas duas formas no gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3: Alternância de [ãw] e [õ], no uso da palavra perdão



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Lê-se no gráfico 3: nas respostas a palavra [pe.ɾ'dãw] no falar masculino, nos dados acima, 8,33% responderam de acordo com a norma padrão [ãw]-[pe.ɾ'dãw], enquanto 83,33% dos entrevistados usaram a norma padrão regional-[õ]-[pe.ɾ'dõ] e apenas 8,33% não souberam responder a questão.

Dos índices de uso da palavra [pe.ɾ'dãw] no falar feminino, a forma padrão [ãw]-[pe.ɾ'dãw] atingiu 16,66% de uso, ou seja, estas falam [pe.ɾ'dãw], enquanto 75% usam a forma padrão regional [õ]-[pe.ɾ'dõ] e 8,33% não souberam responder à questão proposta. Na comunidade, podemos encontrar tanto a forma padrão [ãw], quanto a padrão regional [õ], porém o que predominou foi o uso da forma padrão regional [õ].

Apresentamos, a seguir, fragmentos das entrevistas femininas e masculinas.

(25) **Perdão**. (LROM24)

(26) A genti pedi **perdon** pra Deus né. (SOM62)

(27) **Perdão** de Deus. (JSRF28)

(28) Ixposiçon... **prucisson**. (AMCRF48)

Apresentamos, a seguir, análises relacionadas à outra questão retirada do ALiB

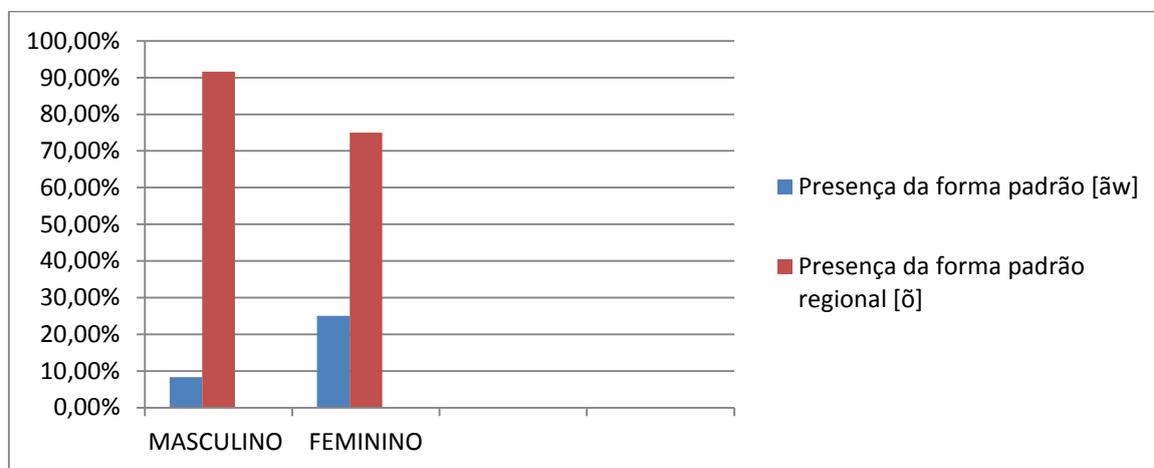
(2001).

d) Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? (ALiB, 2001, p.16).

Obtivemos um resultado significativo para a alternância da forma padrão [ãw] pelo [õ] no falar da comunidade Corixa. Nesta almejavamos como resposta a palavra [**kora'sãw**], e nas respostas obtidas na comunidade, encontramos duas formas de uso, a forma padrão [ãw]-[**kora'sãw**] e a forma padrão regional [õ]-[**kora'sõ**].

Apresentamos no gráfico 4, a seguir, os índices de uso da forma padrão [ãw]-[**kora'sãw**] e a forma de uso padrão regional [õ]-[**kora'sõ**]:

Gráfico 4: O uso de [ãw] e [õ], no uso da palavra coração



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Os dados dispostos no gráfico 4, o falar masculino, apresentou 91,66% de uso forma padrão regional [õ]-[**kora'sõ**], e 8,33% responderam conforme a norma padrão [ãw]-[**kora'sãw**]. Quanto ao falar feminino, elas apresentaram 75% de uso da forma padrão regional [õ]-[**kora'sõ**], e 25% de uso da forma padrão [ãw]-[**kora'sãw**].

Apresentamos, na sequência, fragmentos das entrevistas femininas e masculinas:

(29) É o **coração**. (LROM24)

(30) O **coração**. (JSRF28)

(31) O **coraçõ**... quando o **coraçõ** para é que djenti vai morre né. (ATRF70)

De acordo com Labov (2008, p. 243), “não existe falante de estilo único [...] todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social...”, como pode ser observada nos índices dos gráficos 1, 2, 3 e 4, a

incidência de uso da forma padrão regional [õ] é alta, tanto no falar masculino, quanto no feminino, nas palavras televisão, procissão, perdão e coração.

Na sequência, trataremos das análises extralinguísticas, ou seja, a idade e o sexo. Mostraremos quais fatores exercem maior ou menor influência, sob os usos linguísticos apresentados na/pela comunidade, sendo assim, consideramos que tais fatores são importantes para a explicação dos usos de [ãw] e [õ] na comunidade em estudo.

Apresentaremos, a seguir, as análises das variáveis em um contexto mais amplo, tendo em vista, que até neste ponto, analisamos somente as palavras retiradas do questionário do ALiB (2001).

### 3.3 A Variável Sexo em um Contexto Mais Amplo

A partir deste ponto faremos análises amplas, ou seja, analisaremos todas as ocorrências apresentadas durante as entrevistas na comunidade Corixa, nos tópicos anteriores vínhamos analisando somente as ocorrências obtidas com o questionário ALiB (2001), deste ponto em diante faremos uma abordagem geral do fenômeno aqui estudado. Apresentamos neste espaço, as análises dos usos de [ãw] e [õ] na comunidade Corixa-MT, e o primeiro item a ser considerado é o fator extralinguístico sexo, de modo que neste estudo, tomamos como parâmetro o sexo masculino e feminino.

Conforme Bagno (2017):

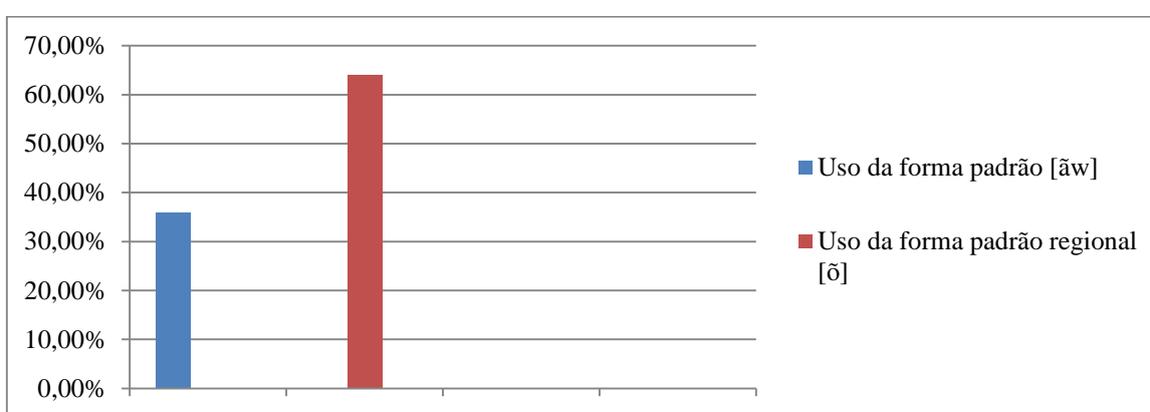
As pesquisas antropológicas e dialetológicas demonstraram que as mulheres, frequentemente exibem um **comportamento linguístico** diferente do dos homens. Essas diferenciações podem ser devidas à própria estrutura da língua: em japonês, por exemplo, há formas, gramaticais específicas que só as mulheres usam ao falar, como os pronomes de 1ª pessoa *atashi*, *atakushi* e *atai*; em línguas com morfologia própria para a categoria gramatical de gênero, a flexão no feminino é obrigatória quando a mulher fala de si mesma (Estou exausta, mas satisfeita). Outra causa possível para a diferenciação da fala feminina são os **tabus** linguísticos impostos em diferentes culturas, onde costumam existir palavras cuja pronúncia é proibida às mulheres [...] Também é possível localizar as diferenças linguísticas das falas masculinas e femininas nas diferenças de modo de vida: nas sociedades em que as mulheres praticamente não têm contato com o exterior, é normal que desconheçam inovações linguísticas surgidas no ambiente externo ao seu. (BAGNO, 2017, p. 132, *grifos do autor*)

Sendo assim, compreendemos que o falar dos homens e das mulheres pode ser diferenciado, e que os fatores condicionadores são importantes nestas escolhas dos falantes, depende da cultura, dos costumes e hábitos de cada lugar. Tanto os homens quanto as mulheres desempenham diferentes atividades nas comunidades. Por exemplo, há algum tempo, a

educação dos filhos era considerada como obrigação somente das mulheres, e estas ficavam a cargo dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. Seu círculo de convivência era limitado, enquanto que os homens ficavam responsáveis por trabalhar fora e manter suas famílias financeiramente, mantendo assim, vínculos que iam além da convivência familiar. Sabemos que o contato ou a falta de contato com outras pessoas podem influenciar nos usos linguísticos de homens e mulheres, sendo assim, é pertinente considerar todos os fatores possíveis na construção das análises.

Apresentamos, a seguir, o gráfico 5 com os resultados totais de uso d [ãw] e [õ]:

Gráfico 5: Total de ocorrências de [ãw] e [õ]



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Lê-se no gráfico 5: 36% de ocorrências de uso da forma padrão [ãw], valor correspondente a 166 usos, e 64% de ocorrências de uso da forma padrão regional [õ], que correspondem a 370 usos.

Apresentamos a seguir, os resultados das análises obtidas, com os entrevistados do sexo masculino.

### 3.3.1 Uso de [ãw] e [õ] no falar masculino

Nossas entrevistas foram realizadas com 12 homens e 12 mulheres da comunidade Corixa, totalizando 24 pessoas. Destes, obtivemos no falar masculino 76 ocorrências de [ãw] e 178 ocorrências do [õ], conforme pode ser observado na tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Uso de [ãw] e [õ] no falar masculino:

ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
LROM24	19 = 25, 67%	0
RROFM26	11 = 14, 86%	3 = 0, 58%
CROM30	7 = 9, 45%	9 = 5, 74%
MTRM25	7 = 9, 45%	6 = 3, 44%
JSRM48	3 = 4, 5%	14 = 8, 04%
JSM48	3 = 4, 5%	15 = 8, 62%
JVM47	8 = 10, 81%	14 = 8, 04%
ATM38	7 = 9, 45%	16 = 9, 19%
MSSM58	2 = 2, 70%	22 = 12, 64%
FVM70	5 = 6, 75%	31 = 17, 81%
ROM60	2 = 2, 70%	14 = 8, 04%
SOM62	0	30 = 17, 24%
TOTAL	74	174

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Conforme disposto na tabela 3, obtivemos em nossa pesquisa com entrevistados do sexo masculino, 74 ocorrências da forma padrão [ãw], com índices de uso que variaram entre 25, 67% equivalente a 19 ocorrências, até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]. Quanto à forma padrão regional [õ], obtivemos nas entrevistas masculinas 174 ocorrências, com índices de uso que variaram entre, 17,81% equivalentes a 31 ocorrências, até 0% de ocorrência.

Observamos a existência de ambos os usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar dos homens na comunidade em estudo, de maneira que obtivemos desde valores altos de ocorrências, (19 ocorrências no falar de um único entrevistado) para [ãw], até a ausência deste uso linguístico no falar masculino. Do mesmo modo, o uso linguístico de [õ], apresentou altos índices de ocorrências (30 ocorrências no falar de um único entrevistado), até a ausência deste uso linguístico no falar masculino. Acreditamos que estas ausências estão relacionadas, ao fator extralinguístico idade e a relação de identidade dos entrevistados manifestadas na/pela língua. Abordaremos este tema mais adiante.

Apresentamos fragmentos das entrevistas para exemplificação:

(32) Mais ou menos... eu gostu... tipo ao púbrico né...**movimentação**...ondi tivé mais

**população**...aqui é muito quetu... paradu...num tem **opção** pra genti saí... assim num sábado saí pra passia né...i num lugá diferente aqui num tem...só ficá im casa memo...as vez tem festinha na comunidadi...mas é difícil tê. (LROM24)

(33) Sim... mandioca...milho...batata... banana... **prantação** de áta laranja...fruta de tudo tipo. (JVM47)

(34) Eu por exemplo... aqui cuzinho no **fogon** de lenha... eu como cumida cozinhada no **fogon** a gás só quando eu vô lá em Cáceres... na casa de minha irmã... do contrário é só á lenha... angico... é galinha cum aroz... carni cum **macaron**... carni cum mandioca. (FVM70)

(35) As coisa num **son** como era di primero né... di primero fazia a festa cum lamparina... o pessoal que dança e o **violon** que toma o dele... e o panderô a noite intera... agora **non**... disqui falâ tira... daí é feio... põe um **lambadon** e o pessoal dança. (MSSM58)

### 3.3.2 Uso de [ãw] e [õ] no falar feminino

No falar feminino, encontramos 92 ocorrências do [ãw], seguida de 199 ocorrências de [õ], como pode ser observado na tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Uso de [ãw] e [õ] no falar feminino:

ENTREVISTADAS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
JSRF28	18 = 19, 56%	1 = 0, 51%
SPSF26	10 = 10, 86%	6 = 3, 06%
ACEMF20	7 = 7, 60%	10 = 5, 10%
CCROF20	10 = 10, 86%	6 = 3, 06%
LSRF44	7 = 7, 60%	11 = 5, 61%
AMCRF48	6 = 6, 52%	21 = 10, 71%
MSF38	19 = 20, 65%	2 = 1, 02%
NTF47	9 = 9, 78%	16 = 8, 16%
ATRF70	1 = 1, 08%	25 = 12, 75%
ESRF58	3 = 3, 26%	42 = 21, 42%
IJF58	0	26 = 13, 26%
DLBF71	2 = 2, 17%	30 = 15, 30%
TOTAL	92	196

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Conforme disposto na tabela 4, obtivemos em nossa pesquisa com as entrevistadas do sexo feminino, 92 ocorrências da forma padrão [ãw], com índices de uso que variaram entre 20,65% equivalente a 19 ocorrências, até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]. Quanto à variante padrão regional [õ], obtivemos nas entrevistas femininas 196 ocorrências, com valores percentuais que variaram entre, 21,42% equivalentes a 42 ocorrências, e 0,51% equivalente a 1 ocorrência.

Apresentamos, a seguir, fragmentos das entrevistas para exemplificação:

(36) Por que o pessoal daqui na festa de **São Sebastião**... eles sai sempre com o santo né... pra pega alimento... eu fui... aí saiu tiro ali na Bolívia... a bala passou de **raspão** na minha cabeça...nunca mais fui. (JRSF28)

(37) Na **prantação**... tem madioca... milho... **feijão**. (MSF38)

(38) Tem **picon**... poejo... Gonçalo folha dele... a genti usa muito folha de **argudon**... pra **inframaçon** né...esses remédio assim... que aqui nós num tem farmácia... o que tem é só esse né. (LSRF44)

(39) Tem **prantaçon** sim... ele que prantô [...] mandioca... banana... milho... batata...

**fejon...** essas coisa né. ( NTF47)

Constatamos a existência de alternância nos usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar das mulheres da comunidade em estudo, de maneira que obtivemos desde valores altos de ocorrências, (19 ocorrências no falar de uma única entrevistada) para [ãw], até a ausência deste uso linguístico. O uso linguístico de [õ] no falar das mulheres também teve alternância de uso, tendo em vista que obtivemos índices altos de ocorrências (42 ocorrências no falar de uma única entrevistada).

Dias (2016), em sua pesquisa realizada na cidade de Poconé-MT, também encontrou os usos de [ãw] e [õ], no falar poconeano, segundo a pesquisadora:

Em Poconé há o uso, por exemplo, da variante [õ] (coração-coraçõn), porém, não é uma variação com uso absoluto de [õ], pois há também o uso de [ãõ]. Esse fato ocorre com todos os outros fenômenos encontrados na comunidade. Desta forma percebemos a alternância e concorrência como propõe a teoria. (DIAS, 2016, p. 40)

Assim, como nos estudos da referida pesquisadora, e em consonância com a teoria sociolinguística, nós encontramos os usos tanto da forma padrão [ãw], quanto da forma padrão regional [õ]. No falar de ambos os sexos, na comunidade Corixa-MT, de modo que os falantes alternam sua fala entre o uso padrão [ãw] e a padrão regional [õ], sendo que a segunda forma é considerada de menor prestígio pelas pessoas de fora da comunidade, fato que não parece ocorrer nesta comunidade, como pode ser observado pelo número de ocorrências da forma padrão regional [õ].

Conforme Calvet (2002):

Dizer, por exemplo, *o toalete, o reservado, o banheiro, a latrina, o wc ou o sanitário* evidentemente manifesta uma variável, mas resta o problema de saber a que função correspondem essas diferentes *formas* [...] realmente pode-se considerar que essas diferentes palavras se dividem em seu uso em uma escala de faixas etárias: os jovens diriam *banheiro*, seus pais *wc* e seus avós, *reservados*, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividem segundo o sexo dos falantes, os homens dizendo mais *banheiro* e *wc* e as mulheres, *toaletes* e *reservado*. Pode-se ainda imaginar que eles se dividam segundo uma escala social, com as classes abastadas usando preferentemente *toaletes*, e as classes desfavorecidas *latrina*, etc. uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos. (CALVET, 2002, p. 103)

Como pode ser observado na descrição do autor acima citado, existem diferenças no

falar masculino e feminino, assim como existem diferenças do falar dos mais jovens e dos mais velhos, ou diferenças devido à classe social. Compreendemos que nossos resultados são possíveis reflexos do isolamento da comunidade em estudo, em que as mulheres ficam em casa cuidando dos filhos, enquanto os homens saem da comunidade com maior frequência para trabalhar, fazer compras, entre outras atividades, afetando, assim, os falares da comunidade. A variante [õ], por exemplo, é recorrente no falar da comunidade em estudo, porém, ela se destaca no falar das mulheres, onde obtivemos 196 ocorrências de uso do variante padrão regional [õ], valor superior ao encontrado no falar masculino que apresentou 74 ocorrências da variante padrão regional [õ].

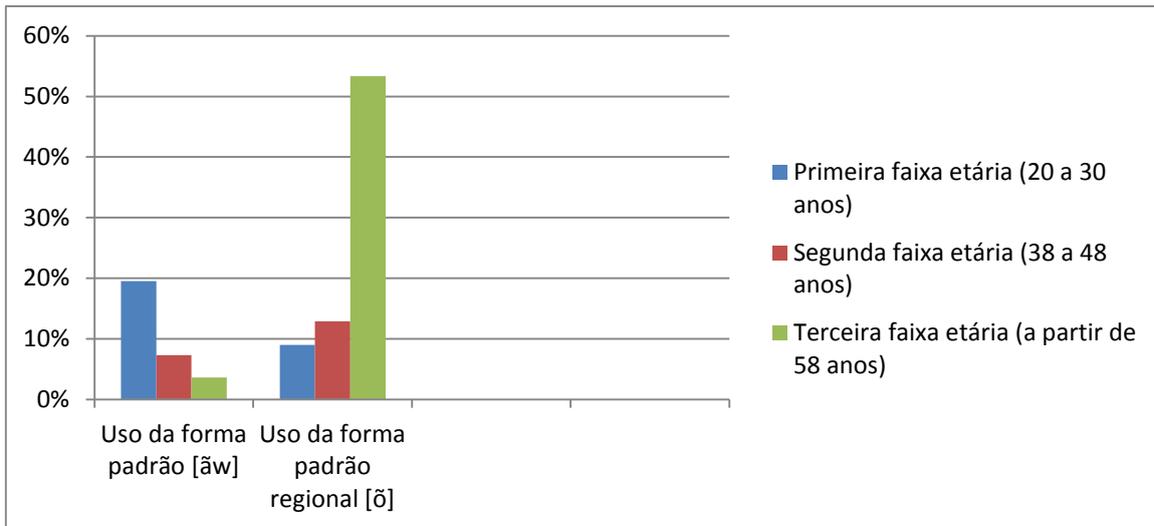
Outros fatores podem condicionar esta diferença nos resultados, como o fato dos homens terem interagido menos com a pesquisadora, talvez pelo fato de ser uma mulher entrevistando homens. Enquanto que as mulheres se expressaram com mais naturalidade. Outro fator que pode ter influenciado nos resultados é o fato dos homens estarem mais presentes no mercado de trabalho, eles saem para trabalhar, criam laços de amizade, para além da fronteira, enquanto as mulheres, principalmente, as mais velhas, não costumam sair da comunidade. Seus vínculos de contato limitam-se à sua família e à comunidade, e vez ou outra, uma conversa com visitantes que chegam de passagem na comunidade, ou então uma ida rápida até a cidade de Cáceres, para uma consulta médica, ou para fazer compras. Estes fatores, aliados ao isolamento local, acabam por preservar o uso da variante padrão regional [õ] no falar feminino.

### **3.4 Variável Idade**

O fator extralinguístico idade é de grande importância nas análises de cunho Variacionista, tendo em vista, que dependendo da faixa etária, os resultados podem ser diferenciados, pois a segurança, a atitude linguística e cultural pode variar de uma idade para outra. Portanto, para este estudo, selecionamos três faixas etárias distintas, sendo elas: de 20 a 30 anos, considerada a faixa etária jovem, de 38 a 48 anos, considerada a faixa etária intermediária e, a partir de 58 anos, considerada a faixa etária mais velha.

Apresentamos no gráfico 6, os percentuais de uso por faixa etária:

Gráfico 6: O uso de [ãw] e [õ] por faixa etária



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como pode ser observado no gráfico 6, a primeira faixa etária, que corresponde aos jovens de 20 a 30 anos, apresentou em sua fala, 89 usos de [ãw], valor representado no gráfico por 19,51%. Podemos observar que este mesmo grupo apresentou, em sua fala, 41 usos de [õ], valor representado no gráfico por 8,98%, ou seja, neste grupo, o uso da forma padrão [ãw] predominou.

Na segunda faixa etária, correspondente aos intermediários de 38 a 48 anos, apresentou em sua fala, 62 usos de [ãw], representados no gráfico por 7,33%. Quanto ao uso do [õ], este grupo apresentou 109 ocorrências, com porcentagem de 12,90%, ou seja, neste grupo o uso da forma padrão regional [õ] teve o maior número de usos.

A terceira faixa etária corresponde aos entrevistados acima de 58 anos, considerada a faixa etária mais velha, apresentando em sua fala 15 usos de [ãw], com percentuais de uso de 3,63%. Quanto ao uso da forma padrão regional [õ], apresentou 220 usos, com porcentagem de uso de 53,33%. Como pode ser visto nesta faixa etária o uso da forma padrão regional [õ] predominou. Mais adiante, explicaremos os prováveis motivos das diferenças de uso entre as faixas etárias, pois acreditamos que existem outros fatores extralinguísticos que influenciam tais resultados.

Conforme Dias (2016, p. 41):

A distribuição por faixa etária, de acordo com Labov, não representa apenas mudança na comunidade, mas também um padrão de gradação etária, que se repete com o passar das gerações, ou seja, se pensarmos que na segunda e terceira faixas etárias há informantes que possuem ensino superior, por exemplo, podemos supor que nada impede que os informantes da primeira

faixa etária, ao atingirem as próximas faixas etárias, utilizem a forma linguística inovadora. Essa escolha vai envolver inúmeros outros fatores extralinguísticos, como a própria atitude linguística da informante frente à sua língua. (DIAS, 2016, p. 41)

Sendo assim, apresentamos nossas análises, de uso de [ãw] e [õ] na comunidade Corixa, de modo que levaremos em consideração nas análises subseqüentes, o fator extralinguístico idade.

A seguir, apresentamos a tabela 6, com os índices de uso da forma padrão [ãw] e [õ], no falar da faixa etária mais jovem:

a) Fator extralinguístico idade de 20 a 30 anos

Tabela 6: Uso de [ãw] e [õ] na primeira faixa etária, de 20 a 30 anos

ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
LROM24	19 = 21, 84%	0
RROFM26	11 = 12, 35%	3 = 7, 31%
CROM30	7 = 7, 86%	9 = 21, 95%
MTRM25	7 = 7, 86%	6 = 14, 63%
JSRF28	18 = 20, 22%	1 = 2, 43%
SPSF26	10 = 11, 23%	6 = 14, 63%
ACEMF20	7 = 7, 86%	10 = 24, 39%
CCROF20	10 = 11, 23%	6 = 14, 63%
<b>TOTAL</b>	89	41

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Conforme a tabela 6 acima, os resultados da faixa etária mais jovem apresentaram os maiores índices de ocorrência da forma padrão [ãw], apresentando 89 ocorrências, com índices de uso que variaram de 21,84%, equivalentes a 19 ocorrências, até 7,86% equivalentes a 7 ocorrências. Quanto à variante padrão regional [õ], esta apresentou índices de uso inferiores no falar dos mais jovens, com 41 ocorrências, índices de uso que variaram de 24,39% equivalente à 10 ocorrências, até 2, 43% equivalente a 1 ocorrência, ou seja, ainda que haja alternância de uso das variantes no falar dos mais jovens. Estes usam com maior recorrência o [ãw].

Temos como hipótese, que tais resultados estariam relacionados à escolarização, tendo em vista, que a maioria dos nossos jovens entrevistados, já terminou ou está cursando o ensino médio. Outro fator, que poderia ter exercido influência nestes resultados, seria o contato com

outras pessoas, tendo em vista, que em nossas entrevistas, percebemos que os jovens costumam sair da comunidade a passeio com bastante frequência, tanto em território brasileiro como em território boliviano.

Além disso, existe o fator identidade linguística<sup>21</sup> do entrevistado, no qual o entrevistado irá adequar sua fala de acordo com o grupo ao qual se identifica ou que gostaria de estar inserido. Neste caso, podemos citar como exemplo, o entrevistado LROM24, que apresentou o maior número de ocorrências da forma padrão [ãw] em sua fala. Ele deixou bem claro sua insatisfação em morar na comunidade, pois gostaria de morar em cidades mais movimentadas, com maior número de pessoas e este também demonstrou interesse em sair da comunidade, ou seja, ele não se identifica com o local onde vive e por esse motivo a sua fala também passa a ser diferente.

Conforme Labov (2008):

Quando se trata de estudantes secundaristas, nos damos conta de que muitos dos jovens oriundos de antigas famílias não pretendem permanecer na ilha, e isso se reflete nos índices baixos da tabela 1.5. Relativamente poucos filhos de ascendência inglesa estarão ganhando a vida em Martha's Vineyard nos próximos vinte anos. Numa série de entrevistas na Martha's Vineyard Regional High School, foi possível comparar muito de perto os hábitos de fala por meio de uma leitura padronizada: "*After the high winds...*" Observou-se um nítido contraste entre os que planejam deixar a ilha e os que planejam ficar. Estes últimos exibem forte centralização, enquanto os primeiros exibem pouca, ou nenhuma. Para enfatizar este aspecto, podemos selecionar quatro alunos de 15 anos de idade: os dois da ilha baixa que pretendem partir em busca de uma carreira em comércio e finanças mostram pouca ou nenhuma centralização; os dois da ilha alta que esperam ir para a faculdade e voltar para levar a vida na ilha exibem uma considerável centralização. (LABOV, 2008, p. 52)

Como pode ser observado no fragmento acima, os nossos resultados se assemelham com os resultados apresentados por Labov, isso por que nosso único entrevistado que demonstrou interesse em sair da comunidade não apresentou nenhuma ocorrência de [õ] em sua fala, ou seja, este entrevistado procura uniformizar sua fala, conforme o grupo ao qual deseja ser/estar inserido.

Seguem fragmentos das entrevistas para exemplificação:

(40) Depende... tem algumas tipo di **discriminação**...devido a **população** morâ na área de frontera...com risco de tráfico. (LROM24)

(41) **Picão** pra animia... bassorinha é bom pra desinframa... amassa ele coloca uma

---

<sup>21</sup> Retomaremos o assunto no próximo capítulo.

pitadinha de sal e coloca no machucado... erva de Santa Maria pra verme... **algudão** pra **inframação**. (JRSF28)

(42) Banana... mandioca...milho...**fejon**. (CROM30)

(43) Pra mim... na minha **opinion**...**son** todos igual. (SPSF26)

Apresentamos, a seguir, as análises de uso das formas padrão [ãw] e do padrão regional [õ] no falar dos entrevistados da segunda faixa etária.

b) Fator extralinguístico idade de 38 a 48 anos

Tabela 7: O uso de [ãw] e [õ] na segunda faixa etária, de 38 á 48 anos:

ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
JSRM48	3 = 4, 83%	14 = 12, 84%
JSM48	3 = 4, 83%	15 = 13, 76%
JVM47	8 = 12, 90%	14 = 12, 84%
ATM38	7 = 11, 29%	16 = 14, 67%
LSRF44	7 = 11, 29%	11 = 10, 09%
AMCRF48	6 = 9,67%	21 = 19, 26%
MSF38	19 = 30, 64%	2 = 1,83%
NTF47	9 = 14, 06%	16 = 14, 67%
TOTAL	62	109

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Conforme a tabela 7, os resultados para os usos linguísticos de [ãw] apresentaram altos índices de atuação no falar intermediário, 62 ocorrências de uso da forma padrão [ãw], com percentuais de uso que variam entre 4,83%, equivalentes a 3 usos, e 30,64% equivalentes a 19 usos. Em contrapartida, os usos de [õ] no falar intermediário, apresentaram 109 ocorrências de uso nesta faixa etária, com percentuais de uso que variam entre 19,26% equivalentes a 21 usos e 1,83% equivalente a 2 usos.

Ao compararmos os resultados, percebemos que o uso da variante padrão regional [õ] (109 ocorrências) é muito superior nesta faixa etária, ao uso de [ãw] (62 ocorrências). Este número se justifica pelo fato de que a maioria dos entrevistados desta faixa etária não possui escolaridade e, se a tem, é incompleta. Isso fica evidente quando observamos nos resultados, por exemplo, a entrevistada MSF38 que apresentou em sua fala 19 ocorrências da variante padrão [ãw], e apenas 2 ocorrências da variante padrão regional [õ]. Vale ressaltar que esta

entrevistada é a única deste grupo que possui o ensino médio completo, daí nossa hipótese de que a recorrência de uso da variante padrão regional [õ] nesta faixa etária pode estar relacionada ao fator escolaridade.

Seguem fragmentos e entrevistas para exemplificação:

(44) Son **Sebastião**... Nossa Sinhóra de Fátima... Nossa Sinhóra Aparecida... son as festa daqui. (JSM48)

(45) A dança... **lambadão**... forró... rasqueado [...] na **prantação**... tem madioca... milho... **fejão**. (MSF38)

(46) Eles pensa qui as pessoa daqui da frontera **son** ruim né... pensa qui as pessoa.... num tem **iducaçon** ...pensa qui tudo mundo mechi cum coisa errada... cum droga né. (JSRM48)

(47) A mercadoria vai aqui du Brasil pra elis né... arroz... óleo... **fejon**... essas coisa vai tudu daqui pra eles lá [...] Tem **prantaçon** sim...aí. (LSRF44)

Apresentamos, a seguir, as análises da alternância de uso das variantes padrão [ãw] e da padrão regional [õ] no falar dos entrevistados da terceira faixa etária.

c) Fator extralinguístico idade: a partir de 58 anos

Tabela 8: O uso de [ãw] e [õ] na terceira faixa etária, a partir de 58 anos:

ENTREVISTADOS	OCORRÊNCIAS [ãw]	OCORRÊNCIAS [õ]
MSSM58	2 = 13, 33%	22 = 10%
FVM70	5 = 33, 33%	31 = 14, 09%
ROM60	2 = 13, 33%	14 = 6, 36%
SOM62	0	30 = 13,63%
ATRF70	1 = 6, 66%	25 = 11, 36%
ESRF58	3 = 20%	42 = 19,09%
IJF58	0	26 = 11, 81%
DLBF	2 = 13, 33%	30 = 13, 63%
TOTAL	15	220

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Conforme os dados da tabela 8, podemos observar que os índices de uso da variante padrão [ãw], nesta faixa etária, foi pequena, apresentando apenas 15 usos, com índices que variam entre, 33,33% correspondentes a 5 usos e 6,66% correspondentes a 1 uso. Entretanto, os usos de [õ] se sobressaíram nesta faixa etária, tendo o maior índice de atuação, totalizando 220 ocorrências. Se compararmos este índice de uso, com os resultados das outras duas faixas etárias, percebemos a grande diferença de números. Os índices deste uso, nesta faixa etária, apresentaram percentuais que variaram entre 6,36% correspondentes a 14 ocorrências e 19, 09% correspondente a 42 ocorrências. Seguem os fragmentos das entrevistas para exemplificação:

(48) **Não...não...não** aqui nunca teve... aqui é a Corixa brasileira [...] tem festa de Son **Sebastião**. (FVM70)

(49) Aqui mesmu eu sô festera de Son **Sebastião** [...] **não** sei. (ESRF58)

(50) Num méitchi na **prantaçon... non** méitchi no nada [...] **son** tudo legal... Cunversa cum adgenti cum **iducaçon** né. (MSSM58)

(51) Tem remedinho du mato né...é **argudon**...o tar du **picon**...é ferve ele pra tomá...pra

tomá banho...pra animia...o olho fica amarelo... fica verde... **inton** ferve ele...pra tomá... pra tomá banho...u **argudon** tamém...tem aquele broto... tira ele... bate no lificador pra tirá aquele sumo... pra tomá...pra **inframaçon**. (ATRF70)

Ao observamos a tabela 8, percebemos a grande diferença de resultado de uso, entre a variante padrão [ãw] com 15 ocorrências e a padrão regional [õ] com 220 ocorrências. Dessa forma, acreditamos que estes resultados podem ser o reflexo da não escolarização dos entrevistados, tendo em vista que este grupo é formado por pessoas sem instrução escolar, ou seja, os entrevistados deste grupo não possuem estudo. Em contrapartida, existe também a possibilidade da variante padrão regional [õ] estar presente em maior quantidade nesta faixa etária, tendo em vista, que os entrevistados mais velhos foram mais espontâneos ao responder o nosso questionário, contaram histórias, ensinaram receitas de remédios caseiros, descreveram as festas locais, falaram de tudo um pouco, ou seja, foram mais colaborativos/participativos.

### 3.5. Aspectos Importantes da Pesquisa

Percebemos, por meio das análises dos usos de [ãw] e [õ], que os fatores condicionadores que influenciam os usos linguísticos são muitos, bem como, constatamos a existência de diferenças quanto ao uso de [ãw] e [õ], por homens e mulheres na comunidade. Também constatamos a diferença nos usos linguísticos, conforme a idade, tendo em vista, que as três faixas etárias, aqui analisadas, apresentaram dados diferentes quanto ao uso de [ãw] e [õ].

Pensando nos aspectos fronteiriços de diversidades, tanto culturais como linguísticas, acreditamos ser pertinente citar alguns fatos que ocorreram no decorrer de nossas entrevistas. Durante nossa estadia na comunidade, percebemos que nossos entrevistados apresentaram certo receio em afirmar que falavam espanhol, como se tal fator fosse negativo. Porém, mesmo com a negação, ao dizer que não falam e não têm contato com o espanhol, ou com bolivianos, percebemos que tanto as crianças, quanto alguns adultos, em determinados momentos utilizaram palavras<sup>22</sup> em outro idioma, ou seja, este espaço fronteiriço, também é formado pelo contato linguístico, entre brasileiros e bolivianos.

Sobre este assunto, Espiga (2002), diz que:

Pouco coincide a fronteira política com a fronteira linguística, entre o

---

<sup>22</sup> Lembrando que em nossas entrevistas gravadas, tais palavras não apareceram, estamos falando aqui neste momento, das observações realizadas durante nossa estadia na comunidade.

Português e o Espanhol, o grau de contato entre ambas as línguas é também variável, sendo esta variabilidade um dos fatores da heterogeneidade do Português da fronteira. Assim como são heterogêneos a história, as características geográficas e a realidade sociocultural da fronteira, o português da fronteira também o é. (ESPIGA, 2002, p. 70)

Porém, tal contato não é o suficiente para sustentar a hipótese de que o uso de [õ] na comunidade estaria relacionado com o espanhol, haja vista, que os brasileiros que ali vivem “inferiorizam a língua/fala do outro<sup>23</sup>”, contudo não descartamos esta hipótese por completo, haja vista, que além do contato direto com o espanhol, os nativos desta comunidade também tiveram contato com os índios Chiquitano, ambos apresentam o traço nasal em sua fala, sendo assim, não descartamos tais hipóteses por completo, mas deixamos em aberto para futuros estudos.

Neste estudo trazemos o uso de [õ] como um resquício deixado pelos colonizadores, vindos do norte de Portugal no período da colonização, já que segundo os nativos, “os bolivianos é que aprendem o português/brasileiro e não ao contrário”<sup>24</sup>, ou seja, existe certa resistência dos nativos com a relação ao falar do outro (espanhol), tais fatores estariam relacionados com as relações comerciais, já que os bolivianos fronteiriços possuem certa dependência do Brasil. Dentre outros fatores, as referências encontradas sobre o uso de [õ], em Mato Grosso, tomam este fenômeno como um resquício da colonização, o que nos faz seguir por este caminho, lembrando que não descartamos outras possibilidades, apenas seguimos as referências encontradas.

Além disso, em nossas entrevistas na comunidade, percebemos que apesar da proximidade e do contato com os bolivianos, os brasileiros fronteiriços não apresentam interesse em aprender o espanhol/castelhano, sendo assim, acreditamos que não tomariam um traço fonético de uma língua que não prestigiam. Deste modo, pensamos que tal fenômeno na comunidade estaria relacionado com a colonização e não com o contato linguístico entre brasileiros e bolivianos. Entretanto, não descartamos tal hipótese por completo, pensamos em retomar o assunto em estudos posteriores.

### **3.6 Os Usos de [ãw] e [õ]: Estudos Realizados**

Apresentaremos aqui, alguns estudos realizados em Mato Grosso, os quais atestaram

---

<sup>23</sup> Apresentamos estes dados no próximo capítulo.

<sup>24</sup> Conforme pode ser observado no capítulo seguinte.

o uso da alternância de [ãw] e [õ], em diferentes comunidades do Estado. A comunidade em estudo possui diversidades linguísticas, o que nos faz concordar com Alkmim (2004, p. 31), quando diz:

Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIM, 2004, p.31)

Dentre as diversidades apresentadas no falar da comunidade, selecionamos para este estudo apenas a alternância de [ãw] e [õ] para análise, tal fenômeno linguístico consiste na troca do ditongo nasal [ãw] pela vogal nasal [õ], em palavras terminadas em [ãõ] como, por exemplo: coração/coraçon, mão/mon, limão/limon, etc, contudo, tratamos deste fenômeno como alternância de uso, tendo em vista que os falantes utilizam tanto o ditongo nasal [ãw], quanto a vogal nasal [õ] na sílaba final, havendo assim, alternância e não troca absoluta na fala.

Deste modo, nos tópicos subsequentes iremos analisar a alternância de uso de [ãw] e [õ] no falar da Corixa. Tal fenômeno linguístico já foi fonte de pesquisa para diferentes estudiosos da região Centro Oeste do Brasil, sendo assim, consideramos ser pertinente apresentar alguns destes estudos, antes de iniciarmos nossa análise de dados. Dentre estes, estudos podemos citar Silva (2000), Macedo-Karim (2012), e Dias (2016).

Silva (2000) estudou o fenômeno linguístico da alternância de [ãõ] e [on], no português falado na cidade de Cáceres-MT e, conforme os dados obtidos pela pesquisadora, a realização desta variação na comunidade estaria relacionada a fatores linguísticos e extralinguísticos. Dos resultados obtidos pela pesquisadora, os fatores sociais se mostravam como os mais relevantes na alternância do [ãõ] pelo [on], apontando assim, possíveis modificações no falar da comunidade na direção da troca da variante não padrão [on] pela variante padrão [ãõ]. Conforme os dados obtidos pela pesquisadora, com o Programa VARBRUL, os resultados que se mostraram mais relevantes na pesquisa foram os seguintes:

Quanto ao fator idade e o uso da forma padrão [ãõ] pelos mais jovens (pessoas de 12 a 20 anos), apresentou o índice de 92 %, enquanto no grupo intermediário (pessoas de 21 a 50 anos), apresentou 42 % e no grupo dos mais velhos (pessoas com mais de 50 anos), apresentou apenas 6 % deste uso linguístico.

Conforme os dados da pesquisadora, o fator estilo e o uso da forma padrão [ãõ], apresentou o maior número de frequência em situações formais, com o índice de uso de 67 %, quanto ao estilo informal, este apresentou apenas 30 % de uso. E relacionando a idade e estilo

para o uso da forma não padrão [on], os mais velhos atingiram índices de uso de 95% no estilo informal, e apresentaram índices de uso de 93% no estilo formal; enquanto no grupo intermediário (pessoas de 21 a 50 anos) apresentaram no estilo informal, o índice de uso de 97% da realização da forma não padrão [on].

Nas análises das variáveis, a pesquisa apontou que os cacerenses, filhos de pais não cacerenses, usam mais a forma padrão [ão]. Este apresentou o índice de uso de 44 %, enquanto os cacerenses, filhos de pais cacerenses, apresentaram um índice de uso de 88 %.

Já as análises quanto à variável sexo, apontou que as mulheres usam mais a forma padrão [ão] do que os homens. Relacionando o sexo, a idade e o uso da forma padrão [ão], os resultados apontaram que as mulheres mais jovens (de 12 a 20 anos) atingiram o índice de uso de 93%, já os homens da mesma faixa etária atingiram o índice de uso de 92 %; enquanto no grupo intermediário (de 21 a 50 anos), as mulheres atingiram o índice de uso de 52%, já os homens da mesma faixa etária atingiram o índice de uso de 20%. Com relação ao uso da forma não padrão [on], foi registrado o índice de uso de 95% no falar dos entrevistados mais velhos do sexo masculino, e de 92% de uso no falar das mulheres na mesma faixa etária.

Quanto às análises das variáveis sociais, na classe média baixa, o uso da forma padrão [ão] apresentou o índice de uso de 61 %, na classe média este uso apresentou 58 %, e na classe baixa apresentou 56 %. Ao analisar os setores residenciais da cidade de Cáceres, a pesquisadora obteve os seguintes resultados, os residentes na área central utilizam mais a forma padrão [ão], enquanto os moradores dos bairros periféricos da cidade utilizaram mais a forma não padrão [on]. Relacionando a classe social, a idade e o uso da forma não padrão [on], as pessoas mais velhas nas três classes apresentaram índices elevados de uso. A classe social baixa apresentou 100% de uso, a classe social média baixa apresentou 94 % de uso e a classe média, apresentou 91% de uso.

Dos resultados obtidos com a pesquisa, Silva (2000) concluiu que a variante [ão], na cidade de Cáceres-MT, é mais comum na fala de pessoas mais jovens, enquanto a variante [on] é mais comum na fala de pessoas mais velhas, independente da sua classe social. Contudo, a autora ressalta que uma aparente mudança está em curso na comunidade, além disso, indícios levaram a pesquisadora a sustentar a hipótese de que a variante não padrão [on] é uma variante arcaizante, e que possivelmente é um traço fonético trazido pelos colonizadores vindos do Norte de Portugal, no período da colonização.

Macedo-Karim (2012) fez um estudo na comunidade São Lourenço, na cidade de Cáceres-MT. A autora constatou em seus estudos os usos da alternância de [ão] e [õ] na

respectiva comunidade, dos resultados apresentados na pesquisa, foram apresentadas 38 ocorrências de [õ], destas, 13 ocorreram no grupo das mulheres mais jovens, 13 ocorreram no falar das mulheres mais velhas, 2 ocorreram no falar dos homens mais jovens e 10 ocorreram no falar dos homens mais velhos. Com base nos resultados obtidos, a pesquisadora afirma que o uso de [õ] se mantém no falar das mulheres mais jovens, no falar das mulheres mais velhas e no falar dos homens mais velhos. Já no falar dos homens mais jovens, ocorreu mais o uso do [ãw], e de acordo com a pesquisadora, este resultado vai ao encontro dos estudos obtidos por Silva (2000), tendo em vista que os jovens tendem ao uso do [ãw] em ambos os estudos.

Dias (2016), realizou um estudo na cidade de Poconé-MT, em que a pesquisadora constatou o uso da alternância de [ãw] e [õ] na comunidade, no qual obteve um total de 418 usos da variação, sendo que destes, 47% foram ocorrências de uso de [õ], valor correspondente a 195 ocorrências, e 53% foram ocorrências de uso de [ãw], valor correspondente a 223 ocorrências.

Quanto ao fator idade, a pesquisadora obteve os seguintes resultados, na primeira faixa etária (pessoas de 18 a 27 anos), 94% ocorrências de uso de [ãw], valor correspondente a 93 ocorrências, já o uso de [õ] na mesma faixa etária, obteve 6% de ocorrências de uso, valor correspondente a 6 ocorrências. A autora ressalta, ainda, que dos resultados obtidos, das 6 ocorrências de uso de [õ], 83,3%, foram realizadas por mulheres, valor correspondente a 5 ocorrências. E dos resultados de [ãw], das 93 ocorrências de uso, 39,8% correspondente a 37 usos, foram realizadas por mulheres, e 60,2% correspondente a 56 usos foram realizados no falar dos homens.

Na segunda faixa etária (pessoas de 24 a 34 anos), a pesquisadora obteve os seguintes resultados, ocorreram 49% de uso de [ãw], valor correspondente a 66 ocorrências, já o uso de [õ], na mesma faixa etária, obteve 51%, valor correspondente a 69 ocorrências. Ela destaca ainda, que dos resultados obtidos, das 69 ocorrências de uso de [õ], 53% foram realizadas por mulheres, valor correspondente a 37 usos, já na fala dos homens houve 46,4% de ocorrências, valor correspondente a 32 usos. E dos resultados de [ãw], das 66 ocorrências, 34,8%, ocorreram na fala das mulheres, valor correspondente a 23 usos, e 65,2% ocorreram na fala dos homens, valor correspondente a 43 usos.

Na terceira faixa etária (pessoas com mais de 50 anos), houve um total de 200 usos destas alternâncias, das quais 58% das ocorrências, valor correspondente a 116 usos foram de [õ], enquanto 42% das ocorrências, valor correspondente a 84 usos foram de [ãw]. A pesquisadora diz ainda, que das 116 ocorrências de [õ], 44,8% ocorreram na fala das mulheres,

valor correspondente a 52 usos, já na fala dos homens ocorreram 55,2% de uso, valor correspondente a 64 usos. E dos resultados de [ãw], das 84 ocorrências, 40,4% ocorreram na fala das mulheres, valor correspondente a 34 usos, e 59,6%, ocorreram na fala dos homens, valor correspondente a 50 usos. Dias (2016), conclui com base nos dados obtidos, que os mais velhos da segunda e da terceira faixa etária, utilizam com maior frequência o [õ], enquanto os jovens da primeira geração utilizam com maior frequência o [ãw].

Silva (2000), Macedo-Karim (2012) e Dias (2016), apresentaram em suas pesquisas como justificativa para tais alternâncias de uso, os fatores sociais, porém Dias (2016), acrescenta ainda em sua pesquisa, como possível justificativa de uso, a atitude do falante diante de sua língua. As pesquisadoras afirmam ainda em seus estudos, que tal fenômeno linguístico seria uma herança linguística deixada nestas regiões pelos colonizadores, nas cidades fundadas no período do Brasil-Colônia.

Considerando que nossa pesquisa tratou do uso de [ãw] e [õ] na comunidade Corixa, apresentamos neste capítulo, os fatores extralinguísticos que envolveram tais usos linguísticos na comunidade, ou seja, em nossas análises realizamos cruzamentos dos dados os quais nos possibilitou encontrar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram o falar da comunidade em estudo.

Apresentamos, a seguir, na seção 4, as atitudes e crenças linguísticas da comunidade Corixa, considerando que os usos linguísticos também podem estar relacionados com a questão da identidade e ao modo como o nativo percebe sua língua. Dentre outros assuntos a serem abordados na próxima seção, está a relação entre brasileiros e bolivianos na fronteira, e como os nativos percebem a língua do outro, ou seja, a do boliviano. Pensamos na pertinência desta seção por tratar de assuntos referentes à língua, à fronteira e a crenças.

## **ATITUDES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE CORIXA: OS NATIVOS, SUA LÍNGUA E O SEU MODO DE VIDA**

Neste tópico da pesquisa, apresentamos as atitudes e crenças linguísticas dos nativos da comunidade Corixa. Descreveremos a relação dos nativos diante da sua língua/fala e frente à língua do outro, ou seja, a língua/fala do boliviano, bem como descreveremos o modo de vida da comunidade, por entendermos que estas relações linguísticas possam estar relacionadas com as atitudes do nativo diante de sua língua.

Sobre esse assunto Lambert (1975), diz que:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. (LAMBERT, 1975, p. 100)

Partindo deste pressuposto, apresentamos as atitudes dos nativos relacionados a crenças, costumes e hábitos locais e, levando em consideração que a comunidade em estudo é fronteira, procuramos observar as atitudes dos nativos com relação aos seus vizinhos bolivianos, ou seja, como acontece a convivência de brasileiros e bolivianos na comunidade. Outro fator importante neste estudo é a atitude dos nativos diante de sua língua materna e o modo como avaliam a língua do outro, ou seja, como esses fronteirões avaliam a língua materna dos seus vizinhos bolivianos.

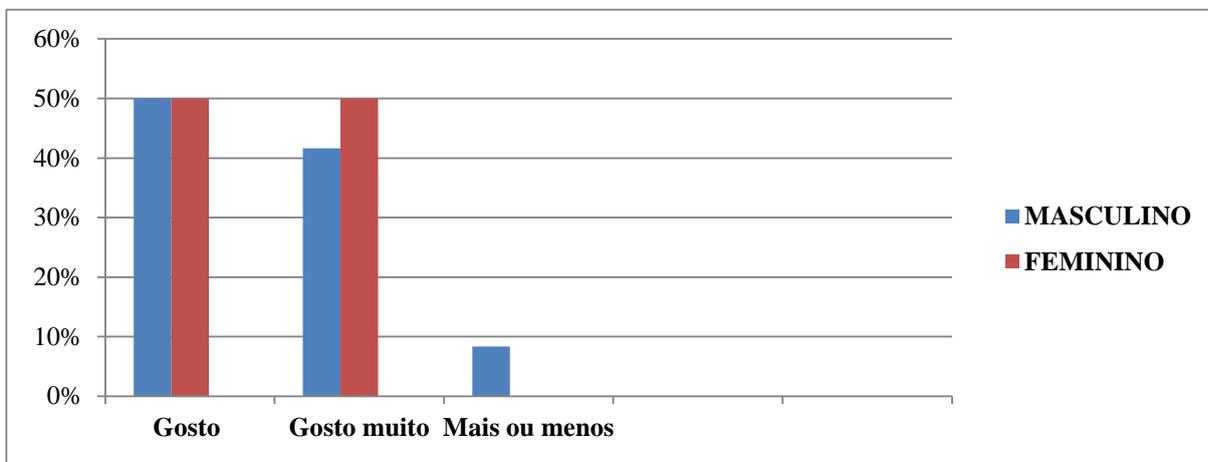
Deste modo, compreendemos que para a análise seria mais viável separarmos as entrevistas por temas, e agrupamos as perguntas do questionário aplicado na comunidade. Assim, os temas abordados nesta parte da pesquisa estão distribuídos da seguinte maneira: a) A visão dos nativos sobre a comunidade; b) Fronteira: relação de identidade e pertencimento; c) A língua materna *versus* a língua do outro: na visão dos fronteirões.

### **4.1 A Visão dos Nativos Sobre a Comunidade**

A primeira pergunta direcionada aos nativos foi a seguinte: Você gosta de morar na Corixa? Por quê? Podemos observar por meio das respostas, que os moradores locais têm atitudes positivas a respeito do lugar onde vivem. Eles descrevem o lugar como tranquilo, sossegado, um lugar agradável, um bom lugar para se viver, ou seja, a maioria avalia

positivamente o lugar onde vive, como podemos observar no gráfico que segue:

Gráfico 7: Avaliando a comunidade



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Lê-se no gráfico 7, que as avaliações foram positivas, tendo em vista que das 12 moradoras da comunidade Corixa, 50% disseram que gostam de morar na comunidade, por ser um lugar calmo, tranquilo, sossegado e seguro e o outro 50% delas disseram que gostam muito do lugar onde vivem, pois a comunidade é um ótimo lugar para viver.

Nas avaliações masculinas, por um lado, 12 entrevistados, que equivalem a 50% afirmaram que também gostam de morar na Corixa por causa do lugar, considerado por eles como tranquilo, sossegado, um bom lugar para se viver. Por outro lado, 41,66% dos homens disseram que gostam da comunidade por ser um ótimo lugar para viver, como pode ser visto nos fragmentos que seguem:

(52)Gostu... porque é um lugar quétu... tranquilo... as pessoa também son unido.  
(ACEMF20)

(53)Eu gostu muito...porque sim...djente mora tranquilo né... num tem nada di pirigo né...  
djenti até dormi cum a djanela abertu...fica as coisa pra fora...num tem nada...isso aí.  
(AMCRF48)

(54)Gostu... nasci e criei aqui... num abandono esse lugar mais nem...só se me djogarim  
daqui...aqui é um lugá tranquilo...sussegadu. (JSM48)

(55)Gostu... eu vô morre e se enterrado aqui nessa Corixa... num pretendo saí daqui e se  
enterrado notru lugá non... aqui é um lugá bão pra si vivê. (FVM70)

Amâncio (2007), em sua pesquisa na tríplice fronteira, diz que a avaliação do fronteiriço:

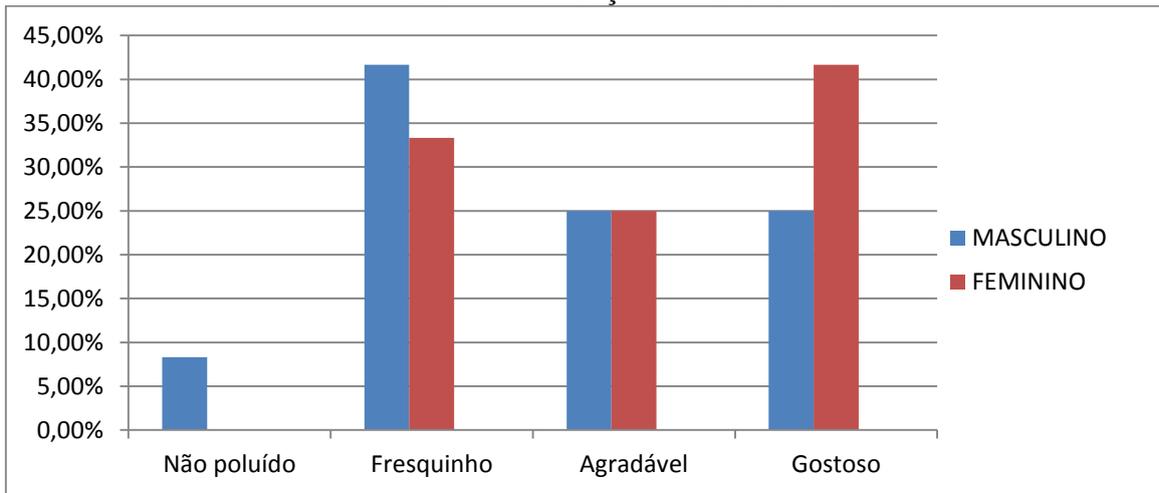
Tem a ver com a identidade fronteiriça da qual os representantes da comunidade já nascem fazendo parte. Não há portanto, nenhum caráter de novidade no fato de avaliarem positivamente a “Tríplice Fronteira”. Isso mostra que estão de acordo com (e reproduzem) o já-dito presente na comunidade. (AMÂNCIO, 2007, p. 62)

Portanto, compreendemos que os nativos tendem a avaliar positivamente o lugar onde vivem, haja vista que isto faz parte da constituição, enquanto membros da comunidade, o espaço acaba determinando a identidade dos nativos, como morador da fronteira. Sendo assim, é normal que haja certa homogeneidade no modo de avaliar a comunidade, pois o espaço, costumes, hábitos e vivências são características positivas (lugar quieto, tranquilo e sossegado). Ao contrário do que pensa o entrevistado LROM24, pois são exatamente estas características (lugar quieto, parado) que tornam o lugar desinteressante. Os 8,33% representados no gráfico que demonstraram insatisfação em morar na comunidade, o entrevistado deixa explícito que não gosta de morar na comunidade, conforme resposta do rapaz:

(56) Mais ou menos...eu gosto tipo ao púbrico né...movimentação...onde tive mais população...aqui é muito quetu... paradu...num tem opção pra genti saí... assim num sábado saí pra passia né...í num lugar diferente aqui num tem...só ficá im casa memo...as vez tem festinha na comunidadi...mas é difícil tê... i aqui num tem trabalho também. (LROM24)

Perguntamos ainda aos nativos da comunidade: O que você acha do clima da Corixa? As respostas coletadas foram bem semelhantes, os moradores descrevem o clima local como sendo um clima agradável, gostoso e fresquinho. Eles descrevem ainda a comunidade como um lugar arborizado e próximo de córregos o que, segundo eles, é muito bom, principalmente, quando está muito quente, pois podem se refrescar nos córregos da comunidade. Outro atrativo da comunidade, segundo os moradores, é uma piscina natural que também fica na comunidade e que chama a atenção pela água cristalina que brota das pedras. Abaixo, apresentamos graficamente as respostas obtidas acerca do clima da comunidade:

Gráfico 8: Avaliação do clima local



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico 8, os moradores da comunidade avaliam positivamente o clima local, para os entrevistados do sexo masculino 41,66% classificam-no como sendo fresquinho, 25% dizem que o clima local é agradável, 25% responderam que o clima é gostoso e 8,33% dizem que o clima local é sem poluição. Para o sexo feminino, 33,33% das mulheres classificaram o clima local como fresquinho 25% descrevem o clima como sendo agradável e 41,66% das mulheres acham o clima local gostoso.

Apresentamos recortes das entrevistas para observação:

(57) Aqui como a sinhóra pode vê... venta bastanti... é fresquinho... eu gostu daqui.

(RROFM26)

(58) Num tem crima mió qui daqui... num tem notro lugá... fresquinho... si isquenta dimais tem um córgo bem ali... é tchegá lá e pum no córgo i djá vórto di novo.

(JSM48).

(59) Aqui tem um crima calmo... é tranquilo... fresquinho... gostoso di si vivê. (JSRF28)

(60) Atchú bão né... é um lugar muito assim... o crima assim fresquinho né...assim tem muitas arvre né...djá é otru ar né. (AMCR48)

#### 4.2. Fronteira: relação de identidade e pertencimento

Como descrito anteriormente, a comunidade Corixa localiza-se na divisa do Brasil com a Bolívia, por isso, buscamos analisar a relação de pertencimento e identidade dos fronteiriços nativos desta comunidade.

De acordo com Faraco, (2008):

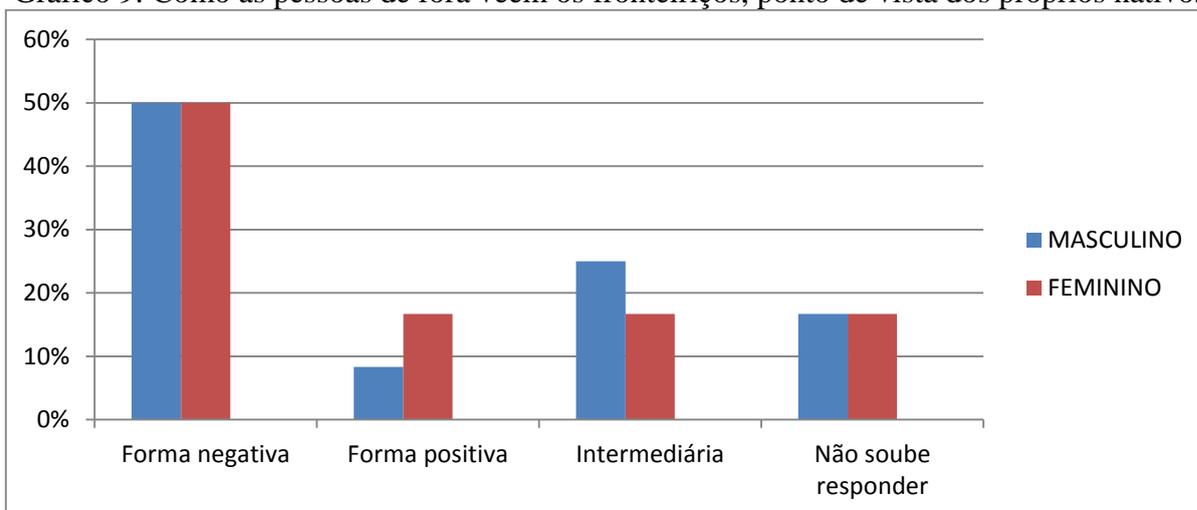
Como as normas são, em geral, fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso das formas de falar características das práticas e expectativas linguísticas do grupo. Nesse sentido, uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas [...] assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais do seu grupo social (e isso pode se transformar em motivo de orgulho e, eventualmente, em fator de resistência a processos sociais sentidos como ameaçadores ao grupo), o desejo de se identificar com outro (s) grupo (s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra (s) normas. (FARACO, 2008, p. 43)

Neste sentido, pensamos em questões que nos indicassem o modo como os fronteiriços brasileiros se identificam e identificam o outro, como funcionam as questões de pertencimento e de identidade destas pessoas que vivem na fronteira Brasil/Bolívia, haja vista, que tais fatores podem desencadear posicionamentos relevantes para nosso estudo, como o fato de sentirem orgulho em ser fronteiriços brasileiros até apresentar/demonstrar resistência aos seus vizinhos bolivianos.

Sendo assim, a primeira pergunta do tema feita aos nativos, tinha como objetivo observar a percepção dos outros em relação a eles enquanto fronteiriços, ou seja, como eles pensam que as pessoas de fora imaginam como eles são ou vivem na comunidade, assim fizemos a seguinte pergunta: Como você acha que as pessoas de fora veem os moradores da fronteira? Com as respostas, podemos constatar a existência de preconceito, por parte dos visitantes, pois segundo a maioria dos entrevistados, as pessoas pensam que por eles serem moradores da fronteira, são traficantes ou criminosos.

Apresentamos, a seguir, a forma como os fronteiriços presumem/percebem como são avaliados:

Gráfico 9: Como as pessoas de fora veem os fronteiriços, ponto de vista dos próprios nativos



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Nos dados dispostos no gráfico 9, 50% das mulheres responderam que não são bem vistas por pessoas de fora da comunidade por serem fronteiriças. Estas responderam de forma negativa, 16,66% disseram que depende do visitante, ou seja, responderam de forma intermediária, 16,66% não souberam responder e 16,66% disseram que as pessoas de fora que chegam à comunidade gostam tanto do lugar quanto dos moradores locais. Essas respostas foram consideradas positivas.

Do mesmo modo, podemos observar que dos entrevistados do sexo masculino, 50% percebem que não são bem vistos por pessoas de fora da comunidade por serem fronteiriços. Entendemos, assim, que estes responderam de forma negativa, 25% disseram que depende do visitante, esta resposta foi considerada intermediária, 16,66% não souberam responder e apenas 8,33% disseram que as pessoas de fora tratam os fronteiriços bem, sem discriminação, ou seja, consideramos que estes entrevistados responderam de forma positiva.

Apresentamos, a seguir, fragmentos em que estas posições podem ser percebidas:

- (61) Achu qui por nós morá na frontera... na divisa Brasil Bolívia todú mundo acha que é traficanti... ou mexe cum droga ou faz alguma coisa de errada né... mas num é assim como o povo pensa... aqui tem genti boa tamém... e muita heim. (MSF38)
- (62) Eu acho que... eles pensa quem mora aqui mexi cum porcaria né... cum droga... essas coisa... mas num é assim... só quem quê né. (NTF47)
- (63) Os moradô di fora... pensa que as pessoa daqui da frontera son ruim né... assim eu pensu né... pensa que as pessoa.... num tem iducaçon né... eu penso isso...as

pessoa tchega aqui assim... parece cum medu di nóis. (SOM62)

(64) Ah... eles pensa qui as pessoa... qui mora assim numa frontera son ruim né... pensa qui as pessoa.... num tem iducaçon ...pensa qui tudo mundo mexi cum coisa errada... cum droga né...issu qui representa pra genti. (JSRM48)

Como podemos observar nos resultados obtidos, a maioria representada pelos 50% feminino e 50% masculino, sentem que não são bem vistos por pessoas de fora da comunidade, ou seja, estas pessoas acabam sendo vítimas de discriminação e preconceito por pertencer a uma comunidade fronteiriça. Este fato pode ser o reflexo do modo como as questões de fronteira são discutidas pela sociedade e pela mídia, nas quais a fronteira é sempre dita como um lugar violento, perigoso, o lugar do tráfico onde tudo de ruim acontece.

Sobre esse aspecto Silva (2012), em seus estudos sobre a escola de fronteira, argumenta que:

A questão da segurança nacional ainda é palco de discussões entre Brasil e a Bolívia já que os números de roubos, contrabandos, narcotráfico entre outras práticas ilícitas vem aumentando nos últimos anos como se pode ver nos discursos que textualizam como zona de perigo [...] Esse modo como a fronteira aparece produz sobre os sujeitos fronteiriços estereótipos que produzem preconceito e discriminação, principalmente por parte dos órgãos públicos. (SILVA, 2012, p. 40-41)

O pesquisador, ao dizer sobre o preconceito e a discriminação na fronteira, faz referência apenas aos dizeres pejorativos e ofensivos de brasileiros contra os fronteiriços bolivianos, porém, como podemos constatar em nossa pesquisa, as avaliações demonstraram que há uma visão negativa para com os fronteiriços, não são apenas os bolivianos que são vítimas de preconceito e discriminação, os brasileiros também o são e percebem isso. Somente o fato de ser fronteiriço já é determinante para ser discriminado pelos outros. Este é o reflexo dos dizeres sobre a fronteira, principalmente, pelos meios midiáticos, como a televisão, rádios, pois, nestes sites a fronteira é sempre descrita como o lugar do crime.

Sobre esse aspecto Lambert (1975), diz que:

As atitudes dos membros de um grupo minoritário são influenciadas por contatos com outros grupos que são percebidos como possuidores de *status*<sup>25</sup> social mais elevado. Essa tendência tem sido observada por outros pesquisadores, e em ambientes sociais muito diferentes. Por exemplo, em comunidades que são vistos como inferiores pelos grupos majoritários, os judeus aceitam crenças anti-semitas e os negros aceitam atitudes contra negros. Para melhorar seu *status* ou aumentar seu sentimento de valor, os membros dos grupos minoritários aparentemente se identificam com as

---

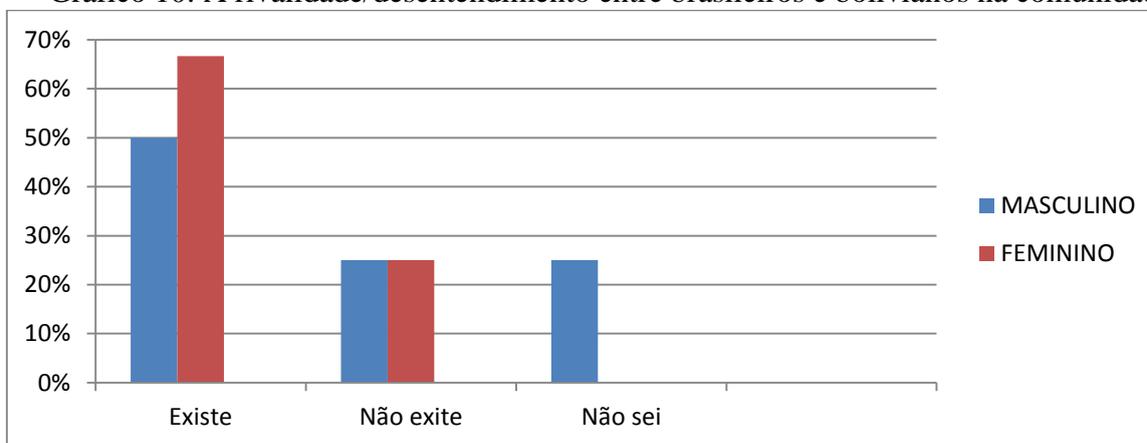
<sup>25</sup> Marcação do autor.

atitudes estereotipadas ou preconceituosas dos que têm poder, ou involuntariamente acabam por inferiorizá-las. (LAMBERT, 1975, p. 109)

Percebemos nas avaliações dos fronteiriços, a recorrência dos dizeres “faz coisa errada quem quer” ou “nem todo mundo é bandido aqui”. Diante destas afirmações, entendemos que de forma inconsciente alguns entrevistados aceitam os dizeres estereotipados e preconceituosos sobre fronteira, não por se identificarem, mas por concordarem com os meios midiáticos de comunicação.

Outra pergunta feita aos nativos foi à seguinte: Você acha que existe algum tipo de rivalidade/desentendimento entre os moradores daqui? Esta pergunta tinha como objetivo observar e avaliar a convivência de brasileiros e bolivianos na fronteira, tendo em vista que a divisa dos dois países é constituída apenas por uma linha imaginária, na qual só sabemos onde é o limite territorial, por existir os dois poderes representando os países limítrofes (exército brasileiro e exército boliviano) e dois marcos representando os dois países. Percebemos ainda, que a convivência entre brasileiros e bolivianos na fronteira existe e não é tão pacífica quanto inicialmente pareceu. Para uma melhor exposição dos dados, apresentamos o gráfico 10, a seguir:

Gráfico 10: A rivalidade/desentendimento entre brasileiros e bolivianos na comunidade



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico 10, as opiniões acerca de desentendimentos e rivalidades entre brasileiros e bolivianos na fronteira são diversificados. Porém, dos 12 entrevistados, 50% responderam claramente que existem rivalidades/desentendimentos entre brasileiros e bolivianos, 25% responderam que não existe rivalidades/desentendimentos entre brasileiros e bolivianos e 25% não souberam responder.

Apresentamos, assim, fragmentos das entrevistas onde estas opiniões podem ser

observadas:

(65) Olha... existi... os buliviano num gosta dus brasileiro... as vez sai inté briga aí... já vi muita discusson do povo aí. (JSRM48)

(66) Existi sim sinhóra... os buliviano num gosta que vai nada do Brasil pra Bulívia né... as vez quandu eles zanga elis té tranca a rua aí... quandu eles tão brabu... eles tranca ali ... num dexa passa não... si quisé tem que passa á pé. (ATM38)

Assim como nos resultados dos entrevistados do sexo masculino, a maioria das mulheres entrevistadas deixou claro que existem rivalidades/desentendimentos entre brasileiros e bolivianos. Dos resultados obtidos com as entrevistas, 75% das mulheres afirmaram que existem rivalidades/desentendimentos entre brasileiros e bolivianos na fronteira e 25% deste grupo disseram que não existem rivalidades/desentendimentos entre brasileiros e bolivianos.

Apresentamos abaixo fragmentos das entrevistas com os depoimentos das mulheres.

(67) Só as vez.... quandu os bulivianu fica brabu i fecha ali... a barrera... num dexâ ninguém atravessâ pra lá...eles son brabu as vez...mas só assim...tem bastante briga de vizinho aqui tamém...mas son tudo parenti aqui né...num fica muito tempo brigado. (CCROF20)

(68) Existi sim... os bulivianu... eles num gosta que vai nada do Brasil pra Bulívia né... elis briga... aí us brasileiro tamém num gosta que vem coisa da Bulívia pru Brasil ...é uma brigaiada só... inclusive uma vez eles trancar ali ó... eles tava brabu... eles zangaru aí ninguém sabi por que... trancar a rua ali... num dexava passa não... se quisesse passá tinha qui sê á pé... i só abriu a rua por que us bulivianu já tava tudu morrenu di fomi aí dotro lado... a mercadoria vai aqui du Brasil pra elis né... arroz... óleo... fejon... essas coisa vai tudu daqui pra eles lá. (LSRF44)

Como podemos observar, a partir dos resultados obtidos, existem sim rivalidades e desentendimentos na fronteira entre brasileiros e bolivianos, de modo que 50% dos homens e 75% das mulheres deixaram isso bem claro, como pode ser observado nos recortes das entrevistas. Estes moradores apresentam consciência desta rivalidade e, mesmo os que disseram não existir rivalidade entre brasileiros e bolivianos na fronteira, ao responder outras questões deixaram evidenciados que a convivência entre eles não é tão harmoniosa.

Sobre esses aspectos, Amâncio (2007) explica que:

As atitudes não se criam por si, mas ao contrário são construídas

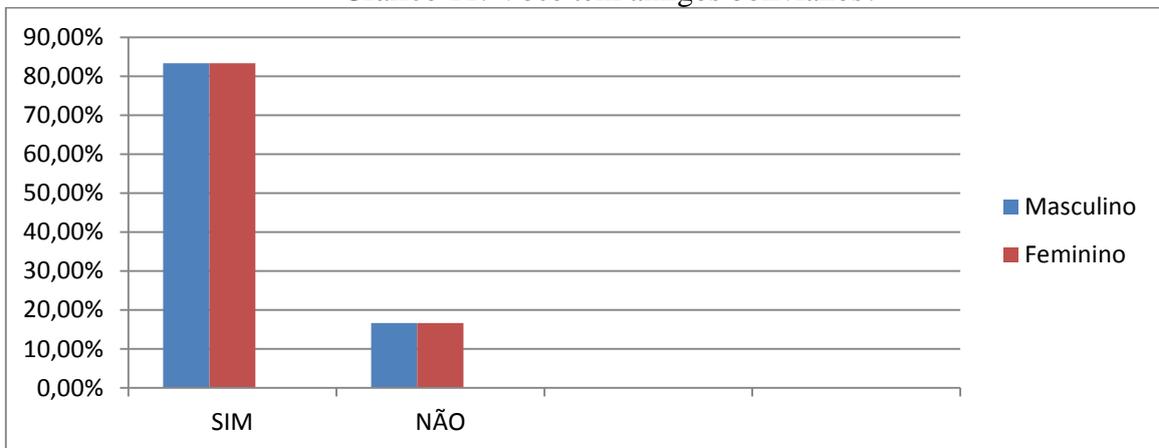
historicamente, ou seja, são elaboradas a partir de uma série de fatores que circundam o indivíduo: fatores políticos, econômicos, sociais, etc. Se retomarmos o conceito segundo o qual as atitudes são formadas por um componente cognitivo, um afetivo e um comportamental, veremos que nos dados mencionados acima fica evidente que a reação frente ao grupo oposto (a de rivalidade) é motivada tanto pelos estereótipos aplicados ao outro quanto pelos sentimentos adquiridos e tudo isso foi moldado ao longo dos anos, sendo, portanto, o resultado de um processo, histórico, político, cultural e social. (AMÂNCIO, 2007, p. 67)

Amâncio ao desenvolver sua pesquisa na “Tríplice fronteira”, constatou a existência de rivalidade entre os grupos analisados, do mesmo modo, constatamos a existência de rivalidade na comunidade Corixa. Em ambos os estudos a motivação histórica, social e econômica são os fatores determinantes para a avaliação negativa dos fronteiriços com relação aos outros grupos, constatamos tais posicionamentos durante nossas entrevistas. Em muitos momentos, nossos entrevistados, fizeram questão de ressaltar que o Brasil fornecia alimentos para a Bolívia, ou seja, enfatizavam o discurso de que a Bolívia é dependente do Brasil. Além disso, os entrevistados relataram que muitos bolivianos usufruem dos benefícios sociais disponibilizados pelo governo brasileiro, como a saúde e a educação, fatores de dependência econômica, que aparentemente causa desconforto entre os fronteiriços e desencadeiam rivalidades.

Outra pergunta da nossa pesquisa foi à seguinte: Você tem amigos bolivianos? Nosso objetivo com essa questão era observar as relações estabelecidas entre os fronteiriços da comunidade. Nas respostas observamos que, apesar da proximidade entre os dois países existem uma separação, porque não se misturam as identidades. As respostas variaram um pouco, alguns disseram que têm muitos amigos bolivianos por serem vizinhos, outros responderam que os vizinhos bolivianos são apenas conhecidos, não mantendo nenhum vínculo de amizade entre eles e houve aqueles que disseram não ter nenhuma relação com seus vizinhos bolivianos.

Amâncio (2007, p. 93) observou em sua tese que a convivência entre brasileiros e argentinos em região de fronteira não é tão pacífica. Já em nosso estudo, observamos que, apesar dos fronteiriços brasileiros afirmarem que existe rivalidade/desentendimento na fronteira entre brasileiros e bolivianos, não vivem em guerra constante. Também existe certa harmonia entre eles, como podemos observar no gráfico 11, a seguir:

Gráfico 11: Você tem amigos bolivianos?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Percebemos, a partir dos dados apresentados no gráfico 11, que os fronteiriços brasileiros mantêm uma relação de amizade com os fronteiriços bolivianos. Dos resultados, obtivemos 50% para sim, tanto para os entrevistados do sexo masculino, quanto para os do sexo feminino, ou seja, existe uma convivência aparentemente pacífica entre os moradores locais. Da mesma maneira, observamos que 16,66% responderam que não têm amigos bolivianos. Os resultados foram iguais para ambos os sexos.

Apresentamos, a seguir, trechos de algumas das respostas positivas.

(69) Tenhu... bastánti...aqui tudu mundu si cunheci é amigu...a genti mora perto delis tem dê sê amigu. (RROFM26)

(70) Tem... adjenti tem bastanti amigu buliviánu né... eles vem aqui nós vai lá tudu assim... amigo né. (MSSM58)

(71) Tenhu... bastanti. (CCROF20)

(72) Tenhu muitus...elis vem aqui...as vez nós vai pra lá tamém...assim né. (MSF38)

Para os entrevistados que deram respostas positivas, nós ainda perguntamos: Como vocês se conheceram? As respostas foram bem diversificadas. Alguns disseram ter se conhecido na comunidade mesmo, em festas religiosas, outros disseram que se conheceram durante passeio na Bolívia, outros porque algum familiar se casou com um boliviano, e assim por diante. Assim entendemos que existem vínculos de amizade entre brasileiro e boliviano na fronteira, apesar dos aparentes conflitos e rivalidades.

Apresentamos, a seguir, trechos das entrevistas com as devidas respostas.

(73) A genti vai lá pra Bulívia... ás vez eles vêm aqui... aí a genti acaba si cunhecenu né.  
(JSM48)

(74) Ino lá pra passιά ás vez quandu dá... nas festas di lá as turma daqui vai bastante tamém... rodeio... festa di santu... torneio de bola... assim né... nas festa daqui elis participa tamém... assim agenti acaba si cunhecenu acaba virano amigu né.  
(RROFM26)

(75) Tenhu mea ermã que mora ali dotro lado... o marido dela é buliviáno... agenti acaba ino lá di vez im quandu e cunhece bastanti deles. (IJF58)

(76) Que sempri nós vamô lá pra passιά...eles tamém vem pra cá... nas festa... assim.  
(DLB71)

Em caso de resposta negativa, perguntamos aos nativos: Porque você não tem amigos bolivianos? Essa pergunta tinha como objetivo observar a justificativa para a resposta negativa, haja vista, que como vizinhos, esperava-se que houvesse o mínimo de contato entre os moradores locais, porém, constatamos que 33,32% afirmam categoricamente que não possuem amigos e nem conhecidos bolivianos, pois não têm contato com eles, conforme podemos observar nos trechos a seguir:

(77) Por que num tem muito contato cum elis. (LROM24)

(78)É por que num vô pra lá né...inton fica difícil né... quandu vedjo assim só di passagi né... num tem contato queli non. (SOM62)

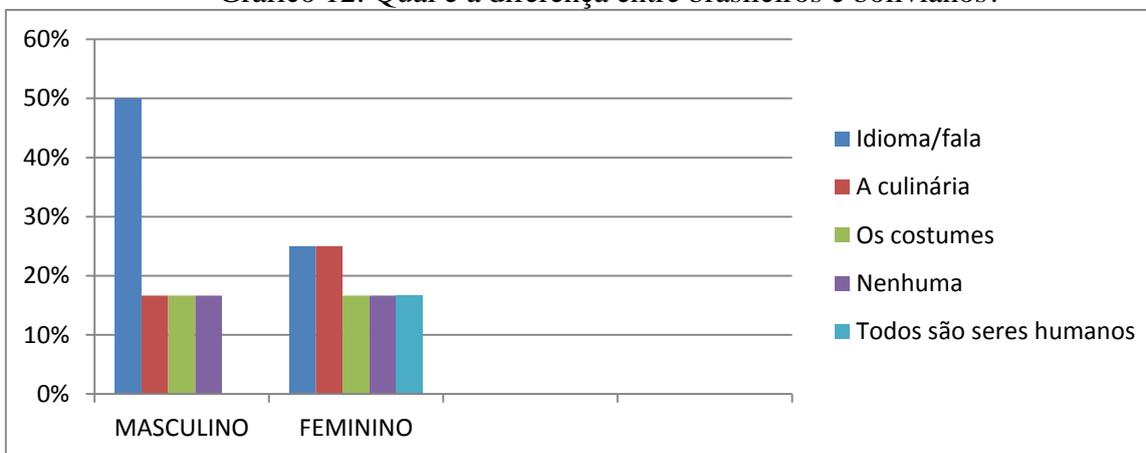
(79) Non...por que eu num cunheçu bem dotro lado... eu nunca foi... á muitos anos e anos que eu num vô nessi tal de Son Mathias aí que fala né...nem sei comu qui é...sô muito difícil í aí dotro lado... tenhu medu di cruzá aí. (ATRF70)

(80) Por que adgenti num vai pra lá... mora aqui mais é difícil saí né... num tem contato né. (ESRF58)

Perguntamos ainda aos nossos entrevistados: Qual é a diferença entre brasileiros e bolivianos? Tínhamos como objetivo observar o modo como os fronteirços brasileiros se distinguem ou não dos fronteirços bolivianos. Alguns responderam não haver diferença nenhuma entre brasileiro e boliviano, outros disseram que a única diferença entre brasileiros e

bolivianos é o idioma e houve aqueles que disseram ser tudo diferente entre brasileiros e bolivianos, desde a fala, os costumes, a comida, como demonstrado no gráfico 12, que segue:

Gráfico 12: Qual é a diferença entre brasileiros e bolivianos?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico 12, da avaliação masculina, 50% dos homens disseram que os brasileiros se distinguem dos bolivianos apenas pela fala/língua, outros 16,66% disseram que a única coisa que difere o brasileiro do boliviano é a culinária/comida, outros 16,66% disseram que os costumes/tradições de brasileiros e bolivianos são diferentes, e 16,66% dos homens disseram que não existe nenhuma diferença entre brasileiros e bolivianos. A seguir, apresentamos trechos das entrevistas com algumas destas avaliações masculinas:

(81) É só a fala memo... o idioma que muda. (ROM60)

(82) Atcho que num tem diferencia nenhuma... é só a fala memo. (FVM70)

Das avaliações femininas, constatamos que 25% das mulheres disseram que os brasileiros se distinguem dos bolivianos pela fala/língua, 25% disseram que o que difere brasileiro de boliviano é apenas a culinária/comida, 16,66% disseram que os costumes/tradições de brasileiros e bolivianos são diferentes, 16,66% disseram que não existe diferença entre brasileiros e bolivianos, já que todos são seres humanos e 16,66% simplesmente que não existe nenhuma diferença entre brasileiros e bolivianos. Seguem abaixo, recortes com partes das entrevistas, nos quais estas avaliações são perceptíveis:

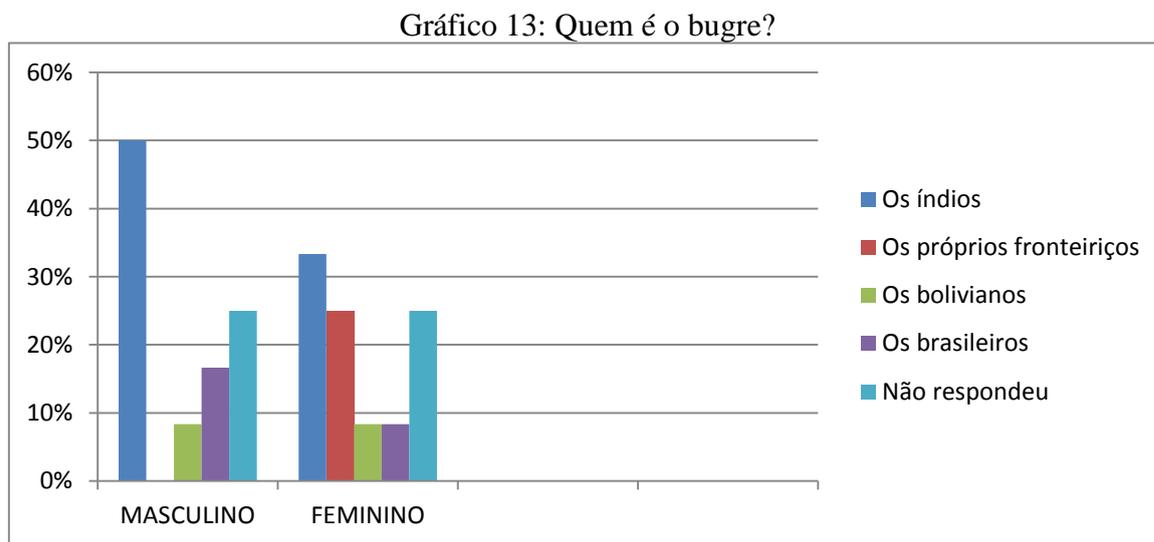
(83) Eu achu qui num tem muita diferença não... tudu é ser humanu né. (MSF38)

(84) Achu qui nenhuma...tudo igual...só a fala que muda. (CCROF20)

Pensando no modo como os fronteiriços se identificam e identificam o outro, fizemos a seguinte pergunta: Quem é o bugre? Percebemos respostas distintas: alguns disseram que o bugre é o índio, outros disseram que são bugres por serem fronteiriços, enquanto outros disseram que todos os brasileiros são bugres, já para outros, os bolivianos é que são os bugres. Quanto à definição do termo “bugre”, Guisard (1999) *apud*, Macedo-Karim (2012, p.137), sobre o termo aponta que:

A sociedade constrói e reconstrói permanentemente uma imagem negativa das pessoas, no caso, os designados pela palavra *bugre*. Segundo o autor, o termo tem sua origem em um movimento de um grupo de pessoas que criticavam a Igreja ortodoxa, na Europa, durante a Idade Média. O movimento surgiu no século IX, na Bulgária, e foi denominado de bogomilismo, como uma forma de homenagear o padre Bogomil, seu fundador. O autor observa que essa doutrina nega o mundo terreno e os rituais da Igreja Católica. Os iniciados nessa doutrina não comiam carne, constituíam-se numa comunidade fechada em si mesma, e questionavam os valores morais e religiosos vigentes. No decorrer do tempo, o sentido da palavra *bugre* se transferiu de um mundo religioso para um mundo que não pertence à religião, trazendo a idéia do *bugre* como o devasso, o infiel em quem não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade. (GUISARD, 1999 *apud*, MACEDO-KARIM, 2012, p. 137)

Partindo desta definição, apresentamos o gráfico 13, com as respectivas avaliações dos fronteiriços:



Conforme o gráfico 13, nas avaliações dos fronteiriços, 50% dos homens disseram que os índios são bugres, 16,66% responderam que os brasileiros são os verdadeiros bugres, por terem o sangue misturado, 25% não responderam à pergunta e apenas 8,33% disseram que

bugre é o boliviano.

A seguir, apresentamos fragmentos das entrevistas:

(85) Bugri é otra pessoa que num é daqui...nem di lá...son umas pessoâ qui tem o jeito dus índio. (JVM47)

(86) O índio né... o ligítimo brasileiro é o bugri. (JSM48)

Conforme o gráfico 13, para 33,33% das mulheres, os índios são os bugres, 25% das mulheres disseram que o morador da fronteira é bugre, ou seja, elas se consideram “bugra” 25% das mulheres não responderam e 8,33 disseram que bugre é o brasileiro e 8,33% responderam que bugre é o boliviano.

(87) Na minha opinion...son todos ingual... os bugri... por que o sangue é misturado né. (SPSF26)

(88) Eles fala que a genti é bugri... agora vai sabê né... eu sô bugra moro na frontera. (LSRF44)

Como pode ser visto no gráfico 13, tanto na avaliação dos homens quanto das mulheres (50% dos homens e 33,33% das mulheres), afirmam que “bugre” é o índio. Guisard (1999) *apud*, Macedo-Karim (2012, p.137), diz que:

Os costumes e hábitos dos índios configuravam uma prova de ausência da fé religiosa, assim os colonizadores utilizavam o termo bugre para denominar os índios encontrados nas regiões colonizadas [...] o termo *bugre* vai surgindo como uma identidade já construída, acompanhando a idéia da infidelidade moral, porém com novos elementos, próprios da nova situação ganhando maior importância com o passar do tempo e tomando cada vez mais ampla a identificação do *bugre* dada pelo outro, ou seja, pelo colonizador. Desse modo, segundo o autor, parece que está sempre em funcionamento um processo de atribuição de identidade realizada inteiramente pelo outro. (GUISARD, 1999 *apud*, MACEDO-KARIM, 2012, p. 137, *grifos do autor*)

Deste modo, entendemos que quando o nativo fronteiriço atribui ao índio à identidade de bugre, está na verdade repetindo o que foi dito anteriormente pelos colonizadores, ou seja, o que foi dito pelo outro. Isso explica o fato de muitos entrevistados se referirem aos índios bugres como bárbaros, bravos, perigosos, antissociais e um povo esquisito/estranho. Sendo assim, tais definições trazem consigo muito mais do que simples atribuições negativas ao termo bugre, elas carregam marcas históricas de identidade que permeiam o caminho percorrido pelo colonizador.

Percebemos, ainda, que ao ouvirem a referida pergunta, alguns entrevistados apresentaram reações inusitadas, como por exemplo, rir muito ou ficar mudo/estático, olhando

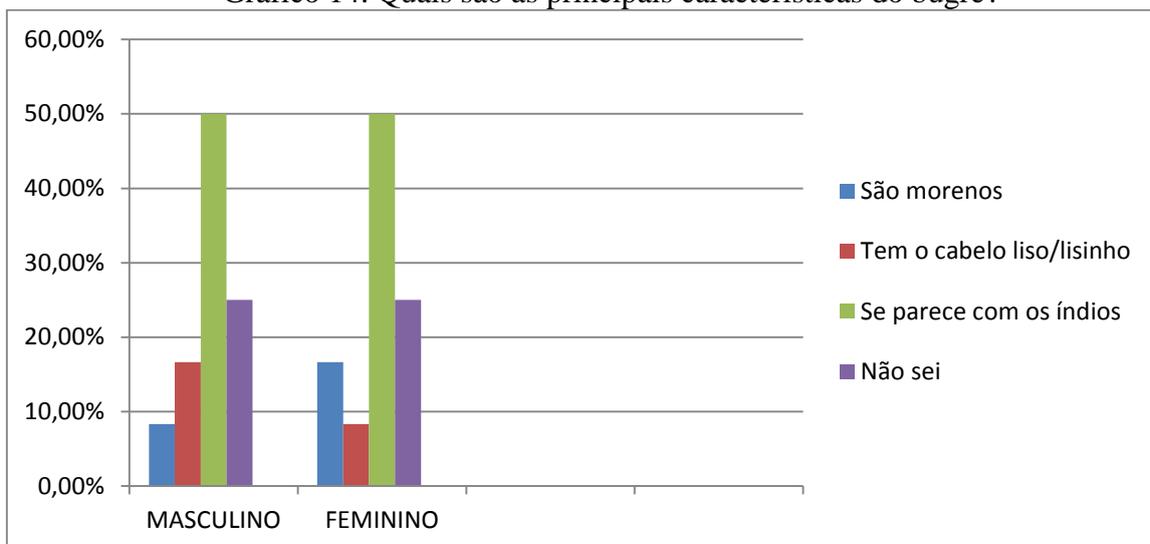
para o nada, enquanto outros se mostraram muito sérios ao ouvirem a pergunta. Para determinados entrevistados, dizer a palavra bugre é o mesmo que xingar/ofender o outro, e dos nativos que não responderam à pergunta proposta, notamos certo desconforto com o termo bugre, até mesmo os que se consideram bugres, apresentaram certa ironia na fala, ao se autodeclararem. Macedo-Karim (2012), em seu estudo na comunidade São Lourenço na cidade de Cáceres, apresenta o seguinte posicionamento referente ao termo bugre na comunidade:

Podemos deduzir que a sucessão de mudanças ocorridas no termo trouxe sentido pejorativo do termo *bugre* para a comunidade cacerense e principalmente para a comunidade São Lourenço. Observamos na comunidade de modo geral, que quando a palavra *bugre* é mencionada por pessoas de fora em referência ao nativo, produz sentido pejorativo, e traz consequências para a comunidade, ou seja, surge uma reação desconfortável, que leva o informante nativo a opiniões divergentes sobre o tema. (MACEDO-KARIM, 2012, p. 138, *grifos da autora*)

Tomando as palavras da referida pesquisadora, constatamos em nossos estudos, que o sentido pejorativo do termo bugre se estende até a fronteira Brasil/Bolívia. E assim como os nativos da comunidade São Lourenço da cidade de Cáceres apresentam diferentes reações diante do termo. Os nativos da comunidade Corixa também carregam consigo as marcas deixadas pelos colonizadores, ou seja, “a idéia do bugre como o devasso, o infiel em quem não se pode confiar que representa a porção mais baixa da sociedade” Macedo-Karim (2012, p. 137). Desse modo, as atitudes negativas diante do termo bugre são os reflexos de um já dito que permanece arraigado no discurso corrente destas comunidades.

Com o objetivo de reforçar a questão anterior, perguntamos aos nativos: Quais são as principais características do bugre? Observamos que, de maneira geral, os nativos da comunidade descrevem o bugre como sendo pessoas morenas, cabelo liso/lisinho/preto. Sempre ao descrever o bugre, faziam referência aos índios. Podemos observar isso no gráfico 14, com as descrições/definições de bugre para os nativos.

Gráfico 14: Quais são as principais características do bugre?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como podemos observar, no gráfico 14, dos 12 entrevistados do sexo masculino, 50% disseram que os bugres possuem características semelhantes a dos índios, 16,66% disseram que as principais características dos bugres são os cabelos pretos e lisos, 8,33% disseram que as principais características do bugre é a cor morena e 25% dos entrevistados não responderam à pergunta.

A seguir, apresentamos recortes das entrevistas masculinas:

(89) Ah... ele parece índio o cabelo assim pretu... a cor moreno... tudu né.  
(JSRM48)

(90) Uma mistura né...o brasileiro é uma mistura di negro cum índio...o buliviánu cum brasileiro...num tem como falá que o bugri é de um jeito só... pra mim brasileiro é bugri i buliviánu tamém é. (LROM24)

Das entrevistas femininas, 50% disseram que os bugres possuem características semelhantes a dos índios, 16,66% disseram que a principal característica dos bugres é a cor morena, 8,33% disseram que a principal característica dos bugres é o cabelo liso e preto e 25% não responderam à pergunta.

A seguir, apresentamos trechos das entrevistas com as respostas femininas.

(91) Achu que son pessoa di cabelo lisu pretinhu...aqueles assim que parece índio.  
(LSRF44)

(92) Os bugri... acho qui tem cabelo lisu... preto... igual índio... né. (CCROF20)

### 4.3 A Língua Materna *versus* a Língua do Outro: A Visão dos Fronteiriços

Nosso intuito com este tema era observar a percepção do nativo frente a sua língua e diante da língua do outro, ou seja, as atitudes dos fronteiriços brasileiros, diante da língua dos seus vizinhos bolivianos.

Conforme Calvet (2002):

O que interessa à sociolinguística é comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2002, p. 69)

Seguindo este pressuposto teórico, apresentamos a seguir algumas análises nas quais trazemos o posicionamento dos fronteiriços brasileiros, diante da própria fala e diante da fala dos seus vizinhos bolivianos, ou seja, mostraremos por meio dos nossos dados, o modo como os fronteiriços avaliam sua própria fala, e como estes avaliam o falar do outro (boliviano).

#### 4.3.1. Que língua é mais importante na fronteira: o português ou castelhano

Nossa primeira questão sobre língua foi a seguinte: Em sua opinião, que língua é considerada mais importante aqui na fronteira: o português ou o castelhano/espanhol? Por quê? Com esta questão, constatamos que os nativos destacam sempre a importância do português na fronteira. Segundo eles, são os bolivianos que têm o costume de aprender a língua portuguesa, dada sua importância. No entanto, para outros, a língua mais importante ou mais utilizada na fronteira é o portunhol<sup>26</sup>, ou seja, os dois idiomas são considerados importantes.

Nessa perspectiva, Amâncio (2007) destaca que:

Podemos considerar que as estruturas sociais influenciam as atitudes manifestadas por um grupo de falantes em relação ao outro, afinal as atitudes são resultados de e/ou são moldados por fatores políticos e históricos. Assim, a língua pode ser usada como um artifício de discriminação e controle. (AMÂNCIO, 2007, p. 46)

---

<sup>26</sup> Portunhol parece ser, para os brasileiros, a mescla sem unidade e uniformidade das línguas portuguesas e espanhola. Apesar da conotação negativa que a mescla ou a mistura linguística costuma assumir na sociedade, remetendo a uma variedade de prestígio [...] Portuñol realmente é um termo, se não desconhecido, pouco utilizado pelos habitantes da fronteira; parece sim, ser um termo reservado aos estudiosos do fenômeno, portanto *in vitro*, que de algum modo chegou à “boca do povo” e já aparece na fala de professores de espanhol, quando afirmam que o “aluno X fala portunhol, não espanhol”, e do próprio Instituto Cervantes, no Brasil, quando querem demarcar uma produção em língua adicional ainda não plenamente espanhola, isto é, um “português espanholado”. (LAFIN, 2011, p. 16)

Nesse sentido, podemos inferir que as atitudes, tanto as positivas, quanto as negativas, sobre a língua do outro na comunidade Corixa, provavelmente, são resultados de fatores políticos e históricos construídos ao longo dos anos, que acabam por desencadear em atitudes sobre o outro e sua língua. De acordo com Silva (2000, p.77), “a definição de identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais”, ou seja, a autoafirmação de nacionalidade em muitas de nossas entrevistas pode ser considerada como uma afirmação de identidade nacional: “eu sou aquilo que o boliviano não é”, manifestando assim, atitudes negativas sobre os fronteiriços bolivianos.

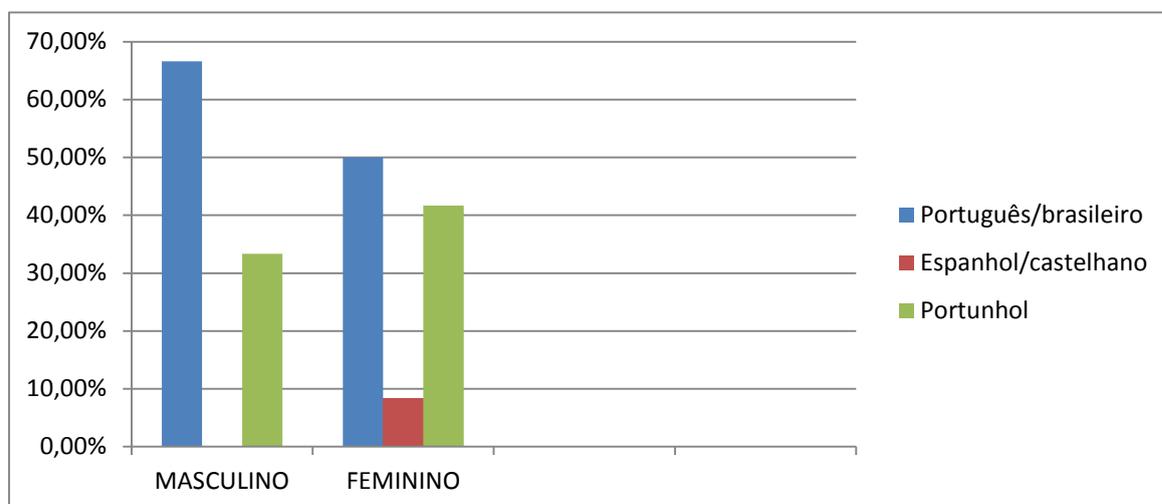
Conforme Bagno (2017, p. 199):

A identidade é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluído de outras, natural de seu país (o seu) estrangeiro nos outros, por exemplo. É uma noção que se situa no ponto de intersecção entre o campo psicológico e está relacionado com o conhecimento que o indivíduo tem de pertencer a certos grupos sociais e com o significado emocional ou valorativo que resulta desse pertencimento. A identidade pode se expressar de diversas maneiras, em termos, por exemplo, de nacionalidade, de origem geográfica, etnia, gênero, classe social, profissão etc. (BAGNO, 2017, p. 199)

Seguindo este pressuposto, entendemos que a relação dos fronteiriços brasileiros com os fronteiriços bolivianos é de certa forma, de exclusão/inferioridade, pois estes apresentam, por meio de suas atitudes, diferenciações entre brasileiros e bolivianos. Conforme as entrevistas, constatamos que os fronteiriços brasileiros se consideram melhores que os bolivianos, já que o boliviano e a sua fala são considerados como inferiores.

Apresentamos, no gráfico 15, as avaliações dos entrevistados sobre a língua mais importante na fronteira.

Gráfico 15: Que língua é considerada mais importante na fronteira: o português ou o castelhano?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

No gráfico 15, observamos as considerações feitas por nossos entrevistados, de modo que obtivemos os seguintes resultados para a questão proposta: 66,66% dos homens disseram que a língua mais importante na fronteira é o português ou brasileiro, como alguns recorrentemente se referiam a língua portuguesa, 33,33% dos homens disseram que a língua mais importante na fronteira é o Portunhol, ou seja, os dois idiomas são importantes, e como pode ser observado na tabela acima, nenhum dos homens se referiu ao espanhol/castelhano como a língua mais importante na fronteira.

A seguir, apresentamos alguns fragmentos com os referidos posicionamentos masculinos:

(93) O português né...o português... por que até os buliviáno de lá invedia e vem falâ o português aqui. (JSM48)

(94) Aqui o brasileiro né... o espanhol tem outro que se num intendi bem ele né... é muito lidgero a língua dele né... cê quase num intendi. (MSSM58)

Do mesmo modo, apresentamos as observações feitas por nossas entrevistadas sobre a questão proposta, com os seguintes resultados: 50% das mulheres disseram que a língua mais importante na fronteira é o português ou em algumas vezes o brasileiro<sup>27</sup>, 41,66% disseram que o idioma mais importante na fronteira é o portunhol, ou seja, os dois idiomas são considerados por estes como importantes, e apenas uma mulher disse que o idioma mais

<sup>27</sup> Brasileiro é a forma como os fronteiriços, se referem à língua portuguesa ou a língua falada no Brasil.

importante na fronteira é o espanhol. Ela está representada no gráfico com a seguinte porcentagem: 8,33%, para esta entrevistada, os brasileiros que moram na fronteira têm mais contato com os bolivianos do que com os próprios brasileiros.

Seguem abaixo, trechos das entrevistas em que podemos observar os posicionamentos acima citados.

(95) O português né...por que as pessoa usa mais o português aqui na frontera.  
(JRSF28)

(96) Os dois...por que aqui agenti acaba usano um poquinho de cada né. (LSRF44)

Em seus estudos, Amâncio (2007, p.48) argumenta sobre a questão de assumir a identidade, ou seja, ser algo corresponde a não ser ou a distinguir-se de tudo aquilo que se contrapõe aquilo. Em nosso caso, dizer, por exemplo, “eu sou brasileiro” pressupõe uma negação, ou diferenciação, do outro: “não sou argentino”. Em nossos estudos, percebemos que recorrentemente alguns entrevistados se referiam à língua portuguesa como língua brasileira. Entendemos, então, que ao dizer que a língua mais bonita é a brasileira, o entrevistado está na verdade marcando seu espaço e sua identidade. Distinguindo/diferenciando-se do outro, ou seja, sou fronteiro, mas eu sou brasileiro e falo brasileiro, não sou o outro, não sou o boliviano.

De acordo com Silva T. (2000):

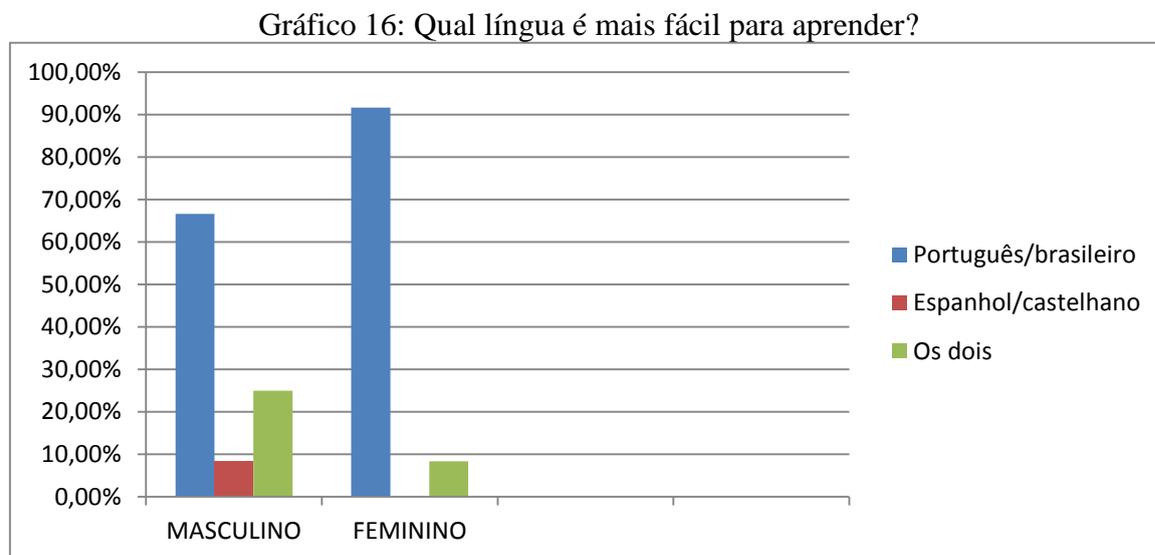
A normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença > normatizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normatizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA T, 2000, p. 83)

Compreendemos que quando o fronteiro brasileiro elege a sua língua como a “brasileira”, ele está na verdade dizendo que não é o outro, o boliviano. Podemos entender este gesto como uma reafirmação da sua identidade, enquanto fronteiro brasileiro.

#### **4.3.2.A língua mais fácil**

Seguindo com nossos estudos, perguntamos ainda aos nossos entrevistados: Em sua opinião, qual língua é mais fácil para aprender o português ou o castelhano? De acordo com as respostas obtidas, constatamos que a maioria dos entrevistados disse que o português é mais fácil para aprender, pois de acordo com eles, o espanhol/castelhano é muito complicado para aprender a falar e a escrever. Já para outros, o nível de dificuldade dos dois idiomas é igual.

Vejam os dados do gráfico 16 com os referidos dados:



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico 16, dos entrevistados do sexo masculino, 66,66% responderam que o português é mais fácil para aprender do que o espanhol/castelhano, 25% responderam que ambos os idiomas são difíceis de aprender, e apenas um entrevistado disse que o espanhol é mais fácil de aprender do que o português. A porcentagem correspondente a este entrevistado no gráfico é de 8,33%.

Apresentamos nos trechos a seguir, alguns trechos das entrevistas masculinas:

(97) Eu acho o português né. (ATM38)

(98) O português né... (MSSM58)

Dos resultados obtidos com as respostas femininas, 91,66% das mulheres responderam que o português é mais fácil para se aprender do que o espanhol, e apenas uma mulher disse que o nível de dificuldade dos dois idiomas é igual. O número em porcentagem que representa esta mulher no gráfico é de 8,33%. Seguem fragmentos das entrevistas femininas:

(99) Eu acho o português né. (LSRF44)

(100) Bom pra nós é o português. (ESRF58)

Com o objetivo de complementar a questão acima, perguntamos somente aos entrevistados que disseram que o português é mais fácil: Por que você acha o castelhano mais difícil? Percebemos que as justificativas foram bem diversificadas, para alguns o

espanhol/castelhano é falado muito rápido, para outros a escrita é muito difícil e assim por diante.

A seguir apresentamos alguns trechos das entrevistas.

(101) O castelhano é cumpricado. (ATM38)

(102) O espanhol cê apanha muito né... Desde a letra dele cê apanha muito né... o brasileiro nom né... é muito melhor. (MSSM58)

(103) Por que o espanhol é muito difícil nós que mora aqui tem coisa que nós num entendi. (LSRF44)

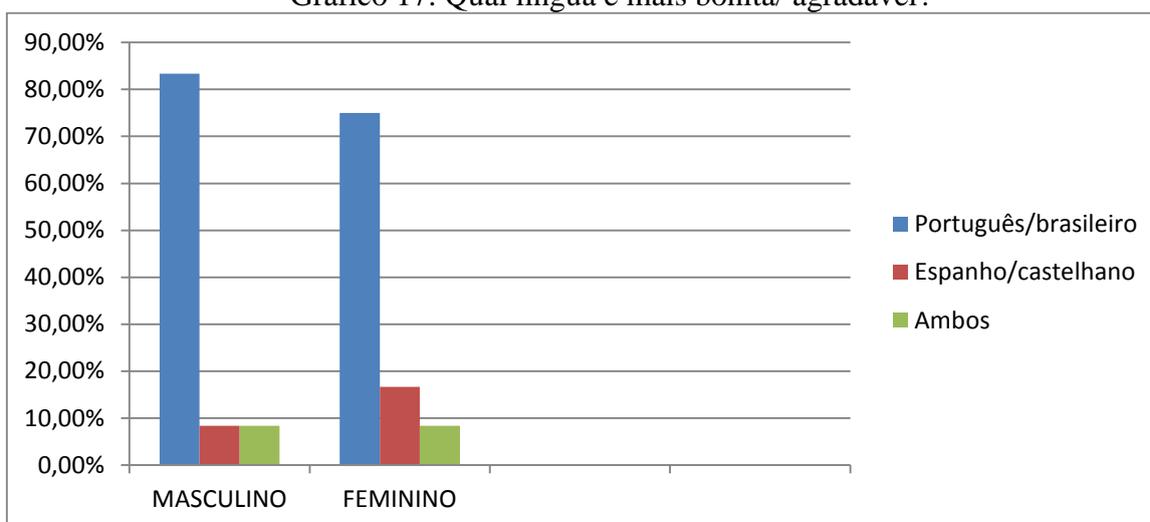
(104) Eu já num intendo o que eles falâ né... eles cunversa rápido. (ESRF58)

Como pode ser observado nos trechos acima, mesmo os nativos da fronteira que mantêm uma convivência com os bolivianos não dominam o espanhol/castelhano, o que existe é um contato onde os fronteiriços se entendem e se fazem entender, sejam eles brasileiros ou bolivianos.

#### **4.3.3. A língua mais bonita/agradável, segundo os fronteiriços da comunidade Corixa**

Outra questão dirigida aos entrevistados foi à seguinte: E qual língua é mais bonita / agradável? Tínhamos como objetivo observar o julgamento dos fronteiriços brasileiros diante da língua falada na comunidade. Em outras palavras, pretendíamos observar se existem preconceitos linguísticos com relação à língua do outro na comunidade. Percebemos que as respostas permaneceram semelhantes, ou seja, a maioria dos entrevistados julga o português/brasileiro como a língua mais bonita/agradável. A seguir, apresentamos o gráfico 17, com os referidos percentuais:

Gráfico 17: Qual língua é mais bonita/ agradável?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Das entrevistas masculinas, obtivemos os seguintes resultados: 83,33% dos homens disseram que a língua mais bonita/ agradável é o português/brasileiro, 8,33% disseram achar que o Espanhol/castelhano é a língua mais bonita/ agradável e 8,33% acham que ambas as línguas são bonitas/ agradáveis.

Apresentamos, a seguir, recortes das respostas masculinas:

(105) Português é mais bunitu né. (FVM70)

(106) Português é mais bunitu eu achu. (RROFM26)

Das entrevistas femininas, os resultados obtidos foram os seguintes: 75% das mulheres disseram que o português/brasileiro é a língua mais bonita/ agradável, 16,66% disseram que a língua mais bonita/ agradável é o espanhol/castelhano e 8,33% responderam que ambas as línguas são bonitas/ agradáveis. Seguem abaixo, recortes com os referidos posicionamentos:

(107) Eu achu o espanhol...achu bunito o jeito qui eles fala. (ACEMF20)

(108) O português né...o falâ brasileiro é mais bunitu. (ATRF70)

Como podemos constatar os entrevistados tanto do sexo masculino, quanto do feminino julgaram o português como a língua mais bonita/ agradável. Em certos momentos das entrevistas, percebemos que alguns entrevistados, ao se referirem ao espanhol/castelhano, deixavam evidenciar certas atitudes negativas com relação ao falar do outro, ou seja, ao falar boliviano, segundo Bisinoto (2000):

Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, tem a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos. (BISINOTO, 2000, p. 36)

Partindo deste pressuposto, entendemos que a comunidade Corixa é um lugar de movimento, de idas e voltas, onde brasileiros e bolivianos convivem em um mesmo espaço e partilham vivências, onde a única coisa que separa as duas Corixas é uma linha imaginária, porém, mesmo em uma comunidade plural como esta, evidenciam-se preconceitos relativos à linguagem/fala do outro. Em nossas entrevistas, percebemos que os brasileiros fronteiriços não têm a “pretensão de aprender a falar o espanhol/castelhano”, pois segundo eles os bolivianos saem da Bolívia para estudar na escola do Brasil. Assim, eles é que aprendem o português e não ao contrário, além disso, percebemos que ao falar do modo como os bolivianos falam o português, percebemos certa ironia na fala, de modo que sempre ao se referirem à fala do outro, os nativos usavam termos como “eles falam atrapalhado”, “eles tentam falar o brasileiro, mas não conseguem”, “é engraçado ver eles falando nosso português”, “a gente conversa com eles no nosso idioma”. Todas estas falas vinham acompanhadas de risos, evidenciando assim, preconceitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido em uma pequena comunidade rural denominada Corixa, localizada no Alto Pantanal Mato-grossense. Suas terras fazem parte do município de Cáceres, além de estar localizada na linha divisória com a cidade boliviana de San Mathias, ou seja, realizamos nossa pesquisa em uma área fronteiriça, porém, entrevistamos somente brasileiros<sup>28</sup> nativos da comunidade.

Nosso objetivo para desenvolver este estudo foi descrever e quantificar os usos linguísticos de [ãw] e [õ] no falar dos nativos da comunidade Corixa, e ainda analisar suas atitudes e crenças linguísticas.

Alguns destes usos linguísticos encontrados na comunidade Corixa, são típicos do falar popular brasileiro, do falar rural e até mesmo fenômenos característicos do Mato Grosso, das regiões fundadas no período do Brasil-Colônia. É o caso da realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], e do uso de [ãw] e [õ], de maneira que o uso destes fenômenos linguísticos, dentre outros, já foram atestados por pesquisadores da região Centro-Oeste do Brasil, dos quais podemos citar Silva (2000), Bisinoto (2000), Lima (2006), Macedo-Karim (2012) e Dias (2017).

Nesta pesquisa, selecionamos para descrever e analisar especificamente, o uso de [ãw] e [õ], no falar da comunidade Corixa, tendo em vista que este fenômeno linguístico apareceu com maior recorrência no falar local, como nos exemplos, mão/mon – pão/pon – limão/limon, etc.

Deste modo, apresentamos alguns dos resultados obtidos com o levantamento de dados. Em nossa pesquisa obtivemos um total significativo de uso padrão [ãw], de maneira que este totalizou 166 de usos na comunidade, valor correspondente a 36%, porém o uso do padrão regional [õ] se sobressaiu nesta localidade, apresentando 370 usos, valor correspondente a 64%.

Quanto à estratificação por sexo, o sexo masculino apresentou 74 ocorrências padrão [ãw], e 174 ocorrências de uso do padrão regional [õ], já o sexo feminino apresentou 92 ocorrências de uso padrão [ãw], e 196 ocorrências padrão regional [õ], ou seja, se compararmos os resultados podemos concluir que as mulheres da comunidade em estudo alternam os usos em maior proporção do que os homens da comunidade, pois os resultados apontam que elas apresentaram maior recorrência de uso tanto padrão [ãw], quanto padrão regional [õ].

Quanto à estratificação por idade, os entrevistados de 20 a 30 anos, da primeira faixa

---

<sup>28</sup> Neste estudo optamos em entrevistar somente os fronteiriços brasileiros, porém pretendemos desenvolver futuramente um estudo envolvendo os outros grupos que compõe a fronteira.

etária, apresentaram 89 usos de [ãw], e 41 usos da variante regional [õ]. Já os entrevistados da segunda faixa etária, de 38 a 48 anos, apresentaram 62 usos de [ãw], e 109 ocorrências de [õ]. Entretanto, os resultados apresentados pelos entrevistados da terceira faixa etária, pessoas com mais de 58 anos, apresentou 15 usos de [ãw], e 220 usos de [õ].

Ao observar os resultados das três faixas etárias, percebemos que o uso de [ãw], ocorreu com maior incidência no falar dos mais jovens, totalizando 89 usos, enquanto a menor incidência de uso de [ãw] foi apresentada no falar da terceira faixa etária. Quanto ao uso regional [õ], foi o que apresentou o maior índice de ocorrência, no falar da terceira faixa etária, totalizando 220 usos, enquanto a menor incidência de [õ] ocorreu no falar da primeira faixa etária, com 41 usos apenas. Sendo assim, concluímos que os entrevistados da primeira faixa etária, tendem ao uso da variante padrão [ãw], talvez pela escolarização ou pela própria atitude linguística destes jovens. Já a segunda e a terceira faixas-etárias, apresentaram maior ocorrência de uso do padrão regional [õ].

Tal fato também pode estar associado à escolarização dos entrevistados, tendo em vista, que dos nossos entrevistados pertencentes à faixa etária mais jovem de 20 a 30 anos, todos possuem algum grau de instrução, variando apenas de ensino fundamental incompleto á ensino médio completo. Em relação a segunda faixa etária que compreende ao grupo intermediário, pessoas de 38 a 48 anos, o grau de instrução deste grupo também varia, haja vista, que este grupo é composto por pessoas sem nenhuma escolarização, até aqueles que concluíram o ensino médio. Já o terceiro grupo dos mais velhos, que é formado por pessoas com mais de 58 anos, é composto apenas por pessoas sem nenhuma escolaridade<sup>29</sup>.

Tais fatos nos levam a pensar na hipótese de que estes fatores podem estar relacionados com os nossos resultados, isso por que os grupos que apresentaram os maiores índices de ocorrências do uso de [õ] são os grupos sem escolarização, ou seja, os que não tiveram acesso às normas da língua e conseqüentemente mantêm em sua fala esse uso linguístico, porém tal fenômeno linguístico também pode estar vinculado à atitude destes entrevistados diante de sua fala.

Quanto às atitudes linguísticas da comunidade Corixa, percebemos que os nativos têm um posicionamento bem seguro com relação à sua, língua, sua cultura, sua nacionalidade e o seu modo de vida. Em nossa pesquisa constatamos que a maioria dos entrevistados gostam do lugar onde vivem, por ser tranquilo, calmo, em meio à natureza, enfim para eles aquele é o melhor lugar para se viver.

---

<sup>29</sup> Apresentamos estes dados na tabela 6.

Como a comunidade está localizada em uma área fronteira, o fluxo de bolivianos na Corixa brasileira é constante, por este motivo falar de fronteira e de língua fronteira é um assunto muito abrangente e complexo, tais proposições nos fazem pensar em outras possibilidades de estudos.

Encontramos na Sociolinguística, o suporte teórico e metodológico necessário para o desenvolvimento desta pesquisa, de maneira que a teoria nos forneceu os subsídios para analisar os usos [ãw] e [õ] na comunidade Corixa, bem como, as atitudes e crenças linguísticas dos nativos da comunidade, ou seja, os nossos objetivos foram alcançados.

Acreditamos que os estudos sociolinguísticos ainda irão avançar consideravelmente no Estado de Mato Grosso, tendo em vista que esta região possui uma vasta fonte para pesquisadores da área, o que abre novas possibilidades de estudo. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para futuros estudos linguísticos, sobretudo, em Sociolinguística.

Como contribuição para a comunidade, pretendemos apresentar este estudo para os moradores da comunidade e salientar que os usos linguísticos presentes no falar local, se caracterizam como uma variação regional, e podem também ser encontradas em outras regiões de Mato Grosso, ou seja, falaremos com a comunidade sobre esta variação regional, por meio de palestra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIB-Atlas Linguístico do Brasil, 2001.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez. p. 21- 47, 2004.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “cidades trigêmeas”: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. 1ª. Ed-São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BRIGHT, William. **As dimensões da sociolinguística**. In: FONSECA, M.S.V. & NEVES, M.F., (Orgs.). **Sociolinguística**. (Tradução de Elizabeth Neffa Araújo Jorge). Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola, 2002.

CASTRO, Antonilma Santos de Almeida. **Língua e identidade: Problematizando a diversidade linguística na escola**. Feira de Santana, n°. 37, p. 135-149, 2007.

CINTRA, Geraldo. **Transcrição da fala corrente: teoria e observação**. Estudos linguísticos XXI- Anais de Seminário do GEL. Jaú: Fundação Educacional “Raul Bauab”, Vol. I, pág. 614-620, 1992.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. **Gurutubanos: língua, história e cultura**. Pontifica: Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

DIAS, Jaqueline da Silva. **O falar Poconeano: um estudo sobre as variedades linguísticas em uso**. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

ESPIGA, Jorge. **Como se combinam a mudança e o contato linguístico: a regra telescópica da lateral pós vocálica na fronteira dos campos neutrais**. IN: **Variação e mudança no português falado na região sul**. VANDRESSEN, Paulino (Org.). Pelotas: Educat, pág. 69-94, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

JANUÁRIO, Elias. **Caminhos da fronteira: educação e diversidade em escolas da fronteira Brasil-Bolívia (Cáceres/MT)**. Cáceres- MT: Editora UNEMAT, 2004.

LABOV, William. (1972). **O quadro social da mudança linguística**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 301-373.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011.

LAMBERT, Willian Wilson, LAMBERT, Wallace Ear. **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4ª. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1975.

LIMA, Adélia Maria de Souza. **Aspectos da variedade do português brasileiro falado em Vila Bela/MT: nasalidade**. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

LIMA, José Leonildo. **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres: História da administração municipal**. Cáceres-MT: 2º ed, Editora UNEMAT, 2009.

\_\_\_\_\_. **História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada**. Cáceres-MT: Editora UNEMAT, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. IN: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução á Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Traduzido do alemão por Mário Eduardo Viáro. São Paulo: Globo, 2008.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. **O falar cuiabano em Mato Grosso – Estigma, Status e Atalhos**. IN: **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Orgs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. p. 139-165, 2005.

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo**. IN: **Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação/** Mollica, Maria Cecília e Braga, Maria Luiza (Orgs.) 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Crenças e atitudes na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas de contato**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

PÓVOAS, L. C. **Mato Grosso – um convite à fortuna**. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda, 1977.

SILVA, Fernando Jesus da. **Língua, Escola e Fronteira: entre aprender a e aprender sobre língua nacional**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado de Mato Grosso, 2012.

SILVA, Kalina Vandelei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos históricos**. Editora Contexto-SP, 2006.  
Acesso em: [www.igtf.rs.gov.br](http://www.igtf.rs.gov.br).

SILVA, Mariza Pereira. (2000). **Um Estudo de Variação Dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT**. Campinas-SP: IEL – UNICAMP, 2000.

SILVA NETO, Serafim da. **Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

\_\_\_\_\_. **História da língua portuguesa**. 2ª. ed. aumentada, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SILVA, Tomaz da. **Identidade e diferença: a proposta dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2004.

SCHERRE, Pereira Maria Marta & NARO, Anthony Julius. **Garimpendo as origens do português brasileiro: sobre três estruturas linguísticas radicais**. IN: **Garimpo das origens do português brasileiro**. Maria Marta Pereira Scherre (Org.). São Paulo: Parábola Editorial. p. 71-116, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

## **ANEXOS**

### **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

1. Número do áudio do informante:

1.1. Nome:

1.2. Sexo:

1.3. Idade:

1.4. Naturalidade:

1.5. Estado civil:

1.6. Naturalidade da esposa/o:

1.7. Escolaridade:

1.8. Profissão:

1.9. Atualmente:

1.10. Endereço atual:

1.11. Você já viveu fora da Corixa? Por quanto tempo?

2. O pai

2.1. Naturalidade:

3. A mãe

3.2. Naturalidade:

4. Observações quanto ao comportamento geral do informante durante a entrevista.

---

---

## QUESTIONÁRIO

1. Você gosta de morar aqui na Corixa? Por quê?
2. Você tem satisfação em ser brasileiro? Por quê?
3. O que você acha do clima da Corixa?
4. Você conhece alguma lenda? Qual?
5. Você já ouviu a lenda do minhocão? (Se a resposta for Sim, pedirei que me contem a lenda)
6. Como você acha que as pessoas de fora veem os moradores da fronteira?
7. Você acha que existe algum tipo de rivalidade / desentendimento entre os moradores daqui?
8. Em sua opinião, que língua é considerada mais importante aqui na fronteira: o português ou o castelhano/espanhol? Por quê?
9. Em sua opinião, qual língua é mais fácil para aprender o português ou o castelhano?
10. Por que você acha o castelhano mais difícil? (Vai depender da resposta)
11. E qual língua é mais bonita / agradável / melhor?  
( ) Português                      ( ) Castelhano
12. (Se o português é mais bonito) Cite exemplos do que você acha feio no castelhano. (Vai depender da resposta)
13. Você tem amigos bolivianos?
14. Como vocês se conheceram?
15. (Em caso de resposta negativa) Porque não?
16. Você mora em uma área de fronteira, mas, na sua opinião o que é uma fronteira?
17. Qual é a diferença entre brasileiros e bolivianos?
18. Qual é a diferença entre o português e o castelhano/espanhol?
19. O que você mais gosta da cultura popular brasileira?
20. Você já passou algum perigo de morte?
21. Você pode me contar como aconteceu?
22. Para você o que significa a palavra bugre?
23. Quem é o bugre?
24. Quais são as principais características do bugre?
25. Você conhece a viola de cocho?
26. Você conhece alguém que toque esse instrumento?
27. Vocês costumam ter plantações em casa? (Se a resposta for sim)
28. O que vocês costumam cultivar nestas plantações?
29. Quais são as comidas típicas daqui da fronteira?

30. Quais são as bebidas típicas deste lugar?
31. Vocês costumam participar de festas religiosas/de santo? (Se sim)
32. Quais são elas?
33. Você poderia narrar/contar como acontece os preparativos desta festa?
34. Qual é o lugar onde acontecem as festas/ onde se reúnem para as festas?
35. Vocês conhecem muitos remédios caseiros?
36. Você poderia me ensinar alguma receita de remédio?
37. Vocês costumam ter criações de animais? Quais animais vocês criam?
38. Qual é aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas? (ALiB, p.7)
39. Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando a imagem de um ponto a outro? (ALiB, p.15)
40. Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus? (ALiB, p.15)
41. Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? (ALiB, p.16)
42. Como se chama a ponta roxa no cacho da banana? (ALiB, p.25)
43. De que programas de televisão você / o (a) senhor (a) gosta mais? Por quê? (ALiB, p.45)
44. Você / o (a) senhor (a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho. (ALiB, p.45)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

O objetivo dessa pesquisa é destacar alguns aspectos no falar dos moradores da comunidade Corixa, sendo que esta comunidade fica situada entre Cáceres/Brasil e San Matias/Bolívia. Pretendemos observar a fala dos moradores da Corixa, além disso, pretendemos conhecer a cultura dos moradores desta comunidade, queremos conhecer suas tradições, as comidas, as bebidas, as danças e festas locais. Analisaremos ainda, se os moradores da fronteira gostam/acham bonito ou se acham feio/diferente o falar local, e com isso queremos verificar se a atitude de aceitação ou de rejeição interfere na maneira como o morador da fronteira percebe sua língua e cultura. Os benefícios esperados por meio desta pesquisa são: mostrar/divulgar o falar da comunidade, ou seja, queremos com nosso estudo, apresentar a língua de fronteira bem como, chamar a atenção de outros estudiosos para essa região, para que, futuramente, tenhamos produções relacionadas às diversidades linguísticas e culturais dessa região fronteira. Além disso, gostaríamos de contribuir com a preservação da língua e da cultura local, por meio da divulgação deste trabalho de pesquisa, através de publicação. Os riscos estão relacionados ao fato do entrevistado, sentir que seus serviços/atividades habituais foram interrompidas/atrapalhadas pela entrevista, ou pensar que a entrevista está acontecendo em um momento inconveniente. Pode ocorrer ainda de o participante se sentir incomodado com a duração da entrevista, que tem previsão de 1 hora, aproximadamente. Ainda, pode acontecer de o participante, durante a entrevista, falar de assuntos pessoais, fatos que possam expor sua imagem diante da sociedade. Porém, os participantes não precisam se preocupar, pois, nos comprometemos em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com o horário disponível de cada participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações pessoais que o participante relatar, nos comprometemos em apagá-las, eliminando qualquer risco de divulgação de informações pessoais dos participantes. Além disso, os informantes não precisam responder às perguntas se não quiserem, e poderão expor algum detalhe que os incomode em qualquer momento e até mesmo desistir de participar da entrevista. O participante da entrevista receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o seu Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhamento/tratamento usual. Comprometemo-nos ainda, em disponibilizar para a comunidade Corixa uma cópia da pesquisa, com os resultados obtidos. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

RG/ou CPF \_\_\_\_\_

Responsável pela Pesquisa: \_\_\_\_\_